



Programa Ser Capaz

4ª Edição

Maio / 2007 - Dez / 2007

Índice

Apresentação	04
Treinamento para utilização do SISCON	05
1º Encontro de Parceiros	07
Reunião sobre o Cadastro	37
2º Encontro de Parceiros	39
III Seminário Ser Capaz – CCBB	74

Equipe

Instituto Desiderata:

Diretora Executiva

Beatriz Azeredo

Gerente da Área de Desenvolvimento de Crianças e Jovens

Roberta Costa Marques

Gerente Administrativa

Valéria Canellas

Instituto Fonte – Tião Guerra

Apresentação

A Área de Desenvolvimento de Crianças e Jovens tem por objetivo contribuir para a garantia dos direitos ao Desenvolvimento (educação, lazer, profissionalização e cultura) e à Integridade (dignidade, respeito, liberdade, convivência familiar e comunitária) de crianças e jovens, inicialmente no Estado do Rio de Janeiro.

Para tanto, dentro dessa Área, o Programa Ser Capaz financia instituições sem fins econômicos, tendo em vista a ampliação da oferta de oportunidades educativas para crianças e jovens, bem como o fortalecimento de suas famílias. Além disso, o Instituto acredita ser fundamental realizar as seguintes atividades:

- Apoio à capacitação e fortalecimento institucional, preparando estas organizações para se tornarem exemplares nas suas áreas de atuação;
- Criação de condições para um maior intercâmbio entre as instituições parceiras, viabilizando a geração de conhecimento e a produção de metodologias de trabalho.

É no âmbito dessas três ações que o Instituto preparou este material que reúne os registros das atividades desenvolvidas ao longo da 4ª edição do Programa Ser Capaz, de maio de 2007 a dezembro de 2007. Compêndios dos registros relacionados às 1ª, 2ª e 3ª edições também foram realizados e encontram-se disponíveis no Instituto.

Fazem parte ainda desta 4ª Edição os seguintes materiais: o Manual de Relacionamento com as Instituições Parceiras, Guia para Apresentação de Projetos, o Livro de 4 anos do Programa Ser Capaz, e o Edital do Programa Parcerias para Educação, que estão disponíveis no Instituto.

Reunião de treinamento do
SISCON

Sexta-feira, 25 maio de 2007

Reunião de treinamento do SISCON

Esse sistema informatizado de controle financeiro gera relatórios de prestação de contas com o objetivo de reportar, de forma transparente, as despesas realizadas com os recursos repassados. O SISCON é resultado do aperfeiçoamento do GEFIN – ferramenta de prestação de contas criada por Mario e Cléia Silveira, do Pool de Calculista –, cedido ao Desiderata em 2005. A partir de então, o Desiderata contratou os serviços de Rodrigo Rocha e Luis Eduardo Guedes, da Overview Pesquisa, para aperfeiçoarem o sistema de acordo com as solicitações e críticas dos parceiros, atendendo ao Ser Capaz e podendo ser aplicado também à área de Oncologia Pediátrica. Mais que um instrumento de controle administrativo, o SISCON funciona como um auxiliar à administração financeira das instituições como um todo, tornando-se uma peça chave para o alcance de uma importante meta do Instituto: o fortalecimento institucional.



I Encontro das Instituições Parceiras

Terça-feira, 03 Julho de 2007 das 08:30 h às 17:30h

Local: R. Jardim Botânico 674, cobertura

I Encontro das Instituições Parceiras

Preparação

Tião Guerra, do Instituto Fonte, apóia o Programa Ser Capaz no planejamento, organização e facilitação dos Encontros, juntamente com Beatriz Azeredo e Roberta Marques, ambas do ID.

Diferente dos encontros da 3ª edição do Programa, que foram voltados para as equipes e para temas relacionados ao projeto e à instituição onde estavam inseridos, nesta edição haverá apenas dois encontros de parceiros que abordarão temas mais estratégicos e, portanto, os participantes do encontro serão os gestores e os coordenadores de cada projeto, com o objetivo de tornar o encontro menor e mais ágil nas discussões estratégicas para as instituições. Além disso, acatando a outra sugestão do grupo, retomamos a proposta de trazer convidados externos para provocar a discussão.

Nesse sentido, o 1º Encontro da 4ª edição do Programa Ser Capaz foi organizado com base em duas preocupações principais: dar boas vindas às novas instituições parceiras: Ballet de Santa Teresa e Circo Baixada; e abordar o tema Políticas Públicas, sugerido no último encontro de gestores, com uma participação externa, que foi conversado com a Leilah Landim.

Dessa forma, esta equipe pensou em organizar o Encontro da seguinte forma: na parte da manhã, dar boas vindas aos novos parceiros e realizar um trabalho em grupo para que todos pudessem abordar rapidamente qual o seu foco, sua causa e o que entendem por influenciar políticas públicas. Na segunda parte do dia, Leilah Landim fazer um retrospecto da relação sociedade civil e Estado, provocando o grupo para a plenária sobre políticas públicas locais. Segue abaixo a lista de participantes do Encontro:

Participantes

- Instituto Desiderata: Beatriz Azeredo e Roberta Marques; Associados ID: Ângela Nogueira; Convidados: Leilah Landim; Paula Rocha e Sheila Najberg (Instituto Dynamo); Carolina Tannure (Simplesmente Comunicação); Consultores ID: Tião Guerra (Instituto Fonte)
- Instituições Parceiras: Afroreggae: Nilzete Cavendish; Ballet de Santa Teresa: Vânia Farias e Alessandra; CEASM: Edson Diniz e Viviane Couto; Circo da Baixada: José Cândido Boff e Glúcia Brito; Crescer e Viver: Bárbara Silveira e Junior Perim; Espaço Compartilharte: Vera Alcântara; NEAC: Cristiane Nogueira, Amanda Nogueira e Selma Pacheco; Praticável: Elaine Cristina e Cristiane Neves; Spectaculu: Kátia Oliveira.

Manhã

Tião Guerra fez a abertura do Encontro contando dois relatos que envolvem a participação em espaços públicos de discussão, introduzindo o tema do dia: Políticas Públicas e o papel da sociedade civil. Ressaltou o outro objetivo importante do dia: acolher o Ballet de Santa Teresa e o Circo Baixada ao grupo e falar um pouco desta 4ª edição. Tião seguiu perguntando quem não poderia estar o dia todo e fazendo acordos com o grupo. Vânia Farias, do Ballet de Santa Teresa disse que terá que sair por conta da eleição do CMDCA, que talvez será a próxima presidente e Kátia, do Spectaculu, disse que seria substituída por outra pessoa, pois está estreando a peça de final de curso da Spectaculu.



Beatriz Azeredo dá boas vindas aos novos parceiros: “Boas vindas para todos e todas. Quem acompanha esse trabalho desde 2004 sabe a importância que o Instituto dá para esse espaço, não só de aprendizado para o Instituto, mas para todas as instituições envolvidas. Estamos agora com um grupo um pouquinho diferente, seguindo nessa curta edição, até dezembro com sete instituições que já estavam desde 2004, o NEAC em 2005 e a duas novas instituições, o Ballet de Santa Tereza e o Circo Baixada, a maior alegria poder contar com a chegada de vocês nesse grupo. Tem uma terceira instituição que é o Se essa rua, mas que a gente ainda não formalizou por questões de documentação, estão em vias de serem solucionadas, então eles devem se incorporar no grupo ainda esse ano, a gente espera. Não obstante convidamos o Cláudio para participar desse espaço, então ele deve estar chegando”.

“Como é um ano curto, a edição é curta, e vamos ter mais um encontro, que é 20 de setembro. Como vocês perceberam fizemos um convite para os chamados gestores de cada organização e coordenador do projeto, diferente dos encontros anteriores que tínhamos a idéia de trazer as equipes envolvidas. Como só temos duas datas, resolvemos concentrar. É um momento de preparação e de aperfeiçoamento do programa para o ano seguinte. Precisamos criar um grupo de trabalho, uma força-tarefa com os gestores e os coordenadores para discutir questões que me parecem centrais para o Instituto e para cada um de vocês”.

“Na equipe hoje do Instituto temos a Carolina, que está nos apoiando na questão de comunicação, nas notícias que começam a chegar por semana. É uma idéia de estarmos divulgando não só as ações do Instituto como também de cada uma das instituições. A Carolina está aí para sentir um pouco o clima, a energia e conhecer cada um de vocês. Temos também o Instituto Dynamo que vocês já conhecem, mas para quem não conhece, a Paula e a Sheila, fazem parte dessa instituição, que é parceira do Ser Capaz, investe no Programa Ser Capaz já desde o ano passado e também agora nessa edição. Elas acompanham também de perto esse trabalho em grupo”.

Beatriz anunciou que as boas vindas às novas seriam feitas de forma diferente. A Cristiane, do NEAC, faria as boas-vindas para o Ballet de Santa Teresa e o Junior, do Crescer e Viver para o Circo Baixada. Para enfeitar esse momento tão especial, a Amanda Nogueira, do Ballet de Santa Teresa apresentou um solo de ballet aos novos parceiros.

Cristiane Nogueira (NEAC): “Nós estamos muito felizes de ter recebido o convite para receber o Ballet de Santa Teresa, porque a gente estava conversando sobre a necessidade de receber quem chega com muito carinho, porque nós somos uma instituição que não entramos no primeiro ano, entramos no segundo e sabemos que é um pouco difícil entrar em um grupo já formado. Nós escolhemos trazer a Amanda não porque ela é minha filha, mas porque a Amanda tem uma coisa na vida dela que fez ela chegar aonde ela chegou chamada parceria. A Amanda quis fazer balé desde pequena e nós não tínhamos condição, e quando o Desiderata entra para o NEAC, como já haviam outros parceiros que apoiaram balés para jovens e adolescentes e ela não pode participar, ela organizou um complô com as crianças do NEAC de que aquele balé teria que ser para crianças. E ela começa ali o balé contemporâneo no NEAC e em três meses um grupo de conselheiros do Instituto vai até lá e fala “Essa menina não pode ficar só aqui, ela tem que ir para algum outro lugar e ela tem uma história para criar na dança.” Aí entra a parceria, não foi trabalho do NEAC e nem apenas do Desiderata, foi um trabalho do Compartilharte e um trabalho do Dançando para não dançar também, porque até ali ela só conhecia o universo do balé contemporâneo, então a gente levou as crianças do NEAC ao Compartilharte para assistir o Dançando para não dançar. Quando ela voltou ela acabou com a minha vida, acabou com a organização do NEAC, ela falou “É isso que eu quero para mim, eu quero ser bailarina clássica”. Então isso é parceria!

“Eu li esses dias uma frase que eu nunca mais vou esquecer e vou repensar meus projetos “Criança não é risco é oportunidade”. Todas as crianças são oportunidade sim e Amanda recebeu a única coisa que a gente poderia dar a ela que foi uma oportunidade. Ela conseguiu uma bolsa do Centro de Arte e Dança da Companhia Alice (inaudível o nome), que é uma bolsa de 8 anos, profissionalizante, então ela não vem apenas pelo NEAC ela vem também pelo CAD”.

Cristiane apresentou Amanda e as informações de sua coreografia. Amanda Nogueira concorreu com essa coreografia com 150 crianças e jovens em um festival no Centro Coreográfico e ganhou prêmio de incentivo à dança com o solo o espetáculo no final de ano A Bela Adormecida e foi indicada para participar do Festival de Barcelona.

Após o belíssimo espetáculo de Amanda, Cristiane apresentou com muito carinho o Ballet de Santa Teresa, dando boas vindas à Vânia Farias e Alessandra, que estavam presentes no Encontro. Segue a fala de Cristiane:

A gente não pode falar de instituição sem falar da palavra semente. Sementes são coisas que a gente pode lançar e colher os frutos dela. Amanda veio na frente representando as flores, todas as flores que todos nós plantamos quando damos a outro a oportunidade. Para falar das flores temos que conhecer a jardineira, ela é a Vânia Farias, bailarina clássica, primeira secretária do CMDCA e diretora do Ballet de Santa Teresa.

A semente. No ano de 1999 meninas de bairro de Santa Teresa solicitam aula de balé clássico. O chão ela encontrou. Em pesquisa estatística de opinião comprovam o distanciamento entre esse público alvo e a área de lazer e cultura, o trabalho necessário para o plantio, não é? Balé clássico, dança espanhola, história da arte e da dança, psicomotricidade, recreação, reforço escolar, educação preventiva para a saúde, inglês, expressão teatral, capoeira, artes plásticas, mães artesãs, apresentações e visitas. São os trabalhos que eles desenvolvem.

Os frutos que eles vêm colhendo. A integração social, a educação escolar, a diminuição do trabalho infantil,

a saúde preventiva, o embasamento cultural, a parceria. Isso é o que a gente deseja de todos vocês. O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade em que elas acontecem, por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Eu queria dizer que quando eu fui fazer o estudo sobre o Ballet de Santa Teresa não me pareceu muito difícil porque parece que as histórias da gente são todas muito parecidas, alguns estão mais dentro da comunidade, alguns estão mais fora, mas geralmente a essência é a mesma. E esse movimento muitas vezes vem das próprias crianças como procuraram por ela para o balé. Mas interessante é que – eu não sei se os dados estão atuais que tive que fazer a pesquisa na Internet – mas ela tem 150 crianças em seis grupos de 3 anos e meio a 18 anos, mas o que eu achei muito rico, porque eu já pensava assim, é que ela tem 94% das vagas para as crianças das comunidades de Santa Teresa, e 6% para filhos de artistas, intelectuais. Quando ela mostra os resultados e fala que diminuiu a desigualdade é porque quando ela possibilita que crianças convivam no mesmo espaço independente da sua classe ela possibilita não apenas o filho daquele que não pode sonhar, e às vezes os sonhos são possíveis, como aqueles que têm a se tornarem futuros adultos e cidadãos críticos. Eu queria dar parabéns a você, que sejam muito bem-vinda, quero muito aprender mais com você e fico feliz. Em meu nome, em nome do Desiderata, em nome de todo o grupo, em nome da Amanda.

Vânia Farias (Ballet de Santa Teresa) adorou a surpresa da apresentação de ballet e agradeceu muito a apresentação da Cristiane e em seguida Junior Perim apresentou carinhosamente o Circo Baixada, conforme fala a seguir.

A gente pensou em trazer uma atração artística para apresentar o Circo Baixada e viria o Vinícius, que é o coordenador do Crescer e Viver e que também é palhaço, mas palhaço no circo social tem que escrever projeto, e o Vinícius ficou implicado aí na finalização desse projeto, então o palhaço Gargalhada não veio, mas vai ter outra oportunidade e ele já esteve aqui.

Mais do que falar do trabalho social que o Circo Baixada desenvolve, a metodologia é um pouco parecida e similar com o que a gente faz, que o próprio Se Essa Rua faz, e que agora está chegando como parceiro também. Num encontro como esse em que a grande provocação vai ser discutir influir em políticas públicas, mobilizar atores sociais para influência e desenvolvimento de políticas públicas eu acho que é citar um pouco da história do Circo Baixada. A gente não conhece toda a história mas o tempo de relação que a gente tem construída com o Circo Baixada, nos mostra a capacidade que esse ator tem de mobilizar um território inteiro, uma cidade inteira que é a cidade de Queimados, para discutir desenvolvimento de crianças e jovens, para discutir possibilidades de parcerias entre poder público e privado, para a promoção e garantia de direitos através de políticas públicas.

Acho que o Circo Baixada mais do que a representatividade, a expressão que tem na cidade de Queimados, e que eu particularmente já tive a oportunidade de ver, tem um processo que é diferente, com certeza, de boa parte de nossas organizações, a gente que está no Rio de Janeiro onde tem muitas instituições, o Ballet de Santa Teresa que teve agora essa vitória esplendorosa no Conselho, na Conferência Municipal, e a gente está aqui com um monte de organizações, com um monte de lideranças, enfim, uma capacidade enorme de promover sinergia social e mudar a situação de risco das crianças e jovens do Rio de Janeiro. Na Baixada Fluminense não, a gente ainda precisa avançar um pouco em Queimados, particularmente,

precisa avançar um pouco e precisa de liderança. O Circo Baixada tem sido uma organização não só capaz de liderar esse processo de construção de rede, de mobilização de território, mas de exercer esse papel de liderança com uma qualidade que poucas organizações na Baixada Fluminense conseguem exercer, salvo aí também o exemplo da Casa da Cultura em São João do Meriti que tem um trabalho maravilhoso, eles são um pouco isso, uma organização que representa o pensamento coletivo mais avançado a favor do direito em Queimados. Isso não é uma apresentação do tipo “Todo mundo faz sempre um elogio quando está sendo bem-vindo”, a gente acompanha esse movimento, vive isso de perto, sabe que isso acontece. Andar com o Zé pelo Circo Baixada em Queimados e chegar ao restaurante e ver toda a equipe de governo e ele cumprimentar, o Circo Baixada, o secretário de assistência, vice-prefeito, secretário de cultura, enfim, os atores públicos reconhecendo. E também ver a população quando a gente está ali caminhando pelas ruas do Circo Baixada cumprimentando, agradecendo pelo trabalho, dando uma palavra de afeto, dando um abraço é uma demonstração da liderança que essa instituição exerce. Então muito mais do que chegarem aqui para aprender com esse grupo eu acho que vocês vão ter muito para nos dar, porque só depois de três anos ainda que a gente vem construindo esse caminho ao longo de três anos o Instituto Desiderata decide nesses oito meses criar uma ponte para a gente trabalhar com política pública. Então não tenho dúvida que essas duas organizações que chegam acumulam uma experiência nessa área e tem muito a dar a cada um de nós que está aqui há 3 anos ainda remoendo essa história, mas com certeza também acumulando aprendizado com essa força dessas duas organizações que chegam.

José Boff, dirigente do Circo Baixada, agradeceu as palavras do Junior e completou: “(...) fortalecer essa articulação parte muito mais de uma consciência que não podemos resolver todos os problemas sozinhos. Essa intencionalidade que a gente tem de articular, participar de redes diversas, só fortalece essa nossa concepção de que é possível fazer uma coisa desde que a gente esteja com outras organizações, com outras pessoas. Agradeço sua palavra, a recíproca é verdadeira também”.

Tião Guerra apresentou o exercício que compreendia responder brevemente 4 perguntas em grupo por instituição e em seguida todos colocaram na pare de para que o grupo pudesse visualizar o conjunto. As perguntas são as seguintes:



1. Qual a nossa causa?
2. Que foco de atuação escolhemos para trabalhar esta causa?
Público alvo, região, recorte temático, etc. Como chegamos a este foco?
3. Considerando o foco que escolhemos para nossa ação, é possível reconhecer nele algum direcionamento (através de exemplos) para influenciar políticas públicas? Dito de outra forma, que passos temos dado com nossa ação na direção de influenciar políticas públicas?
4. Baseado no(s) exemplo(s) da pergunta 3, tentemos definir o que entendemos por “influenciar políticas públicas”?

Após as discussões em grupo, Tião Guerra leu as duas primeiras questões de cada um e o grupo apresentou as questões 3 e 4.

CRESCER E VIVER, SÃO GONÇALO:

1 e 2 - A causa do Crescer e Viver é a formação de sujeitos capazes de trabalhar pela construção de uma sociedade justa e democrática, e essa causa está dentro da missão e dos objetivos do Crescer e Viver.

Para formar esses sujeitos o Crescer e Viver trabalha com crianças e adolescentes nos territórios onde a instituição está presente, município de São Gonçalo, e Centro do Rio de Janeiro, e o foco de trabalho com crianças, adolescentes e jovens é a cultura e suas dimensões simbólicas educacionais, sociais e produtivas.

3 e 4- Na verdade isso foi produto da reflexão que o próprio projeto apoiado pelo Desiderata provocou sobre o que é influenciar em políticas públicas. A gente tem aí diferentes conceitos. Para nós isso é muito mais uma interrogação do que já ter um conceito construído na cabeça. O que temos observado é um profundo processo de desmobilização da sociedade, quer dizer, é histórico, as pessoas estão cada vez mais desacreditadas, não se mobilizam para nada, cada vez são mais fatalistas, não têm perspectivas de que as coisas vão mudar eu espero uma própria ação dos atores organizados da sociedade que buscam influir em políticas públicas e o que a gente vê também é um determinado formalismo, um conformismo com determinadas estruturas e uma incapacidade grande ainda de mobilizar e produzir uma pressão maior. Fica aquela coisa no plano de cada um de nós tem uma capacidade retórica de chegar ali, de debater, de estar no conselho e a gente vê a população mobilizada, estruturada, consciente e capaz de efetivamente mudar os conceitos de condição que ela vive. A aposta da nossa reflexão tem sido avaliar isso, é uma verdade factual, a população está desmobilizada não é uma interpretação do Crescer e viver, a gente vê isso nas ruas. A não ser aquelas mobilizações que acontecem em função da mídia, das comoções sociais que colocam lá no jornal e o cara sai botando bandeirinha branca na janela e depois acabou aquele passo que é uma situação importante, mas não gera consciência coletiva na nossa avaliação. A gente entende que influir em políticas públicas hoje é dar um primeiro passo no resgate dessa capacidade de mobilização da sociedade, por isso na aposta da construção do sujeito. E a relação disso com o que fazemos é a nossa própria proposta metodológica, a nossa prática educativa, a nossa prática social que é trabalhar com os 3 eixos, com os 3 sub-sistemas que a nossa metodologia inclui a família, a escola e as comunidades, esses são sistemas que estão indicados no processo de desenvolvimento do nosso público-alvo que são crianças e jovens. Essa é a nossa viagem. Esse trabalho com o Desiderata, e aí isso está um pouco dentro do projeto que estamos executando esse ano, tem um foco muito maior hoje em São Gonçalo. São Gonçalo é uma cidade marcada pelo imobilismo social e a gente está querendo resgatar essa mobilidade social da cidade com atores conscientes, com atores capazes de entender os direitos, de promover ações de visibilidade, de se organizar para garantia e promoção de direitos.

Eu, por exemplo, fui conselheiro em São Gonçalo no direito da criança, no conselho de saúde, fui conselheiro de assistência, São Gonçalo teve o primeiro Conselho Municipal de Assistência Social do Brasil. Nesses espaços públicos formais que a constituição criou para gerar participação, para promover possibilidade de controle gera uma reflexão para todos. Anos depois você volta lá e está o mesmo cara, está a mesma instituição, o mesmo processo. Por mais minimalista que seja o problema a gente encontra dificuldade em mobilizar as pessoas. E aí como é que resgata isso?

BALLET DE SANTA TERESA

1 e 2 - A causa do Ballet de Santa Teresa é a integração e desenvolvimento sócio-cultural de crianças, adolescentes e familiares e eles encaminham essa causa a partir da complementação e do embasamento cultural e educacional. O público do Ballet de Santa Teresa é formado por crianças e adolescentes, famílias residentes nas áreas de risco do bairro de Santa Teresa e no entorno. Eles chegaram a esse território através da observação do distanciamento sócio-cultural das populações da favela e do asfalto.

3 - A questão de Santa Teresa é bem diferente do Crescer e Viver. Santa Teresa tem uma população bem diferenciada até do resto da cidade. Temos um nível de alfabetização mais elevado que o resto da cidade, a renda per capita das famílias é relativamente elevada e a população de Santa Teresa é mobilizada, o que é pouco comum em outras áreas da cidade. Um assalto a uma casa em Santa Teresa sai em todos os jornais e às vezes você pensa que o bairro é muito violento. O bairro é o menos violento de toda zona sul, só que a população de Santa Teresa tem essa característica de mobilização, tanto que a primeira Agenda 21 do Brasil é de Santa Teresa e a única Agenda 21 implementada no Brasil que a gente diz que é uma Agenda 21 implementada apesar do poder público. Só que Santa Teresa tem uma outra característica que é a questão cultural. É um bairro que você tem 4 museus, um monte de centros culturais, um mundo de ateliês, então a cultura atende no bairro. Só que tinha um distanciamento, um abismo cultural gigantesco entre a população moradora das favelas e a população moradora do asfalto. Tem um morro onde todos moramos, em Santa Teresa isso é muito democrático, todos nós ali estamos vivendo no morro, e a proximidade física das favelas é o seu vizinho do lado, ele pode estar na favela e você não, essas áreas se misturam muito dentro do bairro, mas o abismo cultural era gigantesco quando eu comecei o trabalho no Colégio Santa Teresa. Eu digo eu porque sou uma ditadora anarquista, as pessoas me acham um pouco ditadora, e na questão da política pública eu acabei trazendo muito dos meus ideais para dentro da instituição. A instituição tem apenas 5 anos e com 3 anos já tínhamos assento no Conselho de Direito da Criança e do Adolescente. Eu sou um pouco meio cérebro porque a gente quer mudar o mundo. Isso foi uma experiência um pouco sofrida para a instituição porque tivemos que fazer mudanças drásticas, muitas vezes arriscando o próprio trabalho para conseguir manter essa ideologia de querer mudar o mundo, ou seja, dar mais oportunidade para aquelas famílias e crianças, é realmente construir um mundo melhor. Então o caminho que nós encontramos foi procurar os espaços onde se discute políticas públicas, porque desde o início vimos muito bom resultado com a nossa metodologia tanto que em cinco anos gravidez na adolescência é zero, repetência é raro ter aluno nossa que tenha problema de repetência escolar, boa parte das famílias envolvidas conseguiu uma melhoria na qualidade de vida, então os resultados são bons, mas muito pontuais. Na realidade 150 para a realidade de Santa Teresa não está atendendo quase nada! Eu atendo muito pouco! A gente via que a metodologia era boa, então nosso primeiro passo em direção a política pública foi reduzir essa metodologia e levar isso para dentro do CMDCA, isso logo no nosso segundo ano de atuação, entramos com pedido dos registros e levamos o projeto para o conselho dar o parecer. Foi nesse movimento de levar o projeto ao conhecimento do Conselho que os conselheiros juntaram algumas outras idéias na área de complementação e embasamento cultural e surgiu então o projeto complementar, acho que o NEAC já executou o projeto complementar, o Ballet de Santa Teresa foi a primeira instituição a executar esse projeto. Nossa perspectiva é transformar essa metodologia em política pública, então esse foi o primeiro passo do Ballet no caminho para a construção de políticas públicas.

4 - O que entendemos como influenciar nessa política pública é participar dos espaços legítimos de discussão dessa política seja nos fóruns, seja nos conselhos, e participar levando nossas experiências. Às vezes a gente acha que uma experiência só não vai vingar, mas aquela experiência pode modificar a qualidade de vida de N crianças em outros lugares. Construir uma política pública e influenciar na política pública é poder pegar essas nossas vivências, nossas experiências, levar para os espaços de discussão onde outras pessoas que possam pensar como nós ou aquelas que pensam diferente possam somar experiências de forma a influenciar em futuras políticas públicas.

PRATICÁVEL, SANTA TERESA

1 e 2 - A Praticável tem como causa contribuir com o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Faz isso da seguinte maneira, 3 focos de ação: oficinas de arte e educação, acompanhamento psico-social das famílias dos alunos e o núcleo de fortalecimento de mães. Atua na comunidade do morro dos Prazeres, em Santa Teresa, e apresenta como público-alvo crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, suas famílias, mães. Em sua maioria essas mães são chefes de família e elas acreditam que o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes só é possível se estes estiverem inseridos numa família melhor estruturada por mães fortalecidas. Bem provocativo isso aqui: famílias estruturadas por mães fortalecidas.

3 - Entrando na discussão sobre políticas públicas eu acho que os encontros com o Instituto Desiderata ao longo desses anos vieram despertando na Praticável uma maior mobilização, começamos a pensar melhor essas questões e tentar se integrar um pouco melhor em todas as questões que tratam de políticas públicas.

Como trabalhamos com o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, temos contato direto com as escolas públicas dessas crianças, sejam elas próximas do morro dos Prazeres ou não. Acreditamos que o contato com as escolas públicas, o contato com a rede pública do serviço local que conseguimos mobilizar já alguns locais da rede pública que são os nossos parceiros, permite que a gente consiga encaminhar através do trabalho das assistentes sociais e das psicólogas, essas famílias, essas mães. Através do contato e da parceria com essas escolas públicas e com essa rede de serviço local acreditamos que seja um primeiro passo para estarmos mais sintonizados com a questão das políticas públicas. Eu digo como primeiro passo porque é mesmo, ainda não temos uma atuação sistemática e firme em fóruns e assembléias, começamos a fazer isso mais a partir do ano passado, começamos a participar mais dos fóruns, das assembléias, pensando em tentar cobrar, avaliar, olhar, observar, entender como essas coisas funcionam para a gente poder estar se integrando também e cobrando junto com todos vocês.

4- Quando você perguntou sobre o que significa influenciar em políticas públicas pensamos numa questão muito importante, fizemos uma capacitação no Espaço Compartilharte, que está dentro do nosso projeto até dezembro, e ficou muito interessante sobre ação política e valorização do espaço público. Foi bacana que a gente pensou e a Lurdinha trouxe isso muito bem para a Praticável, sobre o que é público. Começamos a pensar em políticas públicas partindo do seguinte passo: o que é público. Partimos de diversos conceitos e conversando entre outras coisas chegamos à conclusão que público é o que é de todos, é um direito de todos, então influenciar em políticas públicas para a Praticável significa você pensar e se esforçar para que todos consigam ter acesso a seus direitos e aos seus bens públicos. A gente já vem fazendo isso, como falei, através dessas parcerias, é um primeiro passo, estamos caminhando numa direção que estamos gostando muito, achando que é muito importante e fundamental para a existência da Praticável enquanto uma organização que se propõe a fazer todas essas coisas.

CIRCO BAIXADA, QUEIMADOS

1 e 2- Circo Baixada, aguardados, esperados. A causa do Circo Baixada é garantir e promover o direito das crianças e adolescentes. Eles atuam em nome dessa causa junto a crianças e adolescentes em situação de rua. Bacana, vale a pena falar um pouco sobre isso, o que é, tem um conceito bacana aqui: em situação de rua. Atuam também junto às famílias dessas crianças e às comunidades dessas crianças em situação de rua. Eles estão no território de Queimados, na Baixada Fluminense. A estratégia principal do Circo é a arte, educação psico-social, que a gente tem atendido aqui e que é um super conceito psico-social, que tem muita

coisa por trás disso. Bem-vindos aqui na primeira intervenção. Zeca e Gláucia.

3 e 4 - Eu acho que até que essa questão que tem rolado lá no Circo é discutir o que é situação de rua na Baixada Fluminense, que é um contexto em que a criança está na rua e se confunde muito com a paisagem da Baixada Fluminense. É fácil a gente identificar a criança e adolescente em situação de rua no Rio de Janeiro, mas quando a gente tem um contexto onde um e outro se misturam essa discussão ganha uma abordagem diferente, mesmo na época de instalação do projeto lá no município de Queimados as autoridades diziam que não existia crianças e adolescentes em situação de rua em Queimados por isso não justificaria uma proposta de trabalho de prevenção junto a essas crianças. É também uma situação de rua, porque a situação de rua existe em diversas situações de rua, crianças que simplesmente trabalham nas ruas, crianças que perambulam pelas ruas e crianças que dormem nas ruas. Em Queimados e na Baixada de maneira geral tem um quadro grande de crianças e adolescentes trabalhadores de rua, são as crianças que saem de casa complementar e às vezes gerar renda doméstica dessa família. Acho até como extensão, vamos dizer assim, desse nosso foco de atuação, seria essa articulação em rede, mesmo porque o projeto nasceu de uma articulação. Em 2005 eram 3 organizações que compunham o projeto Circo Baixada, a gênese dele é dentro de uma perspectiva de articulação em rede dessas 3 organizações que com as suas competências e suas habilidades para responder a determinada problemática e nasceu também dentro de uma perspectiva municipal a partir da constatação de que quase 50% das crianças e adolescentes do Rio vêm da Baixada Fluminense. São dados que foram levantados em 2001, mas que hoje em dia também não diferem muito daqueles dados lá atrás, algumas articulações que temos, contato com outras organizações que trabalham com crianças em situação de rua relatam que cerca de 40% das crianças de rua do Rio são da Baixada.

Essa perspectiva de articulação externa, de articulação em rede, e aí fazendo essa ligação particular com as políticas públicas, ela já nasce dentro da própria concepção de Circo Baixada, que a gente já definiu no planejamento estratégico do primeiro para o segundo uma intencionalidade de atuação de articulação em rede que a gente chamou de mobilização social e advocacy. Agora, as formas que vemos para influenciar essas políticas públicas é claro que se a instituição tem isso pré-determinado dentro do seu planejamento com metas, com formas estratégicas de estar atuando com mobilização social e advocacy a gente vê essa questão com muito mais clareza. Primeiro dentro daquilo que tínhamos falado no começo que não somos capazes de responder a todas as necessidades que vemos e tem algumas ferramentas que a gente faz essa influência, ou pelo menos que a gente tem essa intenção de influenciar, que seria através da formação de apoios estratégicos que trabalham com criança e adolescente a nível local e a nível inter-municipal também, aí estendendo aos outros municípios da Baixada Fluminense, a promoção da autonomia e protagonismo dos sujeitos, aí entendendo as crianças, os adolescentes, as famílias, e também o fortalecimento comunitário, enxergando a criança, que a criança é sempre a ponta do iceberg, a gente na verdade tem que ver o contexto familiar, o contexto comunitário, o contexto município da onde ela vem, acho que abraçando essa abrangência maior em que a gente também tem foco maior, vamos dizer, dentro da questão da mobilização social e advocacy, que também abraça todo esse trabalho de articulação em redes, das redes locais, das redes comunitárias primárias, secundárias, as redes de articulação que a gente tem dentro do município e também a nível inter-municipal, e acho que dentro dessa experiência que a gente tem desse anos aí do Circo Baixada, não são muitos, estamos lá desde 2003, que as atividades realmente começaram o Circo foi montado em 2002 mas em 2003 que a gente começou esse trabalho direto com a criança e o adolescente é que te, apontado que a maneira que a gente tem de influenciar políticas públicas é participando ativamente dos espaços de liberação e na construção coletiva de propostas baseadas em bases e diagnósticos realistas

naquele contexto que estamos vivendo. Participar ativamente e não exclusivamente na própria organização, mas estimulando também todos aqueles sujeitos de ação que a própria organização tem contato, as crianças, os adolescentes, as famílias, de participar e se apropriar desses espaços, porque a gente muitas vezes como organização toma a dianteira de representar todas essas pessoas que no fundo têm voz também e precisam de informação e conhecimento desse espaço para poder participar. E, como não pode deixar de ser, também a fiscalização dessas ações uma vez deliberadas em políticas pela ação, no nosso caso específico a criança e o adolescente. É assim que vemos de forma geral as políticas públicas.

Vânia (Ballet de Santa Tersa): Eu tenho uma pergunta. Eu fui criada na Baixada Fluminense, sou de Nova Iguaçu e vim para cá na vida adulta. Eu não sei como está organizado na Baixada Fluminense, porque até pouco tempo não tinha construção de conselhos naquela região. Como é que está agora? Mesquita eu fiquei sabendo que acho que ano passado já constituiu Conselho de Direito, Queimados eu não sei em que ponto está isso.

Zeca (Circo baixada): Foi instituído desde 99, desde 2000 tem o funcionamento. Tem garantia às conferências, teve a conferência agora na sexta-feira e acho que até dentro dessa idéia da participação diferenciada dessa conferência essa abertura a possibilidade dos adolescentes participarem, inclusive com representantes nas conferências regionais, e até como espaço formativo porque eles dentro de discussões que são discussões complexas, o próprio (SINASE?), Plano Nacional de (Movimentos Familiares inaudível) e orçamentos de fundos são temas que a gente pode ficar discutindo durante dias, na verdade. Foi também um espaço de formação e de informação desses adolescentes dentro desses mecanismos de participação popular, vamos dizer assim. Pelo menos no grupo em que estávamos os adolescentes saíram de lá sabendo quando tinha reunião do conselho, quando era a reunião das câmaras dos vereadores para aprovar os orçamentos, as reuniões do fórum, enfim, um espaço e uma discussão muito bacana, mas dentro da sua pergunta eu acho que cada município tem prioridade, mesmo porque a Baixada Fluminense são 13 municípios segundo a visão do Estado. A gente trabalha dentro de uma visão das organizações que já estão lá constituídas há bastante tempo em que a Baixada são 8 municípios.

Nossa ação direta, com criança e adolescente, é mais em Queimados, mas ação de mobilização social e advocacy se estende também para a Baixada Fluminense, Nova Iguaçu, Mesquita, São João, Belford Roxo em função das nossas articulações. Cada município tem uma especificidade. Mesmo que a gente escute falar, a gente conhece conselheiros de outros municípios, os conselhos funcionam mais com as dificuldades que são dos próprios conselhos de funcionamento, as dificuldades de relação com o poder público, enfim, uma série de questões mas cada um com a sua peculiaridade.

Tião Guerra: Ele usou a palavra advocacy. Todo mundo aqui se relaciona bem com essa palavra? Só que você não tem mais tempo, mas é importante ajudar um pouco a gente a entender esse termo.

Vânia (Ballet): Consciência política, participação nos conselhos de forma ativa como conselheiro, discutindo, mas nos fóruns também, nos espaços de deliberação. É advogar em nome de uma causa.

Tião Guerra fez uma observação quanto à forma e conteúdo da causa e foco dos projetos. Ressaltou que, normalmente, a formulação de uma causa começa com um substantivo e tem várias aqui começando com verbo, só que depois eles pensaram tem mais a ver com missão, com alguma coisa assim.

NEAC, CAMPO GRANDE

1 e 2 - A causa do NEAC é a diminuição da exclusão social, aí eles usam: contribuir com a diminuição da exclusão social. Isso já tem a ver mais com a missão, mas a causa em si é a diminuição da exclusão social. O NEAC tem escolhido como foco o fortalecimento de crianças e adolescentes e jovens da zona oeste. Chegaram nesse foco através da proximidade com aquela realidade.

3 e 4 - Cristiane (Neac): Fazer esse trabalho com (inaudível) foi muito bom porque são dois momentos de alguém que fundou e teve uma idéia inicial, assistiu aquela demanda da maneira como se aproximava e de uma outra pessoa que estava dentro da comunidade e que se insere naquele trabalho. Isso me lembra muito, eu fiquei pesquisando muito o que era *Desiderata* e achei um poema, e teve um pedaço do poema que eu acho que está no meio da nossa missão hoje: “Fale a sua verdade serena e claramente, e ouça os outros”.

Eu acho que o que aconteceu com o NEAC acontece com a maioria das instituições que estão na beira dos 15, 13 anos. (...) Eu falo que estamos na nossa adolescência com os 13 anos, questionando o que fizemos até hoje, tanto é que quando botamos ali crianças e adolescentes e jovens é porque tem a ver mesmo com a missão, mas hoje a gente entende que sem a família e a gente não vai chegar a lugar nenhum, a gente vai continuar fazendo projetos complementares, ou seja, dando à criança aquilo que ela não está recebendo e deveria.

O que percebemos é que nesses 13 anos os 10 primeiros a gente se disse complementar a escola, mas a gente não era complementar, a gente fazia o que a escola deveria fazer e não conseguia estar dentro dela. A partir dos últimos 3 anos a parceria com o *Desiderata*, através da arte e educação, possibilitou a nossa inclusão dentro do espaço escolar através das apresentações públicas e isso está possibilitando levar aos grupos onde nos apresentamos a reflexão da prática educacional. Por exemplo, participamos do encontro de todas as escolas do território aonde a representante da (inaudível) falou “Professores, é possível! Por que vocês estão pedindo demissão, abandonando...” estavam dizendo que é impossível lidar com as crianças de hoje se eles trabalham com as mesmas crianças! Então eu acredito que embora estejamos muito na prática já estamos conseguindo dividir melhor as funções, saber que algumas pessoas precisam estar num espaço e outras em outros locais, uma delas realmente dentro do espaço escolar. Esse primeiro momento foi através das apresentações, mas isso já está se ampliando em forma de parcerias e agora com a nossa inserção na Comissão de Controle Social do Território. Foi uma coisa muito engraçada porque a participação, (inaudível) falou muito bem disso, a participação que a gente diz aí na reunião e às vezes não entende, independente do nosso grau de escolaridade às vezes não entender o que está acontecendo ali nos afasta em alguns momentos. Eu estava num encontro onde havia 7 vagas e 3 participantes, eu era quase que obrigada a entrar. A participação popular (normalmente?) está morrendo, por que? Porque a gente encontra sempre as mesmas pessoas. Por exemplo, em Campo Grande todos os encontros que eu vou os mesmos grupos estão. E aí a gente entende hoje que se a gente vê política pública como bem comum, direito de todos construído pelo povo, para o povo e acessível a todos não sou eu mais que tem que estar vindo! Eu tenho que fazer com que as pessoas que estão comigo ali, as minhas crianças, os meus adolescentes, as minhas famílias compreendam a importância de estar naqueles locais. Então o que a gente quer hoje e está acontecendo muito através do projeto novo que eles apoiando que tem os jovens lideranças é trabalhar a participação popular de novo. O NEAC de novo virou um espaço público, efetivamente público, não um espaço de atendimento para as crianças daquela comunidade.

A Comissão do Controle Social é uma maneira de estar organizando assistência hoje para dentro de cada casa e existindo condições de controle das políticas públicas. Eu fui e estou aprendendo com isso, inclusive aprendendo que espaço é esse, porque existe mas não está sendo muito divulgado, acho que toda CRAS tem uma, mas a gente conhece pelo menos 10 instituições muito sérias em Campo Grande que estão sempre juntas em todas as reuniões e todas não ficaram sabendo. Mas eu acho que se a gente já sabe que existe e que tem que ser efetivado isso dentro de cada CRAS podia estar buscando estratégia para conhecer e saber se já formou e onde serão os pólos.

CEASM, MARÉ

1 e 2 - A causa com a qual o CEASM trabalha tem a ver com denunciar uma situação de violência sofrida por crianças e adolescentes, visando transformar a realidade local, ou seja, a causa é a transformação da realidade local. Aqui em cima já é como trabalhar essa causa. Denunciar uma situação de violência sofrida por crianças e adolescentes e através dessa denúncia visa transformar a realidade local. O Nenhum a Menos faz isso através de garantir uma educação de qualidade para as crianças e adolescentes da Maré em situação de desescolarização. Eles trabalham com o fenômeno da desescolarização. Você é a Viviane.

3 e 4 - O projeto Nenhum a Menos trabalha essa questão de influenciar políticas públicas, mas nós estamos engatinhando, engatinhando não que não seja o nosso foco. Desde o início pensávamos em trabalhar com políticas públicas porque entendíamos que trabalhar com 60 famílias da Maré não ia mudar a realidade, mas ia ajudar a entender aquela realidade e propor alguma coisa. Só que como a nossa amiga do NEAC falou quando você se depara com o problema você fica querendo apagar os incêndios, resolver tudo ao mesmo tempo então você meio que se distancia disso. Então estamos nesse momento de voltar, estamos diminuindo o número de famílias atendidas, fazendo todos os encaminhamentos que possam ser feitos para agora voltar nossa ação para essa área. Primeiro estudar em cima do banco de dados, o que a gente já colheu de material, ver o que podemos produzir de estudos mesmo, estudar, e a partir daí propor alguma coisa. Além desses estudos dos dados que às vezes a gente acumula um monte de dados e não sabe o que fazer com eles, além desse estudo estamos também começando a nos inserir. Propomos uma rede para trabalhar essa história de desescolarização, não é fácil trabalhar com as escolas. Então começamos a fazer parcerias, principalmente com outros projetos da instituição que já trabalham dentro da escola, então estamos começando a nos inserir com esses projetos, a convidar. É um processo muito lento porque às vezes ele começa a dar certo, às vezes tem que voltar porque a diretora resolveu que não vai liberar professor, não vai liberar coordenador pedagógico para conversar. É um processo complicado, mas nós estamos buscando. A gente estimula o público participante a procurar seus direitos nas instituições e a gente sempre faz esse caminho de volta, isso já é desde o início que a gente faz de estar conversando “E aí, como é que foi, foi bem recebido, conseguiu?”. Porque no início do projeto até para o pai conseguir chegar à escola para conversar um problema com a diretora ele não conseguia, isso tinha que ser feito através de projeto. Hoje, depois de muito trabalho, muito sacrifício, a gente já consegue que os pais tenham o mínimo de diálogo com a escola, que eles consigam ir lá reclamar, fazer críticas, sugestões. São alguns avanços que conseguimos, porém sabemos que a participação nos fóruns e nos espaços em que as pessoas estão pensando políticas públicas, a gente tem que melhorar, e estamos caminhando nesse sentido.

Voz feminina

Pergunta: Vocês diminuíram a assistência para poder ampliar o espaço de articulação? Acho que é importante

pensar essa coisa das instituições que começam com uma vocação de atendimento, atingir sua causa, define o território e de repente percebem que a articulação política precisa de um outro gás, precisa de uma outra estrutura, um espaço físico na agenda.

Junior (Crescer e Viver): O problema é o diálogo que você tem com quem vai te financiar. A gente teve uma redução no trabalho de família para poder ampliar esse nosso universo de articulação política. Diminuiu a intensidade desse trabalho, mas por outro lado no mesmo tempo em que o financiador, e aí a gente não está falando Desiderata, mas está falando da sustentabilidade das organizações, no mesmo tempo em que os editais, os programas, em que os eixos de cooperação exigem que a sua ação mostre que ela tem uma capacidade de se articular politicamente, que ela está estruturada em redes e tal e também quer ver lá na quantidade que você está atendendo, e você diz que está reduzindo. É difícil obter financiamento.

Vânia (Ballet): Exatamente ao contrário para interferir mais nas políticas públicas a gente ampliou o atendimento.

Tião Guerra: Ótimo. Esse dilema, atendimento, articulação, é algo muito atual e que a gente precisa... articulação é uma coisa que a gente faz depois das 5 horas da tarde quando dá tempo, dá uns telefonemas e articula. Essa coisa do financiamento com a articulação, financiamento com atendimento está muito no foco do papo.

Junior (Crescer e Viver): Tem que diferenciar atendimento de quantidade. A nossa intensidade no trabalho com família, que é um trabalho mais assistencial, ele muda, a gente começa a descobrir a propor, a provocar um formato de relação com essa família, entendendo a família como um sujeito no processo de articulação e sujeito de direitos.

Vânia: Mas não só a família, a criança e o adolescente também.

Junior Perim: Tem um limite. Esse negócio é muito bonito, autonomia das crianças, mas não leva a mal que você vai botar um adolescente de 12 anos que não quer nem sentar na escola... tem limite de levar ele na conferência.

ESPAÇO COMPARTILHARTE, VILA CANOAS - TERESÓPOLIS

Território do Compartilharte atua na região de Canoas, uma região rural de Teresópolis. Vou falar um pouco sobre o início dele para vocês entenderem. Ele está em plena aborrecência, como foi colocado aqui pela outra instituição, esse ano ele completa 16, então ele tem uma história muito grande. A pessoa ideal para falar sobre ele infelizmente não pode vir, eu estou na coordenação desse projeto familiar e comunitário há 4 meses e ainda tenho a responsabilidade muito grande de falar a instituição que tem 16 anos, que tem uma experiência fantástica, principalmente naquilo que estamos colocando como políticas públicas. Vou só contar a historinha e vocês vão entender porque quero começar por ela.

As pessoas têm uma visão muito lúdica da região rural, vão lá e dizem que a paisagem é belíssima, lugar paradisíaco, existe uma fantasia de que as relações familiares são aquelas consolidadas. A gente esquece que quando falamos em área de exclusão social, independente da geografia dela, o que se produz, a consequência social é absolutamente a mesma. Então a Lurdinha e esse grupo dela quando se depara com uma realidade

que é a seguinte: ela pediu para um casal, uma pessoa que foi sugerida na época, ajudar a construir a casa, e na semana seguinte para pagar e chega lá estão os filhos do homem, limpando o terreno para o cara e ela disse que não justificava essas crianças deviam estar na escola. Aí ele falou “Mas porque eu vou mandar para a escola se daqui a pouco eles vão estar limpando que nem eu, para que estudar!”. Com essa resposta ela fala que foi tão impactante porque a própria fotografia da falta de esperança, de perspectiva e da falta daquilo que a política pública devia viabilizar num espaço comunitário. A primeira proposta de trabalho que ela pensou foi o estatuto da criança e adolescente com essas crianças, resgatar a dignidade das crianças. Naquela época só tinha uma escola em Albuquerque e não tinha educação infantil, então o primeiro trabalho que foi feito mais diretamente com as crianças foi a educação infantil.

Desde o início se tinha como missão de que as famílias se conscientizassem a partir da leitura constitucional, da leitura dos direitos e o empoderamento viesse a partir dessa consciência. É claro que na prática, nesse processo de amadurecimento da instituição eu percebo que eles foram ocupando esse espaço de diálogo.

Hoje, 2007 se verifica que a gente tem que ter uma leitura de processo de participação popular mais atenta. A gente pensa “Participação popular, sucesso em políticas públicas se faz com grande mobilização”. A gente tem que ficar atento de que o que você plantou está tendo frutos em pequenas coisas. Por exemplo, verificamos que aquilo que a gente atendia diretamente no espaço, que era educação infantil, a própria comunidade pleiteou à prefeitura e agora já tem educação infantil nas escolas públicas. Isso não foi o espaço que fez e sim a própria comunidade. Estou dando esse exemplo porque quando a gente se aproxima das articulações e quando a gente passa um foco maior nas articulações, nos conselhos e a gente se afasta eu acredito a gente se afasta se a gente for fazer as vezes dessa comunidade que a gente está assistindo.

Há duas semanas atrás fomos convidados a participar de um seminário de educação lá na faculdade em Teresópolis. O tema era “Espaços e práticas não formais de educação” e o Espaço Compartilharte foi convidado a fazer parte e levamos uma moça da comunidade que trabalhava em educação. Ela fez um sucesso enorme, primeiro por uma prática enorme que o espaço consolidou educacional e depois as pessoas perceberam como essa leitura subjetiva ela é simples, eu sou pedagoga e nunca tinha visto aquilo na minha vida, ela se colocou como uma pessoa da comunidade que tinha oportunidade de trabalhar no espaço e como isso transformou a vida dela. Isso é um depoimento pessoal. Uma outra coisa que eu percebia em vocês é que existe uma certa preocupação “Participação popular está morrendo”, escutei isso de alguém. Acho que não podemos esquecer o contexto histórico em que estamos, estamos num processo democrático, os conselhos são uma concretização de toda essa luta democrática que está sendo construída a algum tempo e a gente tem que ter uma certa tranquilidade de perceber que isso é um processo lento, mas que temos que marcar passo, temos que tomar assento, temos que estar atentos e buscar sempre que eles de fato sejam encaminhamentos daquilo que está sendo colocado em discussão para a comunidade.

4 – Nós entendemos que influenciar política pública se dá através de um processo de participação conjunta entendendo isso como uma parceria de poder público e sociedade civil organizada.

AFROREGGAE

1 e 2- Como causa o Afroreggae tem a promoção da inclusão social através da arte, da música, da cultura e da educação. Eles atuam nas favelas, em área de conflito com jovens, crianças e adolescentes voltados ou envolvidos com o narcotráfico e/ou suas famílias.

3 e 4 - É uma coisa muito complicada para a gente a questão das demandas até porque são núcleos diferentes. A política pública no Cantagalo tem mais atuação porque estamos num prédio onde tem o Estado, a Prefeitura, uma praia linda, que é Ipanema e eles têm tudo dentro daquele espaço. Em Vigário Geral temos um posto de saúde que não tem médico, não temos nada em Vigário Geral. Mas com nossas parcerias com o Júnior, que é um grande articulador, um grande mediador e consegue financiamentos conseguimos agora em Vigário Geral o (CIVI, que é do PRODERJ?) que teve a inauguração, o governador foi até Vigário Geral fazer essa inauguração e a gente tem conseguido muitas parcerias do lado de fora, porque dentro da própria favela a gente não consegue nada. Com as escolas, temos uma parceria grande, fazemos parte dos planejamentos escolares de todas elas. No Cantagalo temos mais dificuldade até mesmo por ser zona sul, eles têm uma certa resistência da gente estar se metendo na área deles, que é a área da escola, mesmo a gente levando as nossas propostas da educação, da música, da arte para que a gente possa trazer e mobilizar a escola de ter uma perspectiva diferente na maneira de ensinar através desses vínculos que a gente usa.

Quanto ao direito coloquei aqui um ponto de interrogação. Compreendo que o direito é de todos e para o povo também, mas até que ponto esse direito é para todo mundo? É muito complicado! Eu sempre me pergunto, eu sempre questiono muito isso, porque quando vamos para o conselho todo mundo discute, mas até que ponto aquilo vai avante! Até que ponto a gente está tentando trazer para essas pessoas!

Esse livrinho aqui é sobre uma história que a gente tem, uma oficina de história em quadrinhos em Lucas como tem também uma oficina de violino que é uma comunidade bem pesada porque é do terceiro comando. Eles fizeram esse livrinho e tem uma historinha que eles contaram e acho muito legal o que escreveram no final da página. “O que será! O que há depois do universo! De quem será ele, de quem poderá ser o universo! Será que pode ser meu?” aí o outro responde “Pensar nele eu acho que é a melhor coisa, sonhar com ele”. Eu acho isso maravilhoso e foram eles que fizeram, foram eles que escreveram esse livrinho, foi um trabalho deles.

Pergunta: Como é que é a articulação do Afroreggae junto com as outras instituições que trabalham dentro da comunidade. Vocês têm algum tipo de trabalho de articulação dentro da comunidade?

Temos. São características e demandas diferentes. Lá no Cantagalo eles têm tudo ali, tem outras ongs, tem tudo, então eles mesmos vão procurar, tem a biblioteca dentro do prédio. Em Vigário Geral não temos nada temos só a ONG que é a Onda Azul, que a gente consegue fazer uma articulação boa. A gente não tem nada dentro de Lucas que a gente possa articular. No Complexo do Alemão dentro do Complexo não tem nada, a gente tem que buscar do lado de fora para trazer para dentro. Dentro do Complexo do Alemão tem comércio, mas não tem nada que a gente possa trazer para a gente estar construindo juntos. Hoje mesmo está tendo um seminário no SESC de Ramos, que é próximo, que faz parte do Complexo do Alemão, que são de líderes comunitários.

Tião Guerra: Impressionante esse dado que você está trazendo.

Junior (Crescer e Viver): Uma pergunta. O Afroreggae é sem dúvida uma das instituições mais importantes da área do Rio de Janeiro e o Júnior é um líder, inquestionavelmente um cara que tem uma baita capacidade. A gente percebe também essa expressão do Afroreggae muito no campo da produção, do resultado desse trabalho que ele faz, das atividades culturais. Eu tenho uma questão. Como é que vocês da equipe social dialogam, por exemplo, com essa expressão, porque quando eu vejo o governador ir à favela para inaugurar uma parceria com o Afroreggae, que é uma capacidade do Afroreggae levar o principal gestor público dentro da favela e você me diz “Lá tem um posto de saúde que não tem médico”. Não é uma crítica, mas isso para mim é algo eu quero entender como que a equipe social que tem mais essa leitura de campo dialoga com essa potência, que é o Junior e que tem essa capacidade. Como é que a gente entra no território, mais do que realizar um trabalho super bacana é o que será esse território daqui a 20 anos! Porque eu ser muito bom daqui a 20 anos enquanto instituição é muito legal, mas que mudanças eu provoqui efetivamente nesse território? Está claro que ele está nesse barato com a equipe social, fazendo esse trabalho de articulação comunitária pelas escolas, mas esse braço musculoso que é a liderança do Júnior me parece que não dialoga com uma situação dessa, do posto de saúde estar sem médico. Porque eu acho que num momento desse tem que pegar o governador e enfiar ele dentro do posto. Vamos tirar a pressão arterial e ele chegar lá.

Afroreggae: No dia da inauguração fizemos isso. Pegamos ele fomos lá no posto e mostramos a nossa realidade.

Junior Perim: Então esse governador não está sendo um bom parceiro

Afroreggae: Pois é! E ele “Não, nós vamos estar fazendo...!” Vamos ver.

SPECTACULU

Tião Guerra (Fonte): 1 e 2 - Spectaculu está perto da Rodoviária Novo Rio naqueles galpões. Tem como causa o desenvolvimento humano e integral através da arte e a inserção no mercado de trabalho. O foco é composto de jovens de 16 a 21 anos das diversas comunidades do Rio, Grande Rio com baixo IDH. 4 núcleos de atuação. Tem a Kabum, que é uma escola de arte e tecnologia, a Fábrica de Artes Cênicas, o Bicho Carpinteiro e o Grupo de Produção Kabum. Duração um ano e meio e estão aqui com o famoso Emanuel, que participou da Kabum e que está filmando o encontro hoje, através da Cooperativa de trabalho da Spectaculu.

Kátia (Spectaculu): 3 e 4 - Eu diria que estamos mais perto do Praticável que foi quem mais eu me identifiquei no atual momento. Percebo como todos que a gente esbarra freqüentemente na nossa atuação com questões que sozinhos não podemos resolver mesmo, então isso está cada vez mais presente na nossa vida. Eu diria a vocês que estamos começando mesmo, isso aqui para nós está sendo fundamental. Como sabem não estamos dentro de uma comunidade, então isso dificulta. Tem muitas vantagens, cria uma diversidade maravilhosa, mas dificulta, por exemplo, a a atuação junto às escolas, dos próprios alunos.

O que estamos começando a fazer. Desenvolver essa rede com, as pessoas do entorno, embora não seja nem um pouco fácil, as escolas públicas do entorno são extremamente resistentes, nós somos às vezes

maltratados. Comumente terminamos o ano com apresentações e nessas apresentações chamamos ONGs parceiras, escolas públicas e é cômico mas trágico, mas a gente consegue trazer escolas públicas de mais longe do que do entorno. É uma loucura! Isso é um desafio enorme que eu espero contar com esse grupo para conseguirmos transpor.

Cristiane (NEAC): Eu queria só falar uma coisa sobre um menino da Spectaculu que está responsável pela produção de vídeo dos jovens do NEAC. Está sendo uma experiência bem produtiva.

Kátia (Spectaculu): Foi bom você falar isso. Estamos desenvolvendo um trabalho durante esse, plantando um pouco a memória e a riqueza cultural de 15 comunidades, esse é o nosso propósito estou achando que ele é um pouco grande, talvez a gente não consiga os 15, mas isso tem isso muito interessante porque temos estreitados laços com alguns parceiros que pela distância não tínhamos contato ou tínhamos contato pontual e isso tem trazido uma riqueza para nós enorme. Com o NEAC já estamos fazendo parceria, Praticável a gente já tem sido bastante ajudado e outras que não estão aqui como o Jongo, da Serrinha.

Beatriz Azeredo, diretora do Instituto Desiderata falou sobre a percepção do ID com relação aos projetos e os caminhos que vêm sendo trilhados diante dos aprendizados desses 3 anos de Programa Ser Capaz.

A causa do Instituto está ligada, a garantir oportunidade para o pleno desenvolvimento de crianças e jovens no Rio de Janeiro. Uma grande vantagem que temos aí é o foco no Rio de Janeiro, não estamos pensando no Brasil. Portanto estamos pensando em garantias de direito, necessariamente. Então pensamos em garantia de direitos e plena oportunidade de desenvolvimento, e infelizmente ou felizmente a gente não está fazendo uma escolha por uma área da política social. Associado a essa causa é quase que automático dizer “Para garantir oportunidade para pleno desenvolvimento a gente tem que pensar em política pública, eu estou pensando no Rio de Janeiro, e tem que pensar nas políticas públicas, não dá para escolher saúde, educação ou cultura ou assistência social. Eu diria que quando o Instituto anuncia sua causa, oportunidade incluindo desenvolvimento, garantia de direitos, políticas públicas está associada à causa dele.

Diante disso qual é o foco do Instituto? Eu diria que esse foco tem a ver com o momento histórico político que o país está vivendo. Com essa causa se eu estivesse na década de 80 falando em redemocratização, talvez eu tivesse que olhar muito mais para Brasília, para o Congresso, para a Constituinte, para o conceito de seguridade, enfim para as questões de participação. Toda essa agenda que hoje está colocada num arcabouço jurídico da política social só foi colocado no final de 80. Então eu diria que isso permite ao Instituto pensar e mexer as políticas públicas para todo o Rio de Janeiro, isso nos permite dizer que tem um avanço conceitual, jurídico tal que é preciso a gente ver como é que ele se concretiza no território. Eu não sei se está claro isso. O Instituto e todos aqui têm um desafio, extremamente complexo, que são as políticas públicas. Qual é o recorte, como que a gente faz o foco? Eu diria que ainda bem que nesse momento temos já um avanço de redemocratização, criação de espaço e de mobilização para poder dizer “Bom então o foco não é Constituinte, não é Brasília, o foco é no local” então primeira coisa a gente tem o foco territorial.

É difícil pensar o Rio de Janeiro como um todo, então vamos olhar algumas comunidades selecionadas. Também temos um foco estratégico. O que é o foco estratégico? Para tentar trabalhar com essa causa a gente atua a partir de parcerias com organizações não governamentais que trabalham com a questão complementar, não estão atuando diretamente na escola. Então estamos com uma coisa extremamente complexa, que é influenciar política pública, todas as políticas e para todos, aqui tem dois desafios, são

todas as políticas e para todos. Eu diria que estamos passando uma questão histórica de qual é a política pública! Ela não existe, ela tem políticas setoriais que não chegam para todos. A gente tem que fazer com que chegue para todos e todas elas simultaneamente.

Tentando simplificar, a gente tem um foco territorial, então estamos em algumas comunidades do Rio de Janeiro. Esse foco estratégico é reconhecer que tem instituições que trabalham num pedaço da vida dessas crianças, no complementar, e a gente então vai estabelecer parcerias com essas instituições.

O que tem além disso? O Instituto está olhando para redes, para mobilização, um fazer diferente dessas instituições. O nosso foco ao financiar essas instituições é que elas atuem não só, mas também atendendo diretamente crianças e jovens e tendo uma participação política.

Qual é a aposta? A aposta é que, ao fazer rede de mobilização e parcerias lá no território, isso gere um impacto para os atendidos. A gente não quer perder de vista o atendimento, não queremos sair de cara para olhar a articulação. Então como é que o Instituto vai olhar essas instituições? O que esse novo fazer, que não é só atendimento de criança e jovem, mas também uma articulação política, protagonismo desse pessoal envolvido, impacta diretamente os atendidos. Influenciar política pública pode se dar em vários níveis. Quando o CEASM articula o Bolsa Família com aquela criança que está fora da escola ele está ali no micro influenciando a política pública, tornando ela menos fragmentada. Então o influenciar política pública a gente entende como um processo que vai do individual que você conseguiu articular aquele benefício com aquela ação pública-privada, até, aí vem uma grande aposta que eu acho que nenhuma instituição ainda chegou nisso, mas estão se condicionando para isso, que é gerar o impacto na comunidade como um todo. Vou usar de novo o exemplo do CEASM. São 60 famílias com crianças e jovens fora da escola que são atendidos diretamente. A aposta é que essa articulação melhore o atendimento direto dessas 60 e permita nenhum a menos na Maré como um todo. No futuro você tem um impacto na comunidade como um todo, no caso do CEASM, a partir de um tema. Eu acho que aí tem algumas instituições que ao olhar a comunidade, transbordar da sua comunidade ou estão pensando a comunidade como um todo, garantia de direito ou estão fazendo recorte. No caso do Ballet de Santa Teresa que a primeira entrada do diagnóstico é a gravidez na adolescência, está fazendo um recorte para olhar o Morro da Coroa como um todo. Também pode ser uma escola temática para pensar a comunidade.

O Instituto entende que essas instituições ao fazerem essa trajetória elas necessariamente vão repensar o atendimento. Isso não significa deixar de fazer o atendimento direto. Eu acho que aqui é o repensar mesmo, é repensar a natureza do atendimento. Não adianta a instituição ser protagonista e participar politicamente, mas essa criança, esse jovem, essa família também tem que estar autônoma e protagonista. Com isso eu já mudei de repente a natureza do atendimento de uma instituição que fazia só entrega de bens de serviço, aula, capacitação e por aí fora. E principalmente tem que repensar a tendência, a dinâmica desse atendimento, quer dizer, a instituição que faz o atendimento no longo prazo ela vai crescer, crescer, crescer e dar conta de todas as demandas daquele “público alvo”, ou então se está numa estratégia de articulação ela vai necessariamente agregar serviços. Ela muda a natureza porque ela consegue agregar para atendidos serviços que vêm de outros atores, públicos ou privados.

Eu diria que isso é um dos desenhos que a gente pode fazer e tem feito internamente nas reuniões e discussões com Roberta e Tião. De qualquer maneira entender que isso não é um modelo fechado, isso é uma tentativa de ver um instituto que é um financiador, que não atua lá na ponta, tentando se qualificar

para apoiar financeiramente um movimento que o Instituto não está inventando. O Instituto reconhece, ao olhar as outras instituições, que elas estão se repensando, que elas estão cada vez mais olhando para uma estratégia diferenciada e nesse sentido estamos de pleno acordo, isso aqui tem tudo a ver com a causa do Instituto.

Talvez a grande interrogação seja essa: o que é esse transbordar? O que é essas instituições que, conseguem dar um grande salto de qualidade, repensar o seu atendimento, impactar nos seus atendidos, que já é um super salto de qualidade, impactar a partir de uma melhor mobilização, mas o que é ela ser um dos atores de um processo mais amplo que vai impactar a comunidade como um todo? Quando eu penso a comunidade como um todo, a política pública está aqui dentro, todas as políticas estão aqui dentro, mas com uma base territorial.

A sensação que eu tenho é que tem uma enorme força nesse movimento porque eu vejo vocês falando, é um enorme desafio, mas de repente quando eu vejo cada um falando nos seus tempos e movimentos de cada um, vejo que nos territórios você tem fios que podem dar nisso. Como acompanhar esse processo, de fato o que é isso, quem mais precisa estar nesses processos, nessas rodas de discussão, eu acho que essa é uma grande questão. Eu diria que o Instituto está nesse momento.

Claro que é muito mais cômodo você financiar uma coisa que tem X atendidos, tantas metas, maravilha, inclusive para os financiadores do Instituto ou de qualquer outra instituição é muito mais fácil você dar conta desses resultados, mas como é que você financia processo e como você mostra o resultado de processo? Queria partilhar isso com vocês, a gente também depende disso para seguir mobilizando outros atores, outros financiadores para olhar para esse movimento.

Não queremos perder o conceito de atendimento, a gente sabe que esse processo de longo prazo não pode abrir mão de fazer diferença e gerar oportunidade no curto prazo para um, para dois, para três, para 500. Não dá para fazer essa escolha, vamos articular, articular e daqui a 10 anos mudou, daqui a 50 anos. Para qualquer instituição que executa e qualquer instituição que financia, o atendimento direto alimenta, faz a diferença na vida de uma pessoa, mas acho que dado o grau de conhecimento que existe, que vocês estão demonstrando, também não dá para a gente ficar só nisso, então estamos com essas duas coisas na bagagem.

Eliane (Praticável): Essa preocupação que vocês colocam no processo a gente não encontra, isso não é comum e é importante, porque como você falou como é que a gente prova o processo, como é que a gente diz aconteceu se é um processo. A coisa não é tangível, não é tão tangível quanto o números de atendidos, de crianças que você atende, então a preocupação com o processo é fundamental! Eu acho que todo mundo aqui está passando por esse processo, uns estão mais avançados, outros mais no meio, mas todos nós estamos na mesma direção.

Beatriz Azeredo: Acho que vocês falaram várias coisas aqui. Diagnóstico, essa coisa do seu conhecimento da comunidade, protagonismo da população atendida, é uma mudança radical no conceito de atendimento. Na verdade é um conceito de trabalho conjunto com a população, não é atendimento. Várias coisas que vocês falaram é disso que se trata essa idéia aqui desse espaço de diálogo, para a gente pegar esses conhecimentos e ir conseguindo preencher esse mapa ou fazer outro, certamente.

Cristiane (Neac): Acho interessante também que você lança mais um desafio. Por exemplo, na nossa experiência enquanto a gente ficou dizendo quero complementar a escola e sem a escola a gente julgava que a escola também ia se abrir e agora todo esse trabalho que estamos começando na comunidade ontem foi o primeiro dia de gravação e foram filmadas 3 pessoas, pessoas da comunidade que eu conhecesse, eu não esperava falas tão importantes. A gente fica distante falando que as pessoas não são mobilizadas, mas as 3 naquele primeiro dia que falaram que sentem falta da época dos barracos onde as pessoas eram unidas, que falta mobilização na comunidade. Quando você sai do seu lugar de julgar e não se desafia a participar daquela instituição você não tem realmente a comprovação da verdade.

Vânia (Ballet): Alguém está disposto a ouvir, a falar. Essa questão do protagonismo é uma coisa que a gente está aprendendo a lidar e que cada dia cada um vai buscando os seus próprios mecanismos, a gente atende basicamente criança e adolescente e falar de protagonismo é difícil, levar para uma assembléia, concordo que para uma criança e um adolescente é um grande desafio ela não vai gostar daquilo é chato, é chato para adulto imagina para uma criança. Mas eu acho que o desafio de buscar outras formas, de atingir essa criança tem que ser enfrentado. Às vezes falamos “A população não se mobiliza, a população não procura os espaços”, muitas vezes porque falamos numa linguagem inacessível e outra porque às vezes não abrimos a nossa própria instituição para a construção desse espaço, porque eu não preciso construir esse espaço fora da minha instituição. Agora, por exemplo, estamos numa meta lá no Ballet, uma idéia que surgiu, vamos formar um conselho infanto-juvenil. As crianças vão formar um conselho entre elas para discutir as questões da comunidade delas e como melhorar essas questões da comunidade e da própria instituição. Acho que é criar mecanismos de exercício para esse protagonismo independente do conselho fora, porque quando a gente começa a criar essas oportunidades dentro ali da nossa própria instituição, dentro da própria comunidade o interesse por participação fora passa a ser visto com outros olhos. Nessa última conferência, na pré conferência, nós conseguimos na CRAS reunir 80% das pessoas que estavam reunidas para a pré conferência era de adolescentes.

Cristiane (Neac): Na de Campo Grande também. A única sala cheia era a dos jovens

Vânia (Ballet): Antes da pré conferência fiz uma reunião com os jovens para falar de orçamento. Se vou ter que falar com adolescente vamos lá falar de orçamento, porque normalmente é uma coisa que o adolescente toma distância, e quando chegou para a conferência todos os adolescentes queriam falar de orçamento. Então outros espaços para articulação acho que é importante que a gente pode criar e muitas vezes a gente fica numa situação do dia a dia “Tem que fazer essa atividade, tem que cumprir o cronograma” e aí vamos nos distanciando da comunidade.

Cristiane (Neac): É uma característica mesmo, porque na pré-conferência da nossa área o único lugar onde realmente houve eleição foi no grupo de jovens, que era muita gente que houve uma escolha, enquanto que a sociedade civil não tinha. Então a gente acha que não está tendo e já está existindo movimento.

Vânia (Ballet): No caso da pré-conferência os próprios adolescentes sugeriram mecanismo de eleição, eles mesmos votaram, a gente não precisou interferir. O máximo que fizemos foi quando surgia alguma pergunta eles perguntavam e eles conseguiram articular entre eles, fazer a eleição entre eles. Temos que olhar para a nossa comunidade, para o nosso atendido com os olhos diferentes e deixar um pouco a coisa andar.

Junior (Crescer e Viver): A verdade e o fato é que a gente ainda vem depois de quase 20 anos com essas coisas todas já instituídas uma participação muito desqualificada nossa, da sociedade civil. Pouca gente sabe o que é um orçamento público, pouquíssimas pessoas na administração pública. Eu tenho preocupação com essa idéia de “vamos mobilizar, vamos levar só para o espaço”, não estou desconhecendo a importância desses espaços, agora, o nível de frustração, inclusive de lideranças comunitárias, de pessoas que são instadas a participar desses espaços cuja legitimidade para participar se processa só no âmbito das relações políticas de quantas instituições votam, de quantos votos mobilizam, quando sentam o bumbum lá na cadeira não tem condição de contribuir e não tem não é porque as pessoas são burras, ou porque as coisas são ininteligíveis, não tem porque a gente no mesmo momento que se preocupou com essa capacidade de articular os votos, de articular os atores para sentar lá e para dizer “Eu estou aqui no conselho público” não se preocupou em se qualificar e de qualificar aqueles atores e buscar um processo de qualificação e continuar a haver coletiva dos atores com aqueles que ocupam esses espaços. Eu não conheço, sinceramente Vânia, já vi deliberações do conselho do Rio de Janeiro que eu acompanho pouco, tomara que você seja eleita presidente e possa levar essa reflexão para lá, acredito que você tenha essa capacidade, mas eu vi absurdos nesse conselho, absurdos enormes, ilegalidade, defesas de práticas que supostamente são públicas que o próprio governo foi contra, esse governo horrível que é do César Maia, e vendo a sociedade com pensamento mais atrasado possível não é por incapacidade reflexiva não, mas por puro desconhecimento da gestão pública. Influir nesse aspecto só considerando esse modelo representativo, só analisando esse conceito representativo também significa sentar lá e conhecer algumas regras de gestão. Porque fica uma história “Vamos levar os meninos” parece que eu estou até contra. Não é não, só a gente ter cuidado porque geram expectativas que não são verdadeiras, que a gente, mesmo adulto, vê aí um monte bater com a cara na parede lá.

Vânia (Ballet): Mas a gente tem que começar a preparar esse menino hoje, senão ele não vai chegar lá nunca!

Tião Guerra: Eu vou passar a palavra para a Gláucia. Tira do caminho a sua fala e em outro momento do dia, não agora antes do almoço, mas em outro momento pede para mim um segundo momento. O que você propõe? Que você faz uma crítica, então seria interessante ver qual a possibilidade.

Vera (Compartilharte): Ele já fez uma proposta na medida em que ele falou que é fundamental o conhecimento e a capacitação para atuar em conselhos.

Gláucia (Circo Baixada): Eu queria concordar em parte com o Júnior quando ele fala desse nosso despreparo para estar ocupando esses espaços. Por outro lado por mais que a gente fique lá dizendo como é que se participa desses espaços só estando lá que vamos caindo, levantando e a gente aprende. Por outro lado acho que é muito fácil de protagonismo, falar que vamos levar os jovens lá para pedirem, mas não é fácil fazer. Uma coisa eu concordo com Vânia quando ela diz que a gente fica pensando como é que a gente vai levar os meninos para o conselho e dentro da instituição não promovemos espaços para que eles possam se colocar! Se eles não conseguem interferir, influenciar decisões institucionais que estão ali pertinho deles como é que vão influenciar em política pública!

E aí eu falo isso porque a gente decidiu que os meninos “Não, a gente vai trabalhar com autonomia, com protagonismo, eles vão lá para o conselho” e a gente nunca conseguia motivar os meninos para estarem no conselho. Resolvemos então começar de dentro, temos uma reunião geral mensal que define o planejamento operacional básico para o próximo mês das apresentações, dos espetáculos, das decisões,

das reuniões, de tudo e começamos assim “Então tem que ter uma eleição entre os meninos para tirar os representantes para que eles possam participar dessa reunião, e as famílias também”. Então hoje fazemos reunião com representantes das famílias, representantes dos meninos e agora eles entram com representante da comunidade que estamos atuando que é Morro Azul, lá em Queimados.

Os meninos fizeram uma eleição muito bonita, tinha até plataforma política, eles fizeram debate, tudo legal, e nunca marcava reunião que os meninos podiam começar a participar. Ia rolando reunião e os meninos já tinham eleito seus representantes e a gente nunca inseria esses meninos lá. Aí tivemos que parar e fazer uma leitura: eu acredito nesse protagonismo? Acredito, mas que medo então eu estou tendo de que os meninos participem, que a gente tem sempre um motivo para eles não participarem da reunião! É para eles participarem ou não? Vai ser uma reunião velada, eles só podem participar de uma coisa e de outra não? Como é que é isso! E aí teve que ser uma reflexão forte, pesada de muito tempo de discussão com a equipe inteira para saber se a gente está barrando os meninos aqui, que dirá o conselho. E aí estamos fazendo participação com eles lá. Agora nessa conferência, felizmente, eles fizeram uma pesquisa sobre os direitos fundamentais e fizeram uma avaliação a partir deles. Foram às instituições, fizeram entrevistas com as pessoas nas ruas para saber como esses direitos fundamentais estavam funcionando ou não dentro do município. Isso gerou dois cartazes, murais que estavam expostos na entrada da conferência municipal sem ter nenhum educador com eles para fazer. Foi feita a proposta e foram desenvolver a pesquisa deles. A gente fez uma leitura para corrigir questão ortográfica, mas em nenhum momento influenciámos em qualquer avaliação que está lá. Mas é difícil, é difícil acreditarmos nesse protagonismo. Acho que pensar de dentro para fora pode ser um bom caminho.

Tião Guerra: Gostaria de convidar pessoas que não falaram ainda a se manifestarem.

Vera (Compartilharte): Só em cima da fala dela. O que eu vejo lá no Compartilharte é que existe muito essa discussão com os meninos. Na conferência do CMDCA lá em Teresópolis o fato de estarem sempre numa atitude de dividir as discussões com eles, estarem sempre inseridos no programa de capacitação, a maneira como eles colocaram... eu acho que aí você colocou tudo, de dentro da instituição para fora, tem que ser uma prática institucional para a gente transformar isso numa prática para todos. Você tem que dar a oportunidade senão não acontece, então que oportunidade estamos dando se dentro da instituição não acontece isso! Eu vi lá no CNDCA isso que você falou, instituições mandando 18, 20 adolescentes e eles completamente apáticos sem saber como se colocar, aí os meninos começaram a falar e aí sim que eles, tipo “A gente tem voz, a gente pode falar”, e isso instiga e é por aí, quando você vê outras práticas acontecerem e elas não vão...

Gláucia (Circo Baixada): Que a gente tenta convencer que ele pode ir lá e falar no conselho, mas dentro da instituição ele não pode, ele vai falar alguma coisa, vai opinar “Não, isso aí a gente vai decidir lá na reunião” é contraditório, é minimamente contraditório!

Beatriz Azeredo: A pretensão não é esgotar a discussão aqui que a agenda foi pensada para ter uma continuidade mesmo. Depois do almoço vem uma pessoa para dar o chamado aporte externo, como a gente fala, mas é exatamente sintonia, é uma pecinha a mais nessa discussão que é pensar historicamente relações da sociedade civil com o estado. Então acho que é mais um elemento pó a gente fazer uma outra rodada no final da tarde.

Selma (Neac): Eu sou de uma organização não governamental mas também represento o setor público porque estou na Secretaria Municipal de Assistência. Então o que eu vejo também é que essa contradição que ela apresenta é muito vexatória até, porque quando estamos no conselho discutindo com as ONGs situações que está o público ali e uma oportunidade excelente da ONG se colocar e mostrar o seu trabalho, falar “Nós temos 70 crianças, mas o impacto total de crianças dessa comunidade é maior do que a sua secretaria dentro do seu território, porque a gente hoje trabalha dentro da base SUAS e tem que atender o território”. Eu estou em Santa Cruz, meu CRAS tem 13 territórios para atender e 4 assistentes sociais a menos, então que impacto que eu faço ali? Nenhum! E, no entanto, a ONG que tem uma parceria com a gente no CRAS, que atende 50 está impactando muito mais do que a secretaria inteira dentro do território. Aí vem o secretário e diz que vai dar verba para a ONG que atende “Você atende 100 crianças e não serve para a gente, tem que ser de 500 para cima”. O que importa não é o número, a gente tem que mostrar que o que importa é a qualidade e tem que se posicionar naquele espaço ali “Eu não concordo de atender 500 crianças, eu posso atender 100” e mostrar que 100 vão impactar muito mais do que ele está pretendendo com um número extraordinário.

Tarde

Beatriz Azeredo apresentou Leilah Landim, que na parte da tarde, fez uma retrospectiva histórica da relação sociedade civil e Estado provocando o debate entre o grupo. Beatriz ressaltou a excelente oportunidade de estar dialogando a partir de prática com uma pessoa que tem um processo de reflexão forte como a Leilah, e a importância para o grupo em ouvir questões históricas e conceituais, ajudando o grupo a pensar a própria prática. O registro completo da sua fala pode ser encontrado em arquivo anexo ao registro.

Leilah Landim coordena um trabalho de extensão com as alunas do serviço social de acompanhamento lá da Baixada, trabalham com mobilização social. Tem vários artigos publicados sobre o tema relações da sociedade civil com o estado e o terceiro setor. É presidente do ISER e vice-presidente da FASE.

Após a fala de Leilah e o debate, Tião Guerra agradeceu a presença de Leilah e a convidou para voltar e ela disse gostar muito desses debates. Além disso, fez uma provocação pra ao grupo levar as discussões dos Encontros para as suas equipes que não estão presentes, como estão pensando em lidar com esse conteúdo quando voltam para a organização. Vale a pena pensar um pouco.

Tião Guerra: No geral como foi dedicar um dia a um tema da forma como a gente fez? Alguém mais agrega alguma coisa?

Selma (Neac): Apesar de toda tensão que causou o tema para mim, mas foi muito rico, questionador.

Kátia (Spectaculu): Eu fiquei com um gostinho de quero mais.

Roberta Marques entregou o manual de relacionamento, 4ª edição, esse período de maio a dezembro para terminar esse ciclo nesse final do ano e começar em janeiro de 2008 com uma nova edição e deu os seguintes avisos:

- A avaliação externa chegou, só que está num compêndio muito grande, então será necessário fazer um relatório para cada instituição para poder mandar.

- Com relação aos questionários de fortalecimento institucional que foi preenchido pelas instituições, o relatório está sendo atualizado para ser enviado às instituições.
- Com relação ao cadastro, algumas instituições já acabaram o cadastro de 2007 e pela primeira vez, foi finalizado no começo do ano e precisamos avançar com relação ao monitoramento também, principalmente da parte do Desiderata, na formulação dos relatórios de saída do monitoramento.

Avaliação do Primeiro Encontro de Parceiros

Terça - Feira, 03 Julho de 2007 das 08:30 h às 17:30h

Local: R. Jardim Botânico 674, cobertura

Preencha o questionário abaixo atribuindo grau de 1 a 4 para cada item (sendo “1” o grau mais baixo e “4” o mais alto). Caso atribua nota 2 ou 1 para algum item, por favor, comente sua decisão ao final do instrumento. Sua avaliação é fundamental para o planejamento dos próximos Encontros.

Parte I – Em sua opinião, em que medida os objetivos dos Encontros foram alcançados?

Objetivo	4	3	2	1
Acolher os novos colegas do grupo				
Conhecer, definir e acordar sobre os objetivos do Programa nessa 4ª edição				
Aprofundar o entendimento comum sobre o papel da sociedade civil e o processo de influenciar Políticas Públicas				

Parte II – Em sua opinião, em que medida os princípios gerais dos Encontros foram cumpridos?

Princípio	4	3	2	1
Foram criadas oportunidades para a construção de conhecimentos				
O facilitador Tião Guerra contribuiu com conteúdos e metodologias pertinentes				
Os aportes trazidos por Leilah Nandim				
A participação de parceiros na apresentação dos novos (Crescer e Viver / Neac)				
Cada participante teve a oportunidade de contribuir e aprender				

Parte III – Como você avalia os seguintes itens de suporte aos participantes:

ITEM	4	3	2	1
Localização				
Refeições				
Salas de trabalho				
Agenda/dimensionamento do tempo				
Material disponível				
Organização geral				

Parte IV – Resultados

Que atividade(s) e momento(s) você considerou mais significativo(s)? Por quê?

Que importância teve este Encontro para o seu projeto e a sua Instituição?

O que ficou em aberto para você? Que perguntas você tem agora?

Por favor, se achar necessário faça algum comentário sobre o trabalho do facilitador, sobretudo no sentido de aperfeiçoá-lo.

Tião Guerra:

Por favor, faça comentários ou sugestões sobre a metodologia, o conteúdo e a infra-estrutura deste seminário.

Obrigado!

Equipe do Instituto Desiderata.

Resultado da Avaliação do 1º Encontro de Parceiros

Terça - Feira, 03 Julho de 2007 das 08:30 h às 17:30h

Local: R. Jardim Botânico 674, cobertura

Foi realizada uma avaliação escrita do 1º Encontro da 4ª edição do Programa Ser Capaz. Foram respondidos 13 questionários, de 18 participantes de instituições parceiras distribuídos abaixo:

- Afroreggae: 1
- Ballet de Santa Teresa: 1
- CEASM: 1
- Crescer e Viver: 2
- Circo Baixada: 2
- Espaço Compartilharte: 1
- NEAC: 2
- Praticável: 2
- Spectaculu: 1

Resultados das Perguntas Objetivas:

Critério: notas de 1 a 4 (sendo 1 a mais baixa e 4 a mais alta).

		Nota média	% acima de 3
Parte I	Acolher os novos colegas do grupo	4,00	100
	Conhecer, definir e acordar sobre os objetivos do Programa nessa 4ª edição	3,54	100
	Aprofundar o entendimento comum sobre o papel da sociedade civil e o processo de influenciar Políticas Públicas	3,54	100
Parte II	Oportunidade de Construção de Conhecimento	4,00	100
	Facilitador Sebastião Guerra	4,00	100
	Aporte da Leilah Landim	4,00	100
	Apresentação do Neac p/ recepcionar os noovos	3,85	100
	Oportunidade dos participantes de contribuir e aprender	4,00	100
Parte III	Localização	3,69	92
	Refeições	3,85	100
	Sala	4,00	100
	Agenda/ Tempo	3,85	100
	Material disponível	4,00	100
	Organização geral	3,92	100

As notas foram altas em todas as partes da avaliação, com exceção de algumas notas baixas com relação à localização do Encontro.

Resultados das Perguntas Discursivas:

Nessa parte foram transcritas as respostas dos questionários e agrupadas de forma a reunir as respostas semelhantes (os números colocados ao lado são sobre a quantidade de pessoas que fizeram depoimentos semelhantes).

1. Que atividade(s) e momento(s) você considerou mais significativo(s)? Por quê?
 - O texto da Leilah Landim. Por retomar as questões históricas, dando a possibilidade de refletir quanto à origem das ongs e como culturalmente nos afeta nos dias de hoje. 5
 - A discussão em grupos pequenos porque conseguimos colocar nossa opinião melhor. 4
 - A celebração final pois nos fez pensar quanto as instituições passaram por um longo e valioso processo de amadurecimento. 4
 - As plenárias. Porque conseguimos falar e ouvir os parceiros e refletir sobre as nossas próprias ações. 2
 - A 2ª parte quando relacionamos a discussão com a instituição.
 - O estudo sobre políticas públicas porque nos fez rever conceitos fundamentais para o trabalho.
 - A celebração final, pois percebi o brilho nos olhos de cada pessoa que se encontrava ali ao apresentar o que havia construído de mais rico durante essa caminhada junto ao ID, os seus tesouros escondidos.
 - A fala da Beatriz sempre é muito rica e inteligente.
 - O exercício proposto pelo Tião.

2. Que importância tiveram estes Encontros para o seu projeto e a sua Instituição?
 - Reflexão da prática. 3
 - Troca de experiências e ações. 2
 - Construção de rede.
 - Repensar as ações para 2008.
 - Conseguimos compreender cada vez mais e melhor os outros projetos.
 - Contribui para a formação dos participantes e para a construção do planejamento estratégico institucional.
 - Re-fletir, re-ver, re-pensar? Nossa trajetória de forma casada com a trajetória da história brasileira.
 - Ele marcou não um fim, mas um recomeço, uma possibilidade de continuarmos de diferentes maneiras apoiados pelo ID.
 - Muito importante, pois pudemos falar um pouco da nossa instituição.
 - Reflexão sobre a necessidade de ampliar a articulação comunitária. Certeza de levar adiante o estímulo dos adolescentes, no que diz respeito ao protagonismo e formação de lideranças comunitárias.
 - A torça de energia criativa através das parcerias que dão ao trabalho uma inteligência e um corpo comunitário.

3. O que ficou em aberto para você? Que perguntas você tem agora?
 - O futuro.
 - Quais serão os próximos passos e como nos inserimos no projeto em 2008.
 - Por termos chegado recentemente ao grupo, ainda não conseguimos entender algumas questões levantadas referentes ao cadastro e monitoramento.
 - Como vai ser o ano que vem?
 - Ficaram em aberto as portas físicas e do coração com muitas perguntas como sempre.

- As informações sobre os planos para 2008, que serão certamente esclarecidas nos encontros individuais.
- Como fazer bem a articulação comunitária se os jovens estão tão desestimulados a se organizarem? O que faz sentido para eles nesse momento?

4. Por favor, se achar necessário faça algum comentário sobre o trabalho dos facilitadores, sobretudo no sentido de aperfeiçoá-lo.

- É sempre confortante chegarmos de um trânsito intenso encontrar a calma e o auto-controle do Tião.
- Achei o Tião mais objetivo e melhor facilitador hoje.
- Sempre didático.
- Acredito ser muito difícil fazer esse trabalho de facilitador, principalmente no dimensionamento do tempo, mas o Tião faz com o maior cuidado.
- Ele é ótimo.
- Como sempre maravilhoso.
- Só posso agradecer à disposição do Tião e à sua generosidade.

5. Por favor, faça comentários ou sugestões sobre a metodologia, o conteúdo e a infra-estrutura deste seminário.

- Foi tudo muito bom.
- Talvez pudéssemos discutir alguns textos que tratem de experiências concretas que problematizem nossas ações.
- A localização do ID é um dificultador.
- Acho que podemos ter mais tempo para as plenárias. Fizemos a leitura e discussão do texto da Lailah que foi ótima, mas não conseguimos aprofundar a discussão na plenária.
- Sugiro definir a pauta com antecedência e estudos prévios de textos.
- Estimular estudos leituras. Trazer palestrantes como sempre acontece. Fica aqui registrar a frase de Padre Antonio Vieira “A verdadeira fidalguia é a ação. O que fazeis sois, nada mais”.

Reunião de Treinamento do Cadastro

Quarta-feira, 22 Agosto de 2007

Reunião de Treinamento do Cadastro

Há três anos que os projetos apoiados pelo Instituto Desiderata fazem uso do Sistema Informatizado para monitoramento das crianças e jovens atendidos e suas famílias. Com o objetivo de capacitar novos profissionais e tirar dúvidas em relação ao uso do cadastro, o Instituto promoveu um novo treinamento sobre a utilização dessa ferramenta que contou com a participação de representantes das novas e antigas instituições apoiadas. Esse treinamento foi ministrado por Rodrigo Rocha e Luis Eduardo da Overview Pesquisa.



2º Encontro de Instituições Parceiras

Segunda - Feira, 22 Outubro de 2007 das 08:30 h às 17:30h

Local: R. Jardim Botânico 674, cobertura

2º Encontro de Instituições Parceiras

Participantes

• Instituto Desiderata: Beatriz Azeredo e Roberta Marques; Associados ID: Ângela Nogueira; Convidados: Paula Rocha e Sheila Najberg (Instituto Dynamo), Cláudio Barria (Se essa rua); Consultores ID: Tião Guerra (Instituto Fonte).

Instituições Parceiras

• Afroreggae: Maria Esenir e Evandro João; Ballet de Santa Teresa: Vânia Farias e Alessandra; CEASM: Edson Diniz e Viviane Couto; Circo da Baixada: Gláucia Brito e Jaldicéia; Crescer e Viver: Bárbara Silveira e Vinícius Daumas; Espaço Compartilharte: Maria de Lourdes Oliveira e Cristiane; NEAC: Cristiane Rosa e Rosemeri Senna; Praticável: Elaine Cristina e Fernanda Oliva; Spectaculu: Kátia Oliveira e Sílvia Rinaldi.

Objetivos

Promover o encontro entre os profissionais que estão implementando os projetos apoiados pelo Programa Ser Capaz – 4ª edição para que, juntamente com a equipe do Instituto Desiderata, possam:

- Aprofundar conceitos fundamentais do programa;
- Conhecer e colaborar no aperfeiçoamento do Programa em 2008;
- Celebrar as aprendizagens e conquistas de 2007.

Manhã

Crescer e Viver - Vinícius Daumas

Há um tempo atrás tinha um texto, não me lembro de quem, que falava justamente disso, que quando os direitos básicos foram tratados e são tratados como prestação de serviço há um esvaziamento político disso, como educação, saúde, lazer. Na verdade, quando nas instituições não tratamos como prestação de serviço, mas como garantia de direitos, aí estamos incluindo uma discussão mais política de tudo isso. Aí literalmente você vai estar trabalhando articulado com a comunidade e também políticas públicas em suas diferentes esferas.

No caso do Crescer e Viver somos uma organização que nasceu dentro de uma comunidade para uma demanda de moradores de uma comunidade, de um grupo de uma escola de samba, que a gente fazia parte. Então ela tem uma legitimidade, um reconhecimento de parte da comunidade.

A gente nasceu ali na ponta, nasceu ali na ação direta, nasceu ali junto com a própria comunidade, que a gente é comunidade. A partir daí foi para um outro nível que foi a gente trabalhar isso mais articulado com atores da comunidade, primeiro trabalhando com a família e depois com outros atores da própria comunidade. Na realidade fomos ampliando nossa atuação e definindo mais qual era o nosso foco, nosso papel, que é trabalhar com arte



e cultura na promoção de (inaudível) trabalhando outros sistemas, família, comunidade e tal. É uma das articulações que já fizemos, que na escola pública também discutimos isso, que é você dialogar com o poder público e você estar dentro, intervindo ou interferindo em política pública quando uma instituição dialoga com uma escola pública, que é uma política pública na área da educação, de que forma você pode estabelecer parceria em prol daquela comunidade. E aí numa outra escala a gente disputar, concorrer, atuando nos conselhos, CMDCA, o Conselho de Cultura onde podemos entender melhor qual é esse mecanismo já que adquirimos uma determinada experiência de trabalhar na comunidade, como é que você pode estar atuando em esferas de caráter deliberativo onde você tem ações mais decisivas, onde você pode estar construindo e fiscalizando política pública para aquele território que a gente trabalha e também de uma maneira geral para o município, mas em espaços mais decisivos. Aí resolvemos dar um outro passo que é estar dentro desse contexto de política pública que é atuando dentro dos conselhos. Então, se fizermos um resumo é isso, estamos (ao lado?) de uma ação que foi chamada de prestação de serviço que a gente (inaudível) prestação de serviço (inaudível) e ela envolve todo um engajamento político com isso que nos levou até ir galgando outros espaços para poder estar fortalecendo mais essa ação e isso é um programa de mais larga escala, que a política pública não é só (mercado mundial?), mas (inaudível). Aí estamos atuando dentro do CMDCA e agora também assinamos presença no Conselho de Cultura da (cidade?), que a gente acredita que pode fazer esse link maior e atuando mais efetivamente com as questões do dia a dia. O resumo nosso é esse.

Circo Baixada - Gláucia Brito

Sou Gláucia Brito do Circo Baixada lá de Queimados e agora ampliando a atuação para a Baixada Fluminense. Primeiro fizemos a reflexão sobre o texto e depois vem logo uma pergunta, se essa questão anterior trouxe algumas questões que a gente até reconhecia na instituição. Todo tempo eu (inaudível) um pouco essa coisa da tutela, da coisa do receber com a população, não só com aquele público que é diretamente atendido, mas com todas as outras pessoas. Não raro as pessoas perguntam: “O que vocês dão além da cesta básica? Dão bolsa?”, não raro isso acontece. A gente enfrenta um pouco essa coisa da tutela, do receber, dessa coisa da falta do exercício da participação cotidianamente, então passamos um bom tempo discutindo isso, como é que enfrentamos isso.

Isso vem um pouco na seqüência da outra questão que é como a organização (inaudível) articulação e política pública. Um pouco compartilhando o que o Vinícius falou não conseguimos ver uma coisa separada da outra. Na verdade a todo tempo que a gente busca estar além daquela prestação de serviço é todo um processo de participação, de organização, de tomada de consciência, de autonomia, então fazemos isso tudo muito junto, muito ligado. A própria, teoricamente, prestação de serviço no projeto é preferida pelo próprio público, a gente tem uma linha de arte e educação, mas que semestralmente as crianças, os adolescentes, a comunidade, a família, parceiros participam das avaliações e dizemos que rumo vamos tomar em relação a isso.

Temos um planejamento estratégico bi-anual e um planejamento operacional anual que a gente faz essas paradas envolvendo todo mundo para estar discutindo como pretendemos caminhar. No nosso olhar é muito importante o comentário deles porque é esse exercício da participação, da compreensão, da comunicação que a gente chama de autonomia, a pessoa ter essa percepção de que ela é alguém, de que ela pode dizer, de que ela percebe o que está acontecendo na comunidade dela mais até do que eu, porque tem toda uma questão do capital social, tem toda uma questão cultural aí envolvida, que precisa ser matéria prima para as políticas públicas. Esse exercício da participação vem acompanhado de uma abertura de caminho, de um apontar de caminho para uma participação política maior desses jovens, dessas pessoas nos espaços de deliberação. Por enquanto ainda somos representante, entre aspas, dessas pessoas nos espaços de deliberação, mas elas já freqüentam esses espaços e a idéia é que a gente possa estar (inaudível), que a própria população, a comunidade, daquele lugar que está envolvida no projeto Circo Baixada possa estar lá nos espaços de deliberação dizendo o que é importante para aquela comunidade. Mas por

conta de toda essa coisa histórica que a gente leu aqui como é difícil exercitar essa (capacitação?), entender o que está acontecendo e saber que é possível se posicionar.

Circo Baixada - Gláucia Brito

Atores estratégicos, todo mundo vai. (inaudível) o resultado final é mais proveitoso, que está já olhando melhor. Aí uma coisa que a gente estava até discutindo antes, que a gente começa a pensar que nosso papel muito mais de representar as pessoas é de ser o caminho para que essas pessoas estejam lá falando, porque às vezes a gente acha que está representando e não está.

Tião Guerra

Fantástica. Estou curioso de saber como é que rola lá no Crescer e Viver, elas fazem uma imagem de que? “Nós estamos representando uma população, mas trabalhamos nos espaços, nos conselhos, mas trabalhando para que essa população se represente muito em breve”. Como vocês vêem isso? Quem está no Conselho Municipal, quem de direito e quem de...

Crescer e Viver

De direito a Rosana, vocês conhecem. No Conselho de Cultura o novo presidente que foi eleito é o Vinícius Daumas. Inclusive agora já tem o hábito de pai ir para uma reunião do conselho e levar o mais o jovem, a mãe.

Tião Guerra

É a minha próxima pergunta. Como é que vocês estão fazendo para preparar essa sucessão?

Crescer e Viver - Bárbara Silveira

Porque a gente acredita a essa coisa da participação ela é muito difícil. Você chegar num grupo mesmo que pequenininho dentro do projeto e saber que você pode falar já é um passo, então a gente começa esse exercício dentro mesmo do projeto. Faz avaliações internas, planejamentos internos e aí conforme a pessoa vai ganhando segurança há sempre um convite “Você não quer ir agora para o conselho comigo?”

Crescer e Viver - Vinícius Daumas

A gente discutiu isso no grupo também de manhã. As nossas práticas educativas, pedagógicas ou processo educativo, sei lá, mas as nossas práticas dentro da instituição elas têm estado condicionando o que a gente pensa ideologicamente quando a gente vai discutir isso numa esfera mais fraca, e a gente tem que toda hora se policiar, a gente está lá dentro, quais são nossas práticas cotidianas, a gente não traz resquícios da nossa própria cultura para o pauta, a cultura que é libertadora ela pode também te aprisionar e você ficar preso àqueles resquícios de que “Aqui a relação é verticalizada” ou seja, qual é a nossa prática no dia a dia da instituição que vai valorizar esses espaços democráticos, (se a gente está pedindo inaudível, se é inaudível) de que forma que eles participam do planejamento, de que forma os educandos participam do planejamento, como é que eles fazem essa avaliação. Quando a gente vai para outras instâncias, por exemplo, eu no Conselho de Cultura, esse é o terceiro mandato, não existe o regimento interno dentro do Conselho de Cultura, a gente acabou de fazer um conselho de cultura e a gestão anterior pegava e o conselho dizia “Não, o prefeito tem que conversar comigo”, pegava as atas e sentava em cima, literalmente, na reunião “Eu não vou lá, eu vou ficar aqui esperando a presença dele”. Então, existe uma cultura local também muito individualizada, segmentada e aí você vê que a pendenga) é muito maior. O que a gente está vivendo é cada vez mais botar as pessoas para participar desses espaços.

Bárbara Silveira

E isso também é uma grande discussão. Muitas pessoas dizem “A gente ensina projeto de participação e economia”, mas a pessoa precisa de informações mínimas e de exercício dessa participação para poder chegar lá e participar, porque senão a pessoa vai para o conselho não entende nada que está acontecendo lá. Então isso também é um exercício, a reflexão, a compreensão do que está acontecendo, ter informação para poder estar lá entendendo aquele processo. Ao contrário do que algumas pessoas dizem, que participação não se aprende, eu acho que não vai lá dizer o que a pessoa tem que votar, mas ela precisa aprender esse processo, que aquele jogo também tem regras e você precisa compreender. Então a gente trabalha um pouco nessa questão.

Só fechando a última coisa, que outras questões emergem nesse confronto. A gente pensou em duas coisas. A primeira, o conflito entre esse processo de aprendizado, esse exercício da participação, da busca da autonomia e as necessidades básicas de sobrevivência que acontecem. Isso é um conflito permanente, porque essa coisa de participar, de mudar o mundo ela demora um pouco pelas necessidades de questão de sobrevivência, é alguma coisa que emerge. E outro conflito é como você está no espaço de deliberação você avaliar políticas públicas porque é o seu papel estando lá, você sugerir coisas e o poder público não te ver como um inimigo, você não quer ser inimigo, você quer contribuir. Sempre que a avaliação não é positiva existe todo um confronto e que às vezes a própria população que está no Circo Baixada junto com a gente, que vai lá (inaudível) todos vão com uma percepção que é gerada de confronto quando na verdade não é, tanto que é uma outra questão que emerge e que é muito delicada.

Tião Guerra

A tensão com o confronto. Uma coisa é tencionar, que precisa tencionar a energia para alguma coisa. Vamos seguindo por aqui. Esse confronto foi uma boa conversa mas um mal exemplo para o resto da plenária. Agora seria Spectaculu.

Spectaculu – Kátia Oliveira

Você falou uma coisa que é a impressão que eu tenho também do que a gente faz aqui, preparar esse caminho para que eles se representem. Em termos de instituição a gente também tem um exercício, eu compactuo com você de que é um exercício que tem que ser feito, porque tem competências relacionadas a esse exercício, saber se expressar, saber criticar. Isso tudo se aprende, eu acho, com o exercício de fazer. Então essa avaliação constante, esse pensar de que eles já trazem coisas não somos nós que somos os únicos que vamos levar as coisas, nós temos as coisas e eles não têm as coisas, isso não existe. Propriamente esse ano está acontecendo uma mudança que até então não justificava muito ainda nessa prática interna. Esse ano estamos começando a sair, efetivamente, como (considero?), com esse projeto de Belas Favelas, que é o nome deles. Temos começado a discutir com os alunos muito essa questão da democracia, da cidadania e uma série de coisas que esse assunto envolve, a coligação da cidade, enfim, uma série de questões que aí você começa a falar dos direitos, porque as pessoas desconhecem os seus direitos e fica muito difícil você buscar seus direitos se você não conhece, não entende como direito seu e acha que é dádiva. Isso tem sido uma experiência muito rica. Os conselhos nós ainda não conseguimos nos apropriar daquele espaço, estamos longe de poder levar jovens e familiares, porque nem nós temos um lugar naquilo, nem entendemos nosso lugar ainda lá. Você falou do ponto de vista de estrutura. Uma coisa que está acontecendo através do Belas Favelas, Providência foi uma das favelas que a gente trabalhou, e conhecendo uma pessoa que já nos procurou está havendo um movimento na zona portuária de intervenção no projeto. Quem nos procurou foi o fotógrafo da Providência, como ele é conhecido. Está havendo um movimento de nos unirmos e de estabelecermos...

Spectaculu – Kátia Oliveira

Exatamente. Isso é a primeira vez que está acontecendo com a gente, então é uma coisa nova para a gente. Com relação aos problemas acho que a gente às vezes fica com tantas questões, fica tão dentro dos trabalhos internos

e com pouco pessoal para sair para fazer essas articulações. Isso eu me ressinto um pouco. Acho que ano que vem temos que pensar sobre isso, temos que nos reorganizar para termos a possibilidade de fazer mais rede, construir rede mesmo.

Voz feminina

Já falei muito, mas só uma coisa dessa coisa de falar em encontrar a população que não tem o exercício da participação, dessa coisa de receber sempre, que não é uma realidade da população só do (inaudível) não, a equipe, a gente todo momento está querendo (inaudível). Acho que isso é um conflito interno para cada profissional de área, cotidiano. Tu escorrega, aí tu sofre “Ai meu Deus, não era para eu ter mudado assim, era para refletir”. Acho que essa luta é maior do que qualquer luta, é a luta com você mesma.

Spectaculu - Kátia Oliveira

Estou aqui pensando. Eu nunca participei, porque para mim isso tudo é novo. Estou nesse trabalho há 4 anos então você tem que pensar que essa transformação tem que partir de você, m como você falou: é a ação. Você começar a agir a partir de você não é esperar dos outros ou isso ou aquilo outro, é uma coisa que vem de cada um e às vezes demora você descobrir isso.

Tião Guerra

Há 3 meses atrás, na reunião do tal conselho, uma reunião belíssima com um cara chamado (inaudível), ele é professor da PUC de Belo Horizonte, ele dizia justamente que nós somos um país que tem uma agenda de democracia, temos um projeto de democracia participativa, mas o cidadão tem uma agenda de democracia representativa. O meu tempo é usado da seguinte forma: eu cuido de mim e, por favor, alguém cuida de todo mundo, alguém me represente e cuide de todo mundo. Mas a gente tem um projeto de democracia participativa aqui, “Me chama para conselho, me chama para isso, me chama para aquilo”, mas a minha agenda não tem o mínimo de espaço para isso.

Voz feminina

Outro dia eu vi um filme sobre essa coisa tão anos 70, que é muito interessante, estava num festival de cinema. É um documentário político e aí você vê aquela época no Chile, no Brasil, na Argentina como os jovens lutavam por alguma coisa! Nós perdemos isso! Você tem que estar (inaudível) todo mundo, você fala uma coisa não é só ele, todo mundo. É difícil agir, entrar numa coisa, fazer de fato, entender o que é aquilo que você está fazendo. Eu estou falando de mim.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Mas eu acho essa visão um pouco estereotipada. Vamos pensar nisso. Porque nos anos 50, 60 não era a massa de jovens. Eu sou uma família de 8 filhos e só eu saí para a militância às duras penas porque a família era contra. Por exemplo, hoje vendo uma comunidade rural que não tem acesso a nada mesmo, porque não tem nem acesso ao direito de ir e vir porque não tem horário de ônibus regular, e a gente tem jovens que estão participando. Antes de ontem chegou um jovem que foi para o Equador, representando o Brasil numa conferência de (campos climatis?). Agora foi para o Chile...

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Eu acho que não. Eu acho que tentam sufocar o movimento das massas, mas esse movimento está eternamente aí. Se eu não acreditasse nisso eu já tinha entregado meu boné. Eu acho que temos que refletir. É uma boa reflexão quando a gente dentro das instituições, com outros encontros, se houvesse, mas como é que se dá esse movimento político, como é que se dá a formação dessa consciência.

Praticável – Fernanda Oliva

Pegando um gancho da Lurdinha, esse como se dá, porque a Praticável ela agora completou 5 anos e eu acho que existe uma Praticável que começou ali no primeiro, segundo, terceiro ano e existe uma Praticável do ano passado para cá. Eu vejo nitidamente desde ser uma formação nas pessoas que se organizaram para realizar um trabalho para garantir os direitos de crianças, e de agora quando a gente percebia que no início para conseguir mobilizar uma mãe ou um jovem era uma dificuldade agora já percebemos o contrário, é como eles se sentissem parte daquilo. Tivemos uma experiência há um mês atrás de duas mulheres e duas adolescentes participarem com a gente do planejamento estratégico, junto com toda a equipe. Foi fantástico, porque a gente via adolescente falando “Vamos resgatar o Clube da Música que parou. Eu vou ser responsável por isso” com o nome dela.

Praticável – Elaine Cristina

Elas começaram o encontro elas dizendo assim, para vocês compreenderem. Uma delas falou assim “É a primeira vez que eu estou num lugar com muitas pessoas e não estou compreendendo uma única palavra”. Essa foi a primeira frase dela assim que chegou. No final do dia ela já estava se responsabilizando por uma série de coisas, ela compreendeu ao longo do dia “Caramba, eu posso fazer por isso aqui!”

Praticável – Fernanda Oliva

Ela vai ser responsável por conseguir um novo espaço para o núcleo de mães, que ela faz parte e quer ser multiplicadora, ela quer levar isso para outros espaços comunitários. Talvez essa mesma mulher há dois anos atrás a gente tenha tentado convidá-la a ir a um fórum de cooperativismo e ela não quis ir. Então é um trabalho que é gradativo. Tem essa coisa de no início você pensar “Caramba, não vou conseguir, está difícil, há uma resistência”, mas é não acreditar como é que realmente vai fazer sentido o trabalho. Agora um outro exemplo. O núcleo de adolescente pediu um espaço para falar sem ficar perto das crianças sobre adolescência. Não surgiu porque a Praticável falou “Vamos montar um núcleo de adolescentes”, não, e agora apareceu um grupo para trabalhar isso. Estávamos refletindo e pensamos “Caramba, refletir a gente faz isso há século, reflete, reflete, reflete. Temos que partir para a ação” e aí pensamos “Porque a gente precisa conhecer melhor essa comunidade onde a gente atua, porque antes a gente não conhecia chegou lá impondo, entre aspas, oferecendo, uma atividade que a gente achava que seria legal. Hoje em dia nem tem circo dentro da Praticável. A primeira atividade foi circo e teatro. Hoje estamos reparando que o circo pode voltar, que há um interesse dessas adolescentes em fazer trabalhos com o corpo, e há um espaço na quadra que também está aberto para isso e que antes estava fechado, porque a quadra não reconhecia o trabalho da Praticável, eu digo a quadra que é ali o local onde as pessoas passam para entrar para a comunidade, sai da comunidade entra na comunidade, a quadra fica ali na entrada como se fosse um cartão de visitas, e é onde fica a boca de fumo. Então tudo que acontece ali atualmente não vai para frente. Começa um programa com (inaudível) em dois meses acaba. A gente fazia um evento na quadra ninguém ia nem os alunos. Por que isso acontece? E aí agora já estamos percebendo que é devagar, é lento, mas que agora as pessoas já reconhecem, já vão, já pergunta. Já tinha fila de criança falando “Eu quero entrar, anota meu nome” na fila de espera e antes a gente estava correndo atrás dos alunos. Como é que é isso? Como é que se dá essa mudança.

Praticável – Fernanda Oliva

Uma outra coisa que apareceu também no planejamento estratégico que foi legal é que uma hora a gente estava discutindo sobre essa questão da relação com o (inaudível), como é que você lida com isso. A gente estava dividido em grupos e isso aconteceu no grupo que eu estava e a gente chegou à conclusão, alguns nem muito, mas outros foram junto com a idéia que é o seguinte: a gente tratava a comunidade e a Praticável, mas como assim? Nós somos comunidade, estamos na comunidade há 5 anos. A Praticável é comunidade, ela já faz parte daquilo ali. E a gente tentou caminhar num outro sentido, não é mais a Praticável aqui, a comunidade ali e vamos lá. Eu acho que ao longo dos anos as coisas vão se transformando, as relações vão se transformando, até o processo de formação

de rede, que também é muito importante. Ao longo do tempo a gente vai percebendo. Quando a gente vê alguma cartilha como aconteceu, vocês devem ter recebido, a cartilha do Qual é a boa a gente consegue ver o resultado de uma investigação que foram as próprias adolescentes que fizeram na comunidade, nossa, você olha aquilo ali...

Praticável – Elaine Cristina

O resultado inclusive é que o maior índice de problemas com educação. O interessante é que não fomos nós que identificamos isso, foram elas entrevistando moradores. Foi interessante para inclusive percebermos se o que estamos desenvolvendo tem a ver com o que a própria comunidade precisa.

Praticável – Fernanda Oliva

E perceber também que necessidades são essas, que políticas públicas podem ser realmente efetivadas naquela região, naquele local.

Praticável

E agora estamos percebendo que temos que trabalhar com jovens para serem futuras lideranças, porque não há lideranças, há ausência de lideranças.

Spectaculu - Kátia Oliveira

O que tem me chamado atenção no projeto Belas Favelas é isso, inclusive lá isso que a gente percebe. Os jovens eles negam seus lugares, então eles têm uma tendência a sair, não sei se vocês vêem, mas a gente observou lá no...

Spectaculu - Kátia Oliveira

Mesmo aqueles que já conseguem construir alguma coisa, que têm mais... Eles também não levam para a comunidade, eles saem, isso também tem sido muito interessante a gente discutir com eles.

Praticável – Fernanda Oliva

Na camisa eles não queriam que a gente colocasse Grupo de Adolescentes do Morro dos Prazeres, apenas Grupo de Adolescentes. Mas vamos refletir, por que não pode aparecer morro dos Prazeres? O que eu acho que está por trás de tudo isso, eu estava falando para o grupo, que é a questão da informação. Como é que as pessoas vão se mobilizar se elas não têm consciência política se elas não recebem educação, ou recebem uma educação precária? Isso não só com o pessoal, a equipe também, e a gente começa com a equipe. Como é que vou ter vontade de abandonar o que estou fazendo porque eu sei que é muito importante realizar isso com essa família para ter que ir lá correndo no conselho para poder participar. O que é mais prioridade nesse momento? É de doer o coração! Tem que sair de um atendimento para correr para ir para o conselho! Porque a equipe é muito pequena, porque a equipe não está a fim de ir ou então “Isso não é prioridade agora!”. Como é que você faz esse trabalho de consciência com a equipe? Eu, como coordenadora, não quero ir para conselho sozinha, não me interessa levantar a bandeira “Eu vou!”, não quero. Se não tiver uma equipe representativa, pessoas que pensem junto e que se articulem e cheguem lá não faz sentido eu levantar a bandeira da Praticável e dizer “Estou aqui carregando a Praticável e o morro dos Prazeres. Não tem nenhuma liderança comigo, ninguém querendo vir comigo”, aí eu não vou! Adoro ir ao conselho, eu acho que preciso exercitar mais isso, mas se não chegar ao ponto de uma dessas adolescentes irem, a gente não chegou lá, a gente quer chegar, mas se não chegar a esse ponto não faz sentido, não faz o menor sentido eu ser a voz, a Praticável ser a voz de uma comunidade inteira! Não, essa comunidade que precisa de alguma maneira ocupar esses espaços também e não como instituição. Aí é o grande ponto que acho que estamos pegando agora, como democratizar essa informação. Tem um exemplo muito bacana que foi a história do rato. Tem um rato dentro da Praticável, uma ratazana. Foi um caos por que o rato tinha um passo muito parecido com passo de criança. Descobrimos que tinha coco de rato, tinha

um rato e aquele rato virou um problema. Esse rato não pode ser um problema tem que ser uma solução, porque o rato está na comunidade inteira, ele não está na Praticável, então o que vamos fazer! Descobrimos que tem um serviço na COMLURB gratuito de desratização, e ninguém sabia que existia. Na verdade a Praticável procurou o serviço para exterminar o rato. Eles foram lá, conversaram com o pessoal ao redor e tentaram explicar os cuidados de higiene, etc. no próximo encontro temático que tivemos trabalhamos a questão da higiene, do saneamento básico, fizemos uns quadradinhos de papel anunciando que existe um serviço de desratização, gratuito, e as famílias foram passando os quadradinhos. Isso virou uma informação e a (toalha da Samp?) falou “Eles vieram aqui e já estão fazendo o Escondidinho todo”, que é uma comunidade do lado. Uma informação que nem a gente sabia, se a gente não futurar a gente não sabe, virou uma mobilização para todo mundo cuidar e desratizar a sua casa, e é um serviço público. Então, como um serviço público às vezes...

Praticável – Elaine Cristina

O cara que foi lá disse que o rato parecia um cachorro, que nunca tinha visto um rato tão grande. Na verdade ele estava na cozinha da Samp, não estava dentro da Praticável não. Eles disseram que “No caso de vocês não adianta desratizar, porque vai matar esse e vão aparecer outros. Tem que tampar o buraco por onde esse rato entra”

Voz masculina

(inaudível) eu tenho uma observação, uma crítica construtiva do ponto de vista que não necessariamente você está requisitando aquela comunidade, pelo menos assim a gente atua lá, aquela comunidade que está inserida no dia a dia. Mas é uma outra instância que você está participando (inaudível) é que a sua prática do dia a dia, a sua prática educativa, o que você está desenvolvendo na comunidade não está dissociada daquilo que você está discutindo em políticas públicas que é uma instância maior. E aquela política pública que você está (inaudível) naquele espaço interativo não é especificamente para a sua comunidade, mas para uma cidade, não é “O vereador de tais e tais bairros está ali para defender os cargos (inaudível)”, mas você tem que pensar isso em cidade.

Praticável – Fernanda Oliva

O que eu quis dizer na verdade foi Fernanda em relação à sua equipe, em relação ao trabalho desenvolvido, porque não faz sentido eu somente ir para um conselho se eu não tenho equipe uma preparada entendendo o que é isso. A gente até fez um trabalho de políticas públicas com a Lurdinha, e aí falou: “Caramba, não adianta levantar essa bandeira sozinha”.

Voz masculina

Acho que cada instituição vai saber se tem...

Voz feminina

Quando a gente pára para pensar a instituição, e estou falando isso porque a gente vem de um processo de alguns meses, que a gente teve algumas capacitações, teve um planejamento estratégico, mas, quando você pára para pensar você olha não só o pessoal da comunidade como a equipe também. Quando a gente começa a conversar sobre um milhão de coisas, a gente fez (inaudível) participativa, aquelas tarjetas todas na hora do planejamento, e a gente sente a própria equipe, o pessoal da comunidade assim “Não, eu não sabia que era isso tudo”. Então é importante.

Voz masculina

Eu entendi. O tempo de cada um participar eu entendi, minha única observação é em termos de representatividade.

Praticável – Elaine Cristina

Esse conselho da cultura já estou louca para ir! Tenho como praticar como? Com Fernanda, que sempre trabalhou com cultura e com arte, acredita nisso como, enfim, como meio mesmo.

CEASM - Edson Diniz

Na verdade a gente iniciou a discussão falando sobre as oficinas que a gente tem, que na verdade a gente estava procurando enquadrar as oficinas a essa pergunta. Vimos que perpassamos por esses 3 itens e enumeramos as oficinas. Não sei se eu entendi mal a pergunta.

Como prestação de serviço enumeramos que as oficinas de mercado de trabalho que temos, a Internet gratuita, a biblioteca e os passeios culturais que fazemos, que é uma vez por mês, levamos os grupos para visitar o CCBB, todos os espaços gratuitos que temos no centro da cidade. A articulação comunitária fazemos nessas datas festivas movimentos para poder trazer a comunidade para o núcleo. Fizemos a Semana do Folclore em agosto, quando fizemos um ciclo de debates, palestras, e a Semana da Criança, que a Zeli participou de todo o processo, e um outro projeto chamado Amor pela Vida, que a gente financia na comunidade, um projeto voltado para a área de saúde.

CEASM - Edson Diniz

E políticas públicas a inclusão digital, que é um projeto que a gente tem, o Juventude e Polícia, que acontece em Belo Horizonte, a questão da segurança pública, e a orientação de direitos, uma oficina que temos dentro do DEGASE na Ilha do Governador.

Voz feminina

Eu comecei a argumentar com o Evandro que se a gente era uma única ação que perpassa a esses três pontos, prestação de serviço, articulação e políticas públicas, ou se era uma área específica, e acabamos chegando à conclusão que é uma única ação mesmo. Aí podemos colocar que quando uma demanda chega até nós, quando uma mãe nos procura, o adolescente nos procura perguntando se tem algo que a gente possa oferecer ou a mãe pede se tem algo que a gente pode oferecer para a criança aí entra a questão da prestação de serviço mesmo, nós temos isso, nós temos aquilo. Aí entra na questão da articulação, você pode buscar o serviço público ou o serviço particular. Aí a gente acaba fazendo com que essa família tenha atendimento, que a orientação de direitos lá está ali no DEGASE também. Explicar para aquela mãe o direito que ela tem não só o direito de ir e vir, o direito de participar, o direito de buscar o que tanto as organizações públicas e particulares oferecem. Então chegamos à conclusão que é uma única ação que a gente caminha pelos três ali, é a ação que a gente viu que o Afroreggae faz.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Essa coisa de prestação de serviço é um nome que me agonia, estou agoniada desde o início desse nome. Mas como está todo mundo um pouco usando essa palavra, essa expressão... Então pergunto direto para vocês (canalizando?) nas oficinas. A prestação de serviço, entre aspas, ela é estratégia ou ela é atividade aberta?

Voz masculina

Ela é uma atividade aberta, uma atividade que a gente oferece, ela não é uma estratégia.

Voz feminina

Estratégia no sentido de atrair.

Tião Guerra

Para chegar a alguma coisa.

Voz masculina

É o que a gente oferece para poder ter essa família, é um meio.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Às vezes a gente faz, por exemplo, a Ação de Cidadania da Globo, a gente faz uma igualzinha lá que em 4 horas a gente atende 400, 600 pessoas. São 400 voluntários, fecha a rua, para que? Ela é uma prestação de serviço. Esse tipo nós estamos prestando um serviço, então vem o povo da veterinária vacinar cachorro, vem o povo da escola de Direito para falar sobre direito de família, direito do cidadão, direito do consumidor, vem o pessoal da NARANON, do AA, é uma prestação de serviço mesmo. Mas a gente usa isso como o que? É uma ação, uma atividade, uma meta do projeto? Não, ela é uma estratégia para cutucar com vara curta o poder público para falar para eles assim: toma vergonha na cara e vê a saúde, põe ônibus, faz escola de qualidade, asfalta estrada, porque eu acho que ela sendo uma estratégia eu acho que está sendo super válida, você prestar o serviço, porque você está prestando um serviço que é do poder público! E quando você trabalha como estratégia você junta vários atores, lá em Teresópolis no caso são todos da universidade, todos os clubes de serviço, na área de narcóticos, de alcoólicos, Lions, Rotary, pode até dar (sapatinho), vale tudo, mas aí você traz lá o secretariado todo que se não estiver você liga e fala “Vamos participar”, porque aí já sabe que a cidade está inteira lá dentro! Então eu brinco lá dentro que isso é uma estratégia de guerrilha...

Voz feminina

Essa mobilização que vocês têm é só a sua instituição que faz de conseguir mobilizar conselho?

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Não, o Espaço cria, vamos fazer a rede de cidadania tal dia. Aí a gente vai na odonto, na faculdade.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

É! Vamos de porta em porta, cartinha na mão e aí um começa a falar com o outro e aí de uma hora para outra você tem 400 voluntários à sua disposição. Aí junta a comunidade toda para serviço de Papa Nicolau. A última que tivemos lá, por exemplo levamos mãe que há 6 anos não fazia preventivo, pegamos detecção de câncer de mama, agora, trouxe a primeira dama e fiquei sorrindo o dia inteiro do lado dela “Ta vendo doutora Edna como é importante ter um posto de saúde na área!”. Então isso também eu acho que é uma forma guerrilheira de pedir que o poder público tenha vergonha na cara e cumpra com seu papel. Eu acho que se ela é uma estratégia lê é muito bem aceita...

Espaço Compartilharte - Lurdinha

...na enfermagem para fazer exame de mama ou da medicina para fazer preventivo, para por DIU, para poder atender, prestar um serviço. Consertar um dente não é uma prestação, não entendo como uma prestação de serviço, eu entendo como uma estratégia mobilizadora do poder público ter vergonha na cara.

Tião Guerra

2:50, estamos indo muito bem, vamos seguir mais um pouquinho? Faltam 3 ou 4, Ballet, CEASM e NEAC.

Espaço Compartilharte – Lurdinha

Posso continuar? A gente existe há 16 anos. Para quem não nos conhece estamos no quinto fim do mundo. Para mim, para a Cris, nós estamos no paraíso, você também, não é? É o fim de uma estrada que vai dar em lugar nenhum, que é uma trilha de morro com a cachoeira de (inaudível) no topo da Serra do Mar. Então o poder público

de jeito nenhum... Não, hoje em dia já chega. O nosso trabalho, graças a Deus, ele veio mudando e a gente tem mudança e aberto a mudança sempre.

Respondendo a essa segunda pergunta, prestação de serviço, a gente vê prestação de serviço sabendo que a gente está fazendo prestação de serviço como estratégia para caminhar para aquilo que a gente diz que a ONG tem que ser. Por exemplo, a gente já teve educação infantil, a gente já teve educação complementar, a gente já teve educação (para adulto?) de noite, já tivemos posto de saúde, consultório odontológico. Tivemos uma estrutura de que quem chegava lá da área pública dizia “Isso aqui não é uma ONG, isso aqui é uma prefeitura”, isso era a frase de todo mundo, e realmente era, porque a gente estava querendo transformar aquela realidade, mas a partir da população. Então a gente passou o pirulito ou o mel na boquinha da comunidade para mostrar “Vocês são cidadãos de direito e têm direito a ter isso tudo, agora, vamos lutar junto que esse consultório vai acabar daqui 3 anos!”. Eu tenho dinheiro de manter consultório de primeiro mundo durante 3 anos e depois acabou. A escola municipal que só ia de primeira à quarta série do ensino fundamental, era escola multi-seriada, era um quadro pintado na parede quatro tirinhas assim, quatro filinhas de carteira, uma professora no mesmo horário e meninos de todas as idades aprendiam ali. Os meninos que estavam fora da escola com 11 anos, 12 anos eu levava na escola e diziam na hora que eu cheguei lá “Ah (inaudível) perdi 3 vezes, perder um ano para quê? Já está muito grande não vai aprender mesmo” (falar isso dentro da escola?). Trabalho infantil, direto e reto. Temos horta com aplicação de agrotóxico em larguíssima escala, mudança de (inaudível) em larguíssima escala e as crianças, Cris, viveu a vida dela vendo esse quadro, não graças a Deus participando ativamente do quadro, mas a criança fica com o caixote de verdura, a mulher arrancando verdura o dia inteiro, começa 5 da manhã e vai até 10, 11 da noite para encher o caminho e ir para o CEASA e na hora que tem que alimentar o menino põe o peito para fora e ali agachada, apanhando verdura vai arrastando o caixote e o menino mamando no seio. Então a gente disse o seguinte, no início nós temos que ser especialista sim, a gente tem que fazer a tal da prestação de serviço para poder ir mudando a história desse lugar. Então, criando uma consciência crítica de que eles são cidadãos de direito, que eles pagam imposto na hora que eles compram o extrato de tomate, o saco de feijão, na hora que eles andam no ônibus, que não é horário regular. Então a gente foi construindo aos poucos essa visão de cidadania, de que sou cidadão de direito e meu filho também é com prioridade absoluta. Então começamos trabalhando com criança, adolescente, jovem e mulher para depois cair nos homens. Mas o que a gente queria? A gente queria o empoderamento da comunidade, que a comunidade tivesse autonomia para ela mesma sair na briga. Durante 14 anos nós fizemos atendimento interno e intramuro e fizemos trabalho de guerrilha, para uns mais aberto e para outros mais fechado. Determinados momentos a gente não agüentava e saía no pau mesmo com o poder público, tem hora que não dá para engolir. Vai assinar para mandar para Brasília a prestação de contas da assistente social e não assina! Somos titulares, fazemos questão disso, não quero ser nem suplente, nós somos titular em tudo que é conselho da cidade, nós estamos em 31 fóruns e conselhos com a mesma posição.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Trabalha que nem um condenado, pelas tabelas, a equipe é mínima, mas o jovem está envolvido com isso, a gente tem menina em Conferência de Direito da Criança e Adolescente, em regional serrana, em fórum serrano, em conferência estadual. Ontem nós saímos aqui no Rio na conferência das cidades, que é o grande desafio, que é um município completamente diferente do Rio, certo? Eu estava conversando com a menina do Ballet de Santa Teresa e ela falou “Eu sei o que é Teresópolis, porque o dinheiro do conselho some no dia 31 de dezembro todo ano” o Fundo (inaudível) não chega às instituições, nunca chegou. Nós ganhamos todo ano o concurso, aquele concurso que a gente comunicou a vocês, do manual, concurso dos conselhos, Fundo do (inaudível) Social, Fundo do DCA, a gente apresenta projeto em todos os conselhos, depois ganha o primeiro projeto classificado, mas nunca pusemos a mão no dinheiro, porque o dinheiro some no calado da noite do dia 31 de dezembro. Aí a gente pede demissão, faz a maior confusão, a maior briga e no ano seguinte a gente está lá na maior cara de pau e continuamos brigando como conselheiro...

Voz feminina

Qual é a uta hoje lá do CMDCA, onde está o dinheiro!

Espaço Compartilharte - Lurdinha

É, mas eles aqui têm edital.

Voz feminina

Mas ela tem há dois anos também.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Pois é, mas esse edital que ela está lançando hoje (inaudível) a vida deles 102 reais para quatro horas, isso nem se pagava quando pagava. Teresópolis é zero para 24 horas.

Voz feminina

Era 39 reais.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

32. A gente fez atendimento direto em várias áreas. Começamos a diminuir as áreas e substituir por essas estratégias de guerrilha, então hoje não temos mais escola multi-seriada, não temos mais a (receita de transporte?) escolar para os meninos, que a gente é que fazia, porque é uma região gigantesca de fazendas gigantescas que tem menino que caminha 20 km a pé para chegar na escola. Na medida que a gente mostrou que o mundo é outro e a comunidade captou isso começamos a diminuir. É cruel! Aí você leva porrada de tudo que é lado, porque o dinheiro do posto de saúde (D. Lúcia inaudível cobrou inaudível) e aí essa coisa da população que está acostumada a receber cesta básica, cobertor, caixa d'água, onde está o dinheiro do posto de saúde? Cristiane vai casar, vai casar com um vestido de noiva de 30 mil reais (que tiraram do postinho de saúde?), e por aí vai! E aí você tem que ter uma paciência gigantesca que vai explicando, a participação aumentando cada vez mais, as famílias chegando cada vez mais até que há 3 anos atrás a gente achou que a comunidade estava madura o suficiente e a equipe também, porque tem essa coisa da equipe, a nossa equipe, eu não sei o percentual hoje, mas é muito elevado, a gente prefere contratar mão de obra local. Começamos então a idealizar a criação de uma rede de proteção integral, na medida que você não tem outros atores locais para poder fazer de cada família um Espaço Compartilharte pequenininho e a gente poder sumir! Amanhã não tem financiamento, não tem não sei quê, ou eu morri ou não sei quem cansou, acabou, mas as famílias continuaram o trabalho. Hoje a gente tem na rede de proteção integral, o que é a rede de proteção integral? Nós começamos uma ação assim: conta de luz. Você já leu uma conta de luz "Leio todo mês e pago 20 reais", mas aqui no cantinho tem taxa de iluminação pública, tem iluminação pública na comunidade, que é gigantesca? Não, em canto nenhum. Então por que você paga? Eu não quero deixar de pagar, mas eu entrei na justiça como consumidor, como cidadã e deixei de pagar, vamos tentar? E as famílias todas começaram a entrar e pela taxa de luz elas viram que podiam exercer o direito de cidadania de verdade. A partir da luz e com um ganho no orçamento a gente começou a trabalhar o direito da criança e do adolescente. Hoje abuso sexual, violência sexual, matrícula, repetência, humilhação, etc., todo mundo tem um manual, a gente tem as placas nas casas que aderiram, eu imaginava 15 famílias e isso chegou a 32, que eu acho que é um número absolutamente suficiente. Então tem que subir o morro ir lá no espaço saber como é que faz, que a mulher do fulano apanhou muito essa noite e ele fugiu com outra. Ela mesma como vizinha... Então você vai tecendo esse tecido social através dessa rede.

Tião Guerra

Não entendi. Eu posso procurar uma das 32 casas e encontrar...

Espaço Compartilharte - Lurdinha

E encontrar a mesma informação que eu vou dar, que a Cristiane vai dar lá dentro do espaço.

Tião Guerra

Um posto avançado.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

É. Ou então tem muito medo porque o cara é violento e aí me liga na calada da noite ou liga para a Cris, para a mãe da Cris, ou para uma tia da Cris e fala assim: será que a gente pode fazer de forma a ninguém saber? Aí a gente tem os canais, que a gente também criou os subterrâneos da denúncia, que algumas coisas só a denúncia que funciona, e no subterrâneo, que a gente também não quer morrer de tiro, a gente quer morrer melhor. Então criamos essa rede, e para mudar o conceito do que é uma estrutura piramidal para uma estrutura em rede, que cada um é um nó e na hora que afrouxa a sua cordinha você está influenciando a cordinha do outro lá que também vai ser afrouxada e tudo pode cair, foi uma construção muito melhor, inclusive de muito aprendizado para nós, equipe, direção. A nossa assembleia geral, sócios da instituição, estranharam, cobraram, brigaram, reclamaram, porque queriam 40 crianças dentro da sala de aula, mais 60 crianças ali no teatro. Foi duro passar do atendimento intramuro para o extramuro, mas hoje estamos intramuro e extramuro, tomando conta de todos os cantos da comunidade, armazém, birosca, porta de igreja, porque não tem praça, não tem um banco de praça. Então hoje a gente atende na comunidade inteira e nas escolas.

Voz feminina

Quantas pessoas na comunidade.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Aproximadamente 1400, mas muito distantes entre si. Para finalizar o seguinte, quando eu vi que a rede de proteção integral dava para funcionar de verdade e a comunidade se empoderou dela, criou autonomia, então em vez de eu ir brigar com o secretário de educação 5 mães foram e conseguiram a creche, 5 mães interditaram a rua e falaram “Ah é? Não vão consertar a rua? A gente não pode passar, o ônibus da escola...” que antigamente nós fazíamos o transporte da escola para garantir a frequência “...não pode passar porque está cheio de buraco? Então tudo bem” pegaram a enxada e fizeram um buraco na estrada inteira e no dia seguinte a defesa civil estava lá. Hoje eu já não tenho que gastar a energia gigantesca que eu gastava porque elas mesmo... E telefonam “Olha, quebramos a rua inteira, fizemos buracos gigantes e agora ninguém sobe e ninguém desce, não manda a Kombi” e eu tenho funcionário que mora lá em cima “Como eu vou chegar em casa!” a pé, e não pode mandar os meninos para a escola. Aí a prefeitura vai e conserta. Então são N ações que hoje essa rede de proteção integral se protege integralmente, é integral da comunidade, velhos, crianças, adultos, jovens. Foi uma experiência muito legal, está sendo.

Aí resolvemos criar, malucamente, um projeto de autonomia financeira dessas famílias, que não adianta dar autonomia política, vai comer o que amanhã! Então a gente se inscreveu no Ministério do Meio Ambiente num projeto de desenvolvimento local sustentável com foco na preservação da mata Atlântica, criando uma rede de empreendedores sociais. Então há um ano e meio capacitamos as mães, os meninos, os adolescentes, todos que quiseram, jovens, e hoje eles criaram uma carta da terra, eu vou botar agora na Internet, que é de chorar, porque ao longo desse um ano e meio de capacitação a gente foi discutindo sustentabilidade, ética, cidadania, exploração de mão de obra infantil, direitos trabalhistas. Aí eles foram criando uma carta de princípios que norteia a rede de empreendedores. Hoje, por exemplo, se você comprar uma casa lá como a nossa diretora executiva, que disse que vai comprar uma casinha lá, e quiser entrar para a rede você vai ter que assinar essa carta e os empreendedores é que estão tomando conta da rede, e os empreendedores da rede são muitos da rede de proteção integral. Na realidade criamos duas redes internas na comunidade que hoje elas são cruzadas, muita gente faz parte de uma e de outra. A

Beatriz inclusive sugeriu que eu desse a vocês um por instituição, por favor, que eu trouxe poucos. Aí você tem já 54 famílias que já estão produzindo e aumentando a renda, mas sempre com foco no desenvolvimento sustentável e na conservação do meio ambiente. Eles têm encontros mensais, já elegeram as lideranças por setor, então tem assim, liderança da gastronomia, liderança do artesanato, da costura. Já tem mais 107 que vão entrar para a rede, que nessa edição aí eles ainda não tinha assinado a adesão à carta de princípios éticos, sociais e ambientais. Por exemplo, não pode ter mão de obra infantil, menina abaixo de 14 anos tem que ganhar uma bolsa, que seja dez mil réis, mas tem que ganhar alguma coisa pelo trabalho que está fazendo lá na cozinha da dona fulana que faz geléia. E a gente está montando agora as estratégias de comercialização. A feira que o Tião foi, a Fernanda foi, que a gente convidou vocês foi a primeira feira de empreendedores sociais. E o que ficou? É o sorriso da mulherada, poderosa, vendendo, um clima de alegria, de tudo funcionando maravilhosamente bem. Hoje essas duas redes estão montadas. A gente montou uma rede na cidade, que é uma rede gigantesca, e agora acabamos de criar o site. O site está no ar a partir de ontem. São instituições que querem trabalhar pelos direitos de todas as populações excluídas, então criamos um site onde nós, instituições, e profissionais da cidade comprometidos, chama Rede Recurso Teresópolis, têm o acesso e eu digo lá “Cristiana está precisando de tratamento de dente, o Tião está precisando de um exame para a coluna” e por ali eu já faço o encaminhamento, porque são profissionais comprometidos das várias secretarias e as ONGs que estão fazendo um trabalho sério em Teresópolis.

Tião Guerra

Como é que chama?

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Rede de Recurso de Teresópolis, mas ele é fechado para não ter problema. Quem atua realmente na rede tem uma senha para entrar e para sair, para alguém não entrar e pedir um encaminhamento, fazer qualquer besteira.

Tião Guerra

Mas a gente pode ver, pelo menos?

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Não. Tem um grupo de discussão que depois eu te passo o endereço. Eles criaram um grupo de discussão do que está acontecendo na Rede Recurso de Teresópolis. Então, na realidade, são 3 redes. Graças a Deus já, já a gente vai deixar de existir.

Tião Guerra

Quem vem depois seja muito sábio. Nós temos ainda um nome que eu não sei falar ali.

Voz masculina

Redes da Maré.

Tião Guerra

Então falta Redes da Maré, NEAC e Ballet, é isso?

Voz masculina

Deixa eu começar então. Talvez a gente seja a instituição mais nova aqui, no sentido de tempo de vida, embora de experiência a gente tenha muito tempo. Eu sou Edson, sou um dos diretores da instituição chamada Redes de Desenvolvimento da Maré, estou aqui com a Viviane, depois ela vai se apresentar e temos um projeto chamado Nenhum a Menos com parceria do Desiderata. A gente vem de uma outra experiência na Maré que foi muito

interessante, que é o Centro de (inaudível) da Maré, que é o CEASM, talvez muita gente conheça, ouviu falar, é uma ONG bastante conhecida na cidade.

Há uns 3 anos mais ou menos a diretoria do CEASM, da qual eu faço parte, e mais sete pessoas, vêm fazendo um processo de discussão longo, uma reflexão longa do nosso papel, exatamente um pouco disso que fizemos aqui. Chegou-se a uma conclusão de que crescemos muito nesses 10 anos, começamos com 4 pessoas e hoje temos 330 pessoas. Atendemos mais ou menos 6 mil pessoas na Maré, a Maré tem 132 mil pessoas, é a maior favela do Brasil, e fizemos uma reflexão grande sobre isso, sobre nossos pontos de vista, sobre nossas divergências internas, inclusive, sobre algumas questões que estão colocadas aqui e a gente chegou à conclusão de que era preciso dar um outro passo agora. Depois de 10 anos de trabalho na Maré, depois de cumprir um determinado (grupo?), com a evolução que aconteceu era preciso avançar mais e desenvolver algumas ações que a gente não conseguia mais desenvolver por conta da limitação da nossa história, por conta do grupo, enfim. Decidimos que no final do ano de 2007 o CEASM vai acabar, vai deixar de existir, e a partir dele vão ser formadas duas novas instituições. A idéia é que a gente multiplique nosso trabalho. Uma instituição que vai ter um caráter muito mais ligado à questão da educação e a outra instituição vai ter um caráter muito mais ligado à questão da cultura, isso a definição do próprio grupo. Eu sou professor, a Viviane é professora, as pessoas que estão com a gente são professores e a nossa trajetória individual mesmo e profissional, e a atuação na própria Maré, eu moro lá, a Viviane mora lá, acabou que chegamos a esse consenso que era preciso, tinha alguns limites que a gente não conseguia avançar mais, então era preciso multiplicar esse trabalho e isso a partir de duas novas iniciativas. Então uma dessas iniciativas já está caminhando, já está funcionando, que é a Redes da Maré, que herda esse legado de 10 anos do CEASM, que vai continuar algumas coisas e está propondo outras coisas, outras questões novas a partir dessa experiência que a gente já tem.

Entrando aí na discussão eu estava lembrando aqui, das pessoas falando, que recebi há uns 3 meses atrás, estava saindo de casa às 8 horas da manhã, meu telefone celular tocou e era alguém da Rádio Tupi, querendo fazer uma entrevista ao vivo comigo. O cara falou “Você vai entrar no ar daqui a pouco, daqui a 5 minutos ao vivo para fazer entrevista” e eu “O que é isso, como é isso?”, não havia marcado nada. O prefeito deu uma declaração, que não sei se vocês chegaram a ver essa declaração, obviamente mais um factóide, dizendo que ia colocar nos postes de luz das favelas interruptores para o tráfego desligar a luz, que ele estava cansado de repor as lâmpadas que o tráfego quebrava dando tiro e pedrada. Eu na hora até achei que era brincadeira, mas com esse prefeito que a gente tem tudo é possível. E aí eu disse que não tinha ouvido a declaração e não posso falar sobre a declaração. Aí ele disse “Você vai entrar com o secretário de segurança ao vivo, com o assessor do prefeito, um promotor de justiça” e eu falei “Não vou entrar, porque nem sei o que é isso. Não ouvi o prefeito falar isso, não sei se é verdade ou não”, e ele “Mas nós queremos ouvir a voz da comunidade” e eu falei “Agora é que não entro mesmo, eu não sou a voz da comunidade, apesar de morar ali e da sincrezia da Maré estou na instituição tem 10 anos e agora uma nova que caminha com esse legado, mas eu não sou a voz da Maré, a Maré tem 16 associações de moradores, 102 instituições, então não posso falar de jeito nenhum pela Maré, não tenho esse contato. E aí tem duas coisas que eu acho que cabem a partir desse (inaudível) nunca mais me ligou, não é mais meu amigo, ele disse que queria que eu falasse e eu disse que não ia falar.

Edson Diniz

O CEASM se desdobrou em duas instituições novas, uma dela a Redes da Maré. Estamos mais na questão da educação, embora essa questão de cultura e educação a gente não está separando tanto, mas a nossa praia é mais a questão educacional, embora a gente saiba que educação e cultura são faces da mesma moeda. Mas a nossa ênfase maior certamente é na educação. A idéia é que o CEASM acabe em dezembro, como nome, como marca. Continua com alguns projetos por causa dos contratos que tem.

Edson Diniz

Mas já está na Redes, já está no manual. É claro que esse é um processo que estou resumindo muito, a gente não tem tempo aqui, é óbvio que tem alguns problemas no meio do caminho, algumas pessoas ficaram muito tristes, mas a gente acha que é a decisão correta, a gente chegou no limite, precisava caminhar mais e não conseguia mais caminhar por uma série de questões internas. Agora estamos apostando nessa multiplicação das ações e estamos caminhando.

Tem duas coisas importantes que têm a ver com o nosso tema. Primeiro essa coisa de que as ONGs, as instituições, elas não são entidades representativas das comunidades. Acho que isso é uma coisa que tem que estar muito clara. Nosso papel, isso é muito objetivo, é mobilizar, é articular, fazer a questão das redes, é questionar o poder público, é empoderar os atores sociais, respeitando absolutamente essas pessoas que elas têm uma potencialidade muito grande. Acho que nosso papel é esse e já é muita coisa! Se conseguir realizar metade disso já estamos muito bem.

A outra coisa é o estado, que acho que não tocamos aqui, tocamos, mas não discutimos que estado que nós queremos, eu tenho dúvida do que é o estado republicano. O que é o estado republicano? Que trace, que crie políticas públicas duradouras de longo prazo, boas, e que as ONGs, as instituições de sociedade civil, por melhores que sejam por maiores que sejam jamais vão conseguir substituir, jamais vão conseguir cumprir o papel do estado. No máximo vamos ajudar, no máximo nós vamos cumprir algumas ações que o estado não pode ou não tem como fazer. Então eu acho que isso clareia um pouco. O que é o nosso papel? É não cair nessa discussão, que eu acho fantástica, da mera prestação de serviço, por exemplo. Então, quando te oferecem algumas ações isso tem que estar no horizonte, isso tem que estar colocado. O projeto que a gente desenvolve no Nenhum a Menos, por exemplo, nosso sonho é que um dia o estado assuma isso e assuma como política pública para toda a cidade do Rio, e tomara que para todo país. Essa é outra questão importante, a gente acaba ficando muito fechado nas nossas comunidades, isso é um erro também. As redes têm que ser para dentro e para fora também, elas têm que questionar o modelo de cidade que nós queremos. O PAN investiu 3 bilhões de reais no Rio de Janeiro, não foi um centavo para nenhuma favela carioca, um centavo. 3 bilhões de reais se você investir nas favelas, nas comunidades, em equipamentos públicos, por exemplo, mudaria a face do Rio hoje, não tenho a menor dúvida disso, e a gente não se organizou para discutir a questão do Pan-americano. Vem copa do mundo aí e vem olimpíadas em 2014, vão ser investidos quase 10 bilhões de reais na cidade do Rio de Janeiro. Isso, por exemplo, é papel nosso, discutir para onde vai esse dinheiro que é público, é de todo mundo. Então o estado republicano, por exemplo, tem que discutir isso, tem que abrir essa discussão para a sociedade, para a sociedade civil organizada, que somos nós aqui, e acho que esse é o nosso papel também, de pressionar e discutir o estado que a gente quer.

Eu queria só olhar aqui o texto, que ele aponta claramente. Estado, na verdade, tem uma relação muito ambígua, muito autoritária com a sociedade civil, acho que precisamos voltar a discutir qual estado queremos, e é óbvio que esse estado tem uma orientação sim, ele é contraditório, mas ele tem uma lógica, ele tem uma orientação sim e certamente não é a orientação que a gente queria, provavelmente não é a orientação para as comunidades, para a população que mais precisa. No nosso grupo mais cedo usei como exemplo a questão da Coréia, favela da Coréia. A polícia foi lá e matou 12, 15 pessoas e entre elas uma criança de 4 anos. O governador vai para a televisão dizer que é isso mesmo, que bandido que atirar vai tomar tiro. O Beltrame fala a mesma coisa, que a operação foi bem sucedida. É o secretário de estado falando que a morte de uma criança é normal.

Voz feminina

E quem garante que esses 10 que são traficantes realmente são traficantes?

Edson Diniz

Aí a gente não pode confundir direito legal com extermínio, bandido tem que ir para a cadeia, não tenho dúvida disso. Quando a gente fala assim não estou defendendo que tem que ter privilégio, pelo contrário, mas não dá para o estado entrar numa comunidade, matar 15 pessoas, entre elas uma criança, destruir duas casas e uma família e absolutamente nada vai acontecer. E mais, o secretário já disse que vai voltar à favela e é óbvio o que vai acontecer! Esse tipo de estado, esse tipo de política de segurança pública, a gente pode dizer para a saúde, para a educação, para outras áreas, não pode. É esse estado que a gente não tem que querer, é esse estado que a gente tem que pressionar e aí é fundamental, fico muito feliz quando a gente vê que várias organizações aqui ocupam os conselhos, acho que os conselhos ainda precisam evoluir muito mais, mas é ótimo que ocupe, é bom que o Crescer e Viver esteja, por exemplo, na presidência de um conselho, por exemplo, acho que tem que fazer isso mesmo.

Para fechar eu acho que essas duas discussões na verdade são irmãs gêmeas: qual é o nosso papel e que estado que nós queremos. Então é um pouco disso que a gente hoje na Redes está tentando fazer. O que o nosso projeto, que é o Nenhum a Menos, que está aqui com o Desiderata, vai ter nesse processo? Acho que a Viviane vai falar rapidamente.

Viviane Couto

Quando o Nenhum a Menos surgiu, surgiu nessa perspectiva de garantia de direito, não queríamos ser prestadores de serviço, tanto que a gente não ofereceu nada a ninguém. A gente surgiu a partir de uma demanda que foi identificada nos dados do censo da Maré e aí a gente identificou o problema e vamos tentar interagir com essa comunidade para ver qual é esse problema. Depois, lá no meio do caminho, a gente teve algumas estratégias como (inaudível) foi muito bem, quer dizer, a gente viu que para mobilizar precisava de alguma coisa, então a gente tinha que dar uma cesta básica que isso atraía, e aí a gente começou, mas nunca foi um fim, sempre uma estratégia para estar mobilizando. De um tempo para cá percebemos que, acho que foi um processo que estava meio de acordo com o que estava acontecendo na instituição, que sozinho não dava, não adiantava a gente ficar ali nadando contra, literalmente a maré. A gente conseguia ver alguns resultados pontuais, mas os problemas na comunidade como um todo se agravavam. A gente via uma criança que a gente conseguia garantir na escola e a gente via um número assustador de crianças que estavam fora dela e a gente não queria isso! Aí pensamos, já vendo o que estava acontecendo nessa área, de também fazer uma rede dentro da Maré para discutir a desescolarização. Fizemos um seminário e é um processo muito lento, porque como vimos aqui na parte da manhã quando conversamos um pouquinho essa história de desmobilização, e aí eu concordo com a Lurdinha quando ela fala que não é algo que acontece por acaso, as pessoas não estão desmobilizadas por acaso, tem todo um contexto para que isso aconteça. Então a gente viu que lidar com esse contexto é muito difícil, é muito mais fácil para as instituições cada uma trabalhar as suas escolas, trabalhar nos seus problemas, cada um na sua, que quando você abre para o outro você tem que mudar, você tem que conversar, ver os seus problemas, não é todo mundo que está aberto a isso. Então a gente está lá nesse momento nesse processo de tentar dialogar com as outras instituições, fazendo visitas, conversando, chamando para evento, temos um grupo de discussão na Internet também, e tentando mobilizar os outros atores para essa questão da desescolarização. Então é uma das questões que a gente tem que trabalhar em rede, é a primeira, como o Edson diz é o carro-chefe da nova instituição, cujo nome não é Redes à toa. É uma das redes que estamos querendo propor para que a nossa atuação deixe de ser uma atuação pontual e que ainda às vezes seja questionada, “Mas será que vocês estão atuando mesmo, vocês estão transformando ou só estão prestando serviço?” para deixar de ser isso e que as pessoas olhem daqui para frente e falem “Espera aí, essa instituição não tem objetivo de apagar o incêndio, ela quer fazer com que o incêndio não aconteça que algo possa ser feito para que mude realmente a história dessa comunidade” e que isso possa ser uma experiência para outras comunidades e somar as experiências que já estão acontecendo nas outras comunidades, como vemos aqui experiências bem sucedidas, que a gente vem aprendendo muito. Acho que esses encontros são importantes porque a gente vem aprendendo muito com isso. A gente vê um exemplo aqui e fica cheio de idéias, isso

pode dar certo lá, isso pode não dar certo.

Quanto a participação nos conselhos, nos fóruns nós estamos engatinhando, aí eu me identifico muito com a Spectaculu, ainda estamos muito afogados e essa coisa de mobilizar a comunidade, ainda tem que mobilizar para ir nos conselhos. Estamos num momento de avaliar, planejar e para o ano que vem, a gente sabe que isso é uma das questões de estratégicas, a gente vai ter que começar e começar ampliando o que a gente já faz. A gente já conversa com os pais, temos reunião de responsável, aí estamos sempre trabalhando essas questões de cidadania, de direitos, a última foi sobre a questão da violência, que a gente viveu um momento muito ruim na comunidade com a questão da violência, a invasão, e aí isso gera um problema sério. Então a gente partiu da violência contra a mulher para chegar nesse contexto maior, porque elas falam “Tem mulher que merece apanhar” e a gente “Espera aí, como é que é isso? Se tem a mulher que merece apanhar tem o morador que merece apanhar porque não está dentro do contexto. Mas será que é isso?”. Tentamos partir de casos específicos da violência da mulher, que é uma coisa que faz parte da realidade para chegar numa conversa sobre essa questão maior da violência. Já levamos para os pais essa questão da desescolarização, fizemos uma árvore de problemas com eles, que a gente fez uma rede, fizemos com os pais também, e a idéia é que a gente possa futuramente levar alguns pais para a rede para que eles possam ter o olhar de quem está vivenciando o problema. Estamos nesse caminho, estamos engatinhando ainda, sabemos que precisamos melhorar muito, mas sabemos que é uma prioridade do projeto, isso acreditamos que é um ganho.

NEAC

Como tem pouco tempo eu vou ler o que escrevi e explicar rapidamente. Percebemos que muitas instituições, assim como nós, se sentem trabalhando ainda fragmentando a prática, formação e a teoria como exercício político por muitos motivos, entre eles as atribuições que os profissionais exercem com o acúmulo de compromisso externo. Por exemplo, essa semana vou estar uma vez só no NEAC. Por outro lado ficar na prática cansa e desestimula, pois nos deparamos com desafios maiores como a deficiência no acesso a direitos fundamentais que somente iríamos superar agindo na perspectiva macro. Hoje a gente tem essa maturidade de que o que a gente fez até ali não dá mais conta, de que a gente tem que ir além, mas ir além é ofertar, é também respeitar o outro, o tempo do outro, o desenvolvimento daquela comunidade, a forma como ela se caracteriza.

No dois eu botei. Pensando dessa maneira percebemos que durante algum tempo o sistema e as demandas nos empurraram para a lógica da prestação de serviços sim, portanto sendo engolidos por ela sem reflexão maior, saindo do patamar que nos orienta, o de garantirmos direitos básicos à população. Porém temos a cada dia retomado à lógica da articulação comunitária no exercício de crescimento linear, trabalhando em rede com outros atores, então caminhando para uma atuação em políticas públicas. Eu percebo que quando ele fala que é o momento, achei interessante quando você levantou essa coisa da agenda, quando a gente pára e percebe que às vezes se cria estratégias de participação e ao mesmo tempo de cooptação. Por exemplo, esse ano descobrimos duas coisas muito legais. Uma que existe o conselho de escola que a comunidade podia atuar, só que não é verdade. Quando você chega a saber que aquele conselho vai ter a votação já escolheram quem vai ficar, então você continua não participando, e também a Comissão de Controle Social, ou seja, o SUS diz que tem que ter, então uma instância maior ‘tem que ter’, constrói, mas constrói, legítima naquele momento, avisa a população três dias antes e todo mundo vai para lá feito louco, chega lá acredita que votou, que participou, mas na verdade aquilo ali eles dominam novamente, cooptam novamente aquele poder.

Eu acho que estamos caminhando, caminhando para uma perspectiva de política. Fico admirada quando vejo a Lurdinha falar do trabalho dela. Eu conheço, fui a Teresópolis duas vezes e conheci o tamanho. Minha comunidade é muito pequena e às vezes fico pensando quantos anos ainda vou ter que trabalhar para chegar à lógica que ela apresenta no caso dela. Acho que o trabalho com jovens, quando ela falou jovens de liderança, meu Deus, a gente acha

que tem uma idéia mágica como se só a gente visse aquilo, e como que o Desiderata teve um papel fundamental nessa caminhada de 2005, porque quando a gente fala eles falam que somos muito parecidos, a nossa compreensão é muito parecida, ou seja, que nós estamos seguindo uma orientação também, ou seja, uma metodologia, uma perspectiva de pensamento deles e que a gente adotou, porque aprendeu a gostar em alguns casos assim relacionado diferente com a comunidade, com a família.

Tião Guerra

E vice-versa.

Voz feminina

É isso que eu ia falar. Parece que eles também reconstruíram esse processo.

Beatriz Azeredo

Posso fazer uma pergunta à Cristiane? Porque a gente vem conversando também como entra o jovem nesse processo de repensar, que não era uma questão que não está nem no atendimento aos jovens...

Cristiane Rosa

Com certeza, já tinha acontecido duas ações como prestação de serviço. Entrava financiador de fora e aquele jovem ia para lá aprender, a gente dava alguma coisa para eles. Na verdade nesse processo de crescimento, inclusive anterior ao financiamento, a gente se aproximou da comunidade se aproximando dela. O jovem é que trouxe a proposta de trabalho com toda a sua vontade de fazer a diferença e estão fazendo coisas que a gente nunca fez. Aconteceram duas reuniões com associação de moradores e eles que nós nunca tínhamos feito, e já tem uma história de que talvez eles sejam uma nova associação. Achei legal quando ela falou das antigas lideranças, porque isso é notado em qualquer comunidade. Existiu um momento em que a liderança foi forte, conseguiram a questão do estatuto da terra, suas casas, e essa força comunitária adormeceu dentro dos seus terrenos, dos seus 10x10. Então eles através desse resgate da história é que estão percebendo a importância da mobilização, que não somos nós que estamos mais não, ou seja, eles mesmos estão...

Voz feminina

Estão se perdendo mesmo, perdendo mesmo, não sei por que, se está escondido ou está apagado...

Vânia Farias

O Ballet de Santa Teresa não trabalha com prestação de serviço, até porque nosso carro-chefe é o Ballet e muitas famílias chegam lá “Eu quero fazer só o balé”. Tem uma carga horária, tem as aulas que são obrigatórias e que o aluno tem que fazer. Então a gente não faz prestação de serviço por causa disso, porque senão fica como uma academia. Tem família lá que acha que é uma academia “Vou lá, vou inscrever meu filho ele vai fazer só balé, ele vai fazer só dança espanhola, ele vai fazer só hipe-hope”. Lá a gente vê o tripé, trabalhamos os três juntos: garantia de direito, articulação comunitária e políticas públicas. Primeiro, a criança ser matriculada no Ballet a mãe tem que participar, a mãe, a avó, a tia, alguém da família tem que participar em reunião, montamos agora um conselho mirim. Dentro do Ballet tem um conselho, as crianças fazem parte do conselho, teve eleições e eles têm autonomia para fazer. Tem um adulto que coordena, mas eles fazem sozinhos, eles têm autonomia. Primeiro explicamos o que era conselho, o que o conselho fazia e aí eles montaram o conselho. Aí já estamos fazendo articulação comunitária, que eles têm voz...

...primeiro a gente trabalha com os alunos para os alunos trabalharem com os pais, e por trás trabalhamos com os pais: quais são os direitos, onde eles têm que buscar os direitos deles, e participando dos conselhos, participando das reuniões da (inaudível). Sempre nas reuniões a gente leva, tirando o conselho que são horários que as crianças estão

fazendo atividades, por ser sempre uma tarde inteira a gente não consegue levar que aí atrapalha as atividades deles ou a escola. Mas em reuniões pequenas, que são de uma hora, duas horas a gente sempre leva um adolescente para participar, mesmo que seja assistindo, mas no assistir eles estão vendo como é que se faz, estão aprendendo, e se quiserem falar eles têm voz, eles podem falar, eles assinam como representante do Ballet nas reuniões, se quiserem falar alguma coisa podem falar.

O Ballet pensa que tudo isso trabalha junto, não tem como trabalhar só uma coisa. Lá no Ballet a gente trabalha, é um círculo, tanto os funcionários, como as crianças, como as famílias e assim a gente estende, porque a gente trabalha com o posto, com as escolas, com a associação de moradores, então já tem uma rede.

Voz feminina - NEAC

Eu esqueci de falar na minha vez uma experiência que eu tive muito importante. Quando a gente está com dificuldade a gente não está acostumada a demonstrar o que a gente faz e a gente cometeu uma falha horrível, a gente tem que comunicar que fizemos isso. A gente conseguiu organizar o 1º Fórum local (inaudível) com o tema Desenvolvimento, trabalho em rede, saúde, educação e assistência, todos pelo desenvolvimento comunitário. Foi uma iniciativa do NEAC, representando a assistência social da creche Emiliano Moreira, representando a área de educação, e do (inaudível) de Vila Mangueiral, representando saúde. Tivemos 5 encontros. Vínhamos trabalhando nos últimos 4 anos e organizamos 5 encontros nos quais discutimos com quem queríamos conversar sobre esses 4 anos, para quem deveríamos mostrar os resultados. Foi uma coisa meio louca, pegamos um espaço meio grande, que é o Centro Esportivo, conseguimos uma parceria com o CIESO. Levamos 160 pessoas que foram lá assistir, foram convidados e foram, e representantes das 3 áreas, a coordenadora da 5.2 foi, representando a assistência, a representante da educação e da saúde. Eu estou contando porque tudo que é bom tem um lado ruim. Sabe o que aconteceu? Dá vontade de chorar! A enfermeira supervisora foi convidada a se retirar por isso, porque a saúde alegou, literalmente, falaram na cara dela, que ela quer tirar o cargo de chefia da superior a ela. A gente já fez abaixo-assinado, e eles sabiam o que estava acontecendo! As três instâncias que se organizaram, o NEAC como assistência... Cada PACS, que é o programa de agente comunitário de saúde, tem uma enfermeira supervisora e ela é que desenvolve há 4 anos esse trabalho em rede com a gente, e ela comunicou à instância superior o que ia acontecer e eles não falaram nada. Mas quando eles assistiram, que viram os resultados todos, que ela mostrou os números de atendimento, ela 3 dias depois foi convocada a sair, não tinha escolha, duas outras comunidades para ir trabalhar e ela quer saber o motivo e eles não falam. Então surgiu mesmo essa coisa “Você está mostrando mesmo é (para baixo?), então é um cargo de chefia, de confiança”. Aí as 3 áreas estão passando abaixo-assinado e pedindo para que os representantes da área respondam o porquê disso, uma coisa que foi tão nova! Há quantos anos a gente quer trabalhar com essas áreas juntas!

Tião Guerra

Antes de darmos o próximo passo podíamos fazer 3 minutinhos de levantar um pouco?

Beatriz Azeredo

Engraçado, porque ouvindo esses diferentes relatos, primeiro essa observação aí da Cristiane, que ela teve um momento, a Cristiane falou isso num momento igualzinho que a gente está vivendo lá. É super interessante, não tem modelo, não tem replicação de modelo não é disso que se trata, mas tem um caminhar juntos, que as questões vão ser juntas e cada um vai lidando a partir das possibilidades que tem, mas muito interessante ver essa sintonia sem necessariamente ser um modelo, não é disso que se trata. Mas a gente tem aí questões, princípios, critérios que vão aparecendo na conversa.

Essa coisa que vários de vocês falaram “A gente faz planejamento com a participação da família, do jovem”, e eu fiquei pensando no nosso processo de crescimento da instituição, a Fernando lembrou, quer dizer, a gente

começa esse programa totalmente recém-nascido, o Instituto é criado e começa então esse programa Ser Capaz. Naquele momento quando a gente fez o primeiro edital, tinha até o nome de edital, era essa idéia de todo ano lança um edital, financia e tal, e vocês acompanharam e viram que a gente então já teve uma mudança de cara no primeiro momento de construir um caminho, acompanhar essas instituições. A gente fez uma opção de trabalhar mais tempo juntas para poder avançar.

Primeira coisa que eu queria dividir com vocês é isso. Talvez desnecessário falar, mas vale falar como que o Instituto – aí estou falando da equipe do Instituto, está aqui a Ângela que ficou lá desde o início, lá na criação do Instituto, depois a Lisel, que muitos de vocês conheceram, e a Roberta de lá para cá, como tem aí uma equipe do Instituto aonde o Tião se insere também, ele deixa de ser uma pessoa de fora, como é que a gente vai caminhando junto com vocês. Como esse Instituto que é um Instituto financiador, entre aspas, também vai aprendendo o que é esse mergulhar na realidade. Na verdade a gente não mergulha na realidade, mas a gente olha vocês e vai aprendendo como vocês estão lá pisando em cada um desses terrenos. Eu diria até que o Dynamo também partilha mais recentemente, quando uma instituição recém-criada como o Instituto Dynamo, também se dispõe não só a participar, apoiar financeiramente, ser um parceiro financeiro, mas também “Quero partilhar desse processo de aprendizado”. Aqui a sensação que a gente tem é que é um espaço privilegiado, uma janela para várias comunidades, várias equipes, vários profissionais que estão aí tentando encontrar esse caminho.

Hoje também foi muito interessante esse exercício da gente dialogar a partir da realidade de vocês com um texto de uma acadêmica, de uma antropóloga com uma carga histórica, com uma perspectiva histórica, que também é legal esse exercício, da gente dialogar da perspectiva micro para a perspectiva macro, olhar o país como um todo. A gente falou em 1500, fizemos lá a (inaudível). Então, acho que também desse ponto de vista é um privilégio a gente está aqui com a bagagem que vocês têm e podendo a partir desses aportes externos ir botando mais um pouco nessa coisa.

Queria primeiro nesse momento reafirmar isso, esse nosso aprendizado conjunto. Queria lembrar, e aí todo mundo já sabe, que a gente está encerrando uma etapa mesmo. Estamos caminhando para o final do ano, estamos fazendo um livro que vocês estão acompanhando, vocês são protagonistas desse livro, é exatamente o exercício de sistematizar essa primeira etapa. Vocês também estão acompanhando que estamos fazendo o planejamento estratégico, todos vocês foram ouvidos nesse processo de entrevista, de escuta. Na semana que vem vamos ter uma rodada com os conselheiros para definir os próximos 5 anos do Instituto.

No que diz respeito ao Ser Capaz tem uma questão que está aparecendo já há algum tempo, que eu tenho falado aqui e a Roberta também, que é a idéia de que já temos uma percepção de que vai haver o que chamamos de um corte geográfico, tentando exatamente para fazer jus ao aprendizado de aprofundar, tentar ganhar escala a partir de vocês, tentar estimular e apoiar, entender o que é fazer parceria na prática pública e privada, o que é influenciar política pública. A gente sabe que vai ter que de certa forma reduzir um pouco esse âmbito, essa coisa geográfica mais ampla e ficar em algumas comunidades. Vamos fazer esse movimento no próximo ano de ter um número menor de instituições apoiadas, porém fazendo uma aposta num médio prazo num salto aí de escala naquela comunidade a partir dessa instituição e com outras instituições, querendo muito que nesse outras instituições a escola pública seja um ator importante, enfim, que as políticas públicas estejam aí presentes. Eu diria que vamos estar em curtíssimo prazo, depois dessa rodada do planejamento estratégico, definindo como é que vai ser esse movimento, como é que vai ser esse critério de escolha que a gente vai ter que fazer, e como é que vamos caminhar daqui para frente. Essa é uma notícia.

A outra notícia que tem a ver com esse aprendizado, que eu comecei falando, é que o Instituto, a gente aqui que vem pensando sobre isso mais de perto, a gente tem clareza de duas coisas, que é preciso fazer um duplo movimento. Um movimento é de ir para frente, e portanto fazer essas escolhas, fazer essas mudanças no programa. Por outro lado temos clareza que não dá para abandonar todo esse aprendizado e esse espaço que foi criado. Tem aí uma percepção nossa de que um princípio que vai orientar essa reestruturação, que ainda que a gente esteja olhando diretamente com um volume de recursos um número menor de instituições o Instituto gostaria de continuar esse relacionamento de alguma forma com vocês. Nesse momento eu paro de anunciar coisas fechadas e passo a apresentar um convite a refletirmos sobre isso.

Primeiro. Gostaríamos e achamos que temos espaço para pensar algum tipo de continuidade nesse tipo de reflexão e diálogo. A gente precisa pensar como é isso para o próximo ano, mas gostaríamos de manter esse fio condutor de não sei quantos encontros, como que seria, e aí teria que ver também a disposição de vocês, em que medida estariam interessados de investir tempo nesse processo.

A segunda coisa é que temos aí uma agenda de monitoramento e avaliação aonde o cadastro foi o primeiro passo, que também tem uma percepção de que isso precisa de amadurecimento e precisa também de continuidade. Nesse sentido o Instituto se dispõe a ouvir vocês sobre isso, como é que vocês estão pensando em continuar com essas ferramentas, quais são as necessidades, quais são as demandas. A partir de ouvir vocês, não precisa ser tudo hoje vamos ter oportunidade também de individualmente conversar com cada um, de ver como o Instituto poderia estar definindo uma agenda de trabalho daí para frente. Estou falando tudo no agregado, é continuar estimulando o espaço conjunto de reflexão, continuar a apoiar a questão das ferramentas no conjunto.

Especificamente imaginamos também que poderia criar, isso já está criado esse ano e já oferecemos para as duas instituições que saíram, que foi o Dançando e a Casa da Cultura. Oferecemos um pequeno aporte financeiro, aí é um pequeno na ordem de 5 mil reais para as duas instituições que saíram, a título fundo de intercâmbio, que a gente chamou, que era uma coisa assim: o Instituto se dispõe a dar esse pequeno aporte financeiro se vocês quiserem fazer alguma troca, algum intercâmbio com alguma instituição do grupo ou com outra instituição de fora. É um pouco essa idéia de circulação de conhecimento e de experiências. A gente sabe que às vezes isso é potente, um pequeno investimento que permite um grupo ir daqui para lá, um grupo de jovens interagir com outro, enfim, convidar um profissional, fazer uma cartilha, organizar uma capacitação. Acho que aí vocês é que vão poder dizer, basicamente é isso. Isso já foi aprovado no conselho, nessa reunião de agosto. Para o ano que vem aquelas instituições que não vão continuar a receber um apoio financeiro para o projeto elas poderão ter acesso a esse fundo de intercâmbio.

É basicamente isso. Queria que não tivesse nenhum tom de uma conversa final, ao contrário, estamos bem no meio dessa história. Semana que vem tem o planejamento estratégico, a gente vai ter mais notícias sobre isso no nosso plano de 2008 e vamos estar conversando com cada uma das instituições até o final do ano.

Roberta Marques

Vamos marcar uma agenda de reuniões.

Beatriz Azeredo

Mas a moldura geral é essa, que eu queria um pouco partilhar com vocês nesse momento. Não sei se a Roberta quer falar mais alguma coisa.

Roberta Marques

É mais escutar vocês mesmo, até para ter percepções e opiniões gerais sobre o encontro, sobre o esquema de monitoramento, e dizer que alguém falou que não precisa todo falar sobre tudo isso, a gente pode falar individualmente

também, mas as reuniões sobre o processo individual vamos remarcar com todo mundo. Aqui a idéia é um pouco colher a idéia geral do que parece isso, que caminho a gente vai seguir e manter esse relacionamento (inaudível).

Spectaculu – Kátia Oliveira

Eu preciso sair porque meu filhote faz 15 anos hoje e eu vou dar uma força. Eu fico feliz, porque a primeira vez que eu cheguei aqui na reunião estávamos terminando um processo e eu fiquei muito aflita junto com a Fernanda dizendo “Meu Deus” a sensação era um pouco essa, de que a gente estava ficando no ar, ainda mais para mim, que naquele momento estava chegando. Agora eu fico muito contente de perceber que está havendo uma troca, que esse trabalho tanto mudou nosso trabalho como mudou o trabalho de vocês, já tem uma outra colocação, abriu muitas perspectivas na sua fala. Isso é muito bacana, porque não dá uma sensação de término, mas como você colocou. É muito gostoso estar aqui, gostoso no sentido de crescimento mesmo. Eu acho que é muito rica essa troca e a sensação de que ela pode permanecer é muito boa. Então eu queria agradecer e dizer que espero encontrar todos em breve.

Spectaculu – Kátia Oliveira

Isso, por exemplo, são coisas bacanas. Um aluno lá trabalhando com a Praticável, outro trabalhando com o NEAC, construindo a história. Obrigada.

Tião Guerra

No final dessa rodada, já estou avisando, vamos convidar cada projeto a trazer um tipo de celebração. É o nosso último encontro mais íntimo esse ano.

Spectaculu – Kátia Oliveira

Eu penso em troca, é a rede é a troca. Eu acho que precisamos disso para se fortalecer. Mas a primeira coisa que eu penso e que me nutre muito é ouvir, trocar, dividir, conquistas e desafios, é importante. Obrigada.

Tião Guerra

A gente vai seguindo essa toada aí que já começa, mas eu queria checar se vocês entenderam. Queria que alguém repetisse num minutinho do que entendeu. Qual foi o cenário que a Bia apresenta. Só para checar para ver se está todo mundo alinhado.

Voz feminina

Duas coisas que chamaram atenção. Esse espaço de reflexão que a gente conquistou ele permanece aberto a quem possa. E a questão do monitoramento da avaliação também foi uma conquista, mas que ainda precisa ser concretizada de maneira mais efetiva com indicadores mais claros, até porque também tivemos dificuldade nesse processo, esse processo também continua. Isso é até um alívio para nós, a gente investiu tanto tempo e ele não acaba aqui, em dezembro, ele continua. Pelo menos para a Praticável nós temos interesse de levar adiante esse monitoramento, essa avaliação.

Tião Guerra

Então os encontros e monitoramento. Talvez melhor fosse no pretérito, continuaria, porque o que agora eu ouvi para ver se continuaria ou não, não é que continua até a goela e vá goela abaixo continue. É continuaria. Continuaria? Então tem uma proposta nova, que a Bia chamou de fundo de intercâmbio. Queria ver se ficou claro para vocês o que seria.

Voz masculina

Eu entendi que na Cultura e no Dançando, que não estão mais no programa, mas tiveram esse pequeno aporte

para promoção desse intercâmbio. Esse intercâmbio, isso continuaria para aquelas instituições que possivelmente não seriam apoiadas no ano que vem ou inclusive para as que estão apoiadas e tivesse que sair do projeto. É uma coisa nova.

Roberta Marques

É uma coisa nova. É um fundo separado, é um recurso que é específico para uma atividade e é dado de uma vez só e tem uma prestação de contas única. Quem requisita o fundo é quem já fez parte do programa. Pode ser utilizado para fazer uma articulação de um intercâmbio com uma terceira que não seja parceiro do ID. Uma escola pública, você quer pegar esses 5 mil e fazer uma parceria com o CIEP, fazer um vídeo... Esse recurso é só para quem não receber o aporte maior. Ele pode ser requisitado uma vez por ano. Podem requisitar em 2008 e em 2009 também.

Roberta Marques

A idéia é que isso seja uma coisa rápida. Veio um projeto, a gente aprova, vê se tem a ver com o objetivo do fundo de intercâmbios, tem que ter mais de uma instituição envolvida na atividade. A gente dá o recurso e aquilo tem que ser executado no cronograma que foi estabelecido. É uma maneira também de circular conhecimento e também de manter o relacionamento com as instituições que vão passando pelo Desiderata.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Estava me sentindo órfã do Cadastro, mas com a proposta de que haja um acompanhamento, então já me senti um pouco aliviada.

Roberta Marques

Agora estamos partindo para o monitoramento, mas queríamos partir já de 2007. O que aconteceu é que lá atrás, por falta de experiência nessa área, achamos que a implantação não fosse ser, talvez, tão lenta como foi, apesar dela ter sido em dois anos, foi 2005, os critérios estavam no terceiro ano de cadastro e a gente já sentiu uma diferença, porque a equipe de algumas instituições já ficou mais consolidada, a pessoa que mexe no cadastro já está mexendo melhor, já está um pouco mais habituada com ele. Mas o monitoramento, que era uma previsão até para esse ano de estar tudo totalmente pronto não está, porque tinha gente que ainda estava com dificuldade no cadastro. Acabou que agora cada um de vocês agora está num estágio. Tem gente que está com o monitoramento mais avançado, que é o caso de vocês.

Bárbara – Crescer e Viver

Eu tenho uma pergunta. De 2006 para 2007 o nosso projeto se alterou um pouco e aí a gente vê que tem certas informações que não comportam. Se a gente tivesse esse projeto na época que construímos os indicadores a gente teria sugerido outras coisas. Ainda existe possibilidade da gente fazer esse tipo de alteração?

Roberta Marques

Eu acho que sim, eu acho que a gente pode inclusive marcar uma conversa. Todo mundo se prepara para isso e a gente discute um pouco. A idéia, Bárbara, é fazer uma coisa minimamente que atendesse projetos complementares da escola, que trabalhasse com criança, jovem ou responsável da criança e do jovem. Então é muito difícil saber um (inaudível) que atenda todo mundo. Nessa hora essa conversa vai ser boa, mas também vai ter que ver se tudo que for falado ali vai poder dar esse passo adiante. De repente tem uma coisa óbvia que todo mundo sentiu falta, necessidade e que agora “Ta, vamos fazer isso”.

Voz feminina

Só falando disso, parece que o rapaz que falou para a gente no encontro que a gente teve ou tem coisas específicas para a instituição? Quer dizer, mantém o Desiderata, mas vocês já têm uma base ali no sistema e poderia ver como a instituição ...

Voz feminina

Tem alguns instrumentos que a gente fez isso lá. Por exemplo, o instrumento número 3, a gente sentiu que é o do acompanhamento do social, a gente sentiu necessidade de mais uma informação. Então fizemos um instrumento interno, acrescentamos uma coluna. A gente atende as nossas informações, mas na verdade a gente só cadastra o que o banco de dados aceita, mas a gente tem essa informação. A gente fez isso tem uns 6 meses.

Voz feminina

Eliminamos duas fichas que estavam a mais...

Tião Guerra

Vocês estão reparando que a reunião técnica começou. Eu tenho uma pergunta super objetiva também, só que sobre cadastro, mas ela não apareceu ainda. Vamos ver se é ali que ela vai surgir.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Eu acho que uma das grandes pérolas foi o cadastro nessa caminhada aí. Hoje a harmonia, que não é minha, não é da Cris é da instituição inteira, inteira mesmo. Existirá um aporte financeiro para a gente poder continuar usando esse cadastro? Existe a possibilidade de um aporte financeiro para o ano que vem?

Roberta Marques

A gente ainda não sabe de verdade. Recurso ara uma pessoa, é isso?

Espaço Compartilharte - Lurdinha

Eu não sei se é uma ou se são duas pelo universo de pessoas que temos. Estamos nesse exato momento do monitoramento, que deu problema, deu problema, deu problema e agora estamos entrando no monitoramento. Eu lembro que há muito tempo atrás a gente discutiu que o ideal seria que esse banco fosse o banco da instituição e que fôssemos adaptando algumas coisas na medida da necessidade de cada instituição, adaptando as ferramentas do banco para darmos continuidade, principalmente depois da riqueza de 3 anos que tivemos. Semana passada a Cristiane sentou e fez uma capacitação para a instituição inteira, todo mundo, foi muito legal, os estagiários. Então está todo mundo assim muito apropriado da necessidade da gente continuar isso, e a grande pergunta do gestor é assim “Quem é que vai pagar banco de dados?” o financiador geralmente quer número, mas não quer número pagando banco de dados. Agora, por exemplo, entraram mais duas escolas na rede, que a gente está fazendo atendimento complementar por bairro, então nós vamos inputar até dezembro mais de 230 questionários. Como eu não sei!

Roberta Marques

Você me falou. Mas, Lurdinha, eu acho que são duas coisas. Uma é que teve um momento que existia um recurso nos projetos de financiar uma pessoa que ficava responsável pela digitação. Mas a aplicação, a idéia sempre foi embutida na equipe social. Então, se você tem uma assistente social, uma psicóloga, a idéia é essa...

Roberta Marques

Uma psicóloga, uma assistente, é o trabalho dela pago pelo projeto que seja, na instituição, já estaria inserido na prática dela essa aplicação desse questionário, como seria um questionário se não existisse cadastro, sei lá, seria um questionário de você, seu nome, endereço, então, isso não, isso eu posso te dizer que não vamos apoiar essa equipe

inteira que vai aplicar esse cadastro, porque é um processo inteiro de novo, aí é assistente social, psicóloga, etc., etc., ou seja, 5 pessoas, aí vai ser não sei quantos mil por mês e aí isso foge do recurso que poderíamos disponibilizar, por exemplo, para um apoio a um monitoramento, que é uma coisa que a gente nem sabe ainda se vai ter... O que eu quero dizer é que desse porte não, talvez possa existir um recurso pontual de apoio ou não existirá recurso financeiro nenhum e sim um apoio técnico, reuniões, treinamentos e o que a gente vem fazendo. Não estudamos ainda, não tenho essa resposta para dar hoje. Eu queria mesmo ouvir para ver o que fazemos com o monitoramento, a avaliação.

Tião Guerra

Eu aconselharia vocês ao invés de fazer perguntas fazer sugestões. Sugerir: “Quero dar continuidade nesse cadastro e a gente sugere tal coisa, a gente precisa tal coisa, é preciso atentar para tal coisa”, dar conselhos, porque elas estão numa fase de colher demandas e sugestões para fazer o desenho. Talvez uma pergunta à queima roupa agora pode até forçar uma resposta à queima roupa. Usem mais o tempo sugerindo do que perguntando.

Voz feminina

Sobre isso que a Roberta falou, essa coisa da Lurdinha, isso não poderia ser uma sugestão! A instituição está passando por esse processo ainda de cadastro, monitoramento, que ainda está nesse processo de fazer a coisa funcionar se ela não tivesse o apoio financeiro, se ela não poderia ter um apoio para um profissional ficar responsável para dar continuidade a esse processo dentro da instituição, por exemplo. Isso é uma sugestão, tá bom, não vamos ter mais o apoio para o projeto, mas é uma coisa de desenvolvimento institucional eu desejo continuar acho que isso é importante demais para a minha instituição e queria saber se o Instituto Desiderata pode financiar uma coisa que seja pequena, mas que eu tenha um profissional responsável por (inaudível) dentro da instituição para coordenar isso.

Voz feminina

A gente tem uma pessoa.

Voz feminina

Mas é o que eu estou dizendo. Se termina o financiamento do Circo Baixada e eu desejo continuar com isso, que isso é importante para o próprio desenvolvimento institucional, para a coisa de feira, de (inaudível), esse monitoramento é extremamente importante para qualquer instituição. Eu tenho uma ansiedade de ver quais indicadores são esses que vão surgir ali, se eles realmente vão ser compatíveis com aquilo que a gente de repente acha que está fazendo. A gente ainda não sabe. Então a primeira sugestão já é essa, que se mantenha esse processo, que se estenda o apoio para garantir tanto para a instituição como para o próprio Desiderata, por conta dessa coisa do monitoramento, indicadores que vão surgindo e mais tarde discutindo...

Tião Guerra

Sobre cadastro mais alguma sugestão? Eu queria voltar à história dos encontros.

Voz feminina

Esse apoio técnico que você falou de manter uma reunião é super interessante, mas eu acredito que, não sei como as outras instituições sentem, mas o que sentimos nessas reuniões de monitoramento é que a gente vem aqui a gente aprende muito, a pessoa volta e gosta da reunião, mas tem algumas questões que são no computador, são figurações que não batem, aí o que falou aqui é diferente. Então, acho que de repente a visita às instituições, um profissional, essa sugestão foi boa, mas se não der um profissional que visite a instituição, que dê uma olhada e resolva esses problemas, porque a gente vem para cá é legal, a gente aprende, mas às vezes chega lá na hora da prática a coisa é outra.

Voz feminina

Às vezes é um problema técnico também, às vezes clica e aparece uma mensagem que nunca apareceu. Às vezes manda para cá e não acontece...

Tião Guerra

Você está sugerindo que haja uma carga horária mensal disponível para uma demanda. Ela pode ser ou não usada. Satisfaria?

Voz feminina

Mas acho que alguém do Instituto Desiderata. Um técnico, um profissional que a gente possa ligar e entrar em contato com essa pessoa.

Voz feminina

Isso acontece, mas hoje (inaudível) fazer outras coisas e nem sempre a coisa acontece, mas acaba sendo um pouco mais demorada. Quando ela diz uma vez por mês eu acho que em princípio... Essa pessoa estaria fazendo monitoramento...

Voz feminina

Que ele esteja presente fisicamente.

Roberta Marques

Está dada a sugestão, mas hoje pelo que eu vejo já foi a muitas instituições mais de uma vez e é isso. Também tem um limite de atendimento, pelo menos nesses moldes que está atualmente e foi o que se propôs no início, a maioria das vezes a gente pede para resolver por telefone, pelo computador. Por isso é que é bom que a pessoa que esteja mexendo no programa ela minimamente saiba um pouco de Internet, saiba um pouco de mexer no computador. Às vezes já aconteceu milhares de vezes dele ir até o local, longe, e chega lá a pessoa tirou itens o e-mail e ficava dando tudo errado. Esse tipo de coisa é um custo para a gente muito alto, um custo de tempo também. Acho que tem que ter um limite entre nós, o aporte técnico, com quem está ali na ponta mexendo, tem que ter um investimento nessa pessoa que vai ficar ali por parte da instituição já que isso é tão valorizado por vocês, por nós também, uma pessoa que tenha uma facilidade com aquilo até para poder resolver isso à distância, porque é muito mais fácil por e-mail, por telefone. Acho que assim é muito mais rápido e fácil para todo mundo, tanto para vocês menos tempo quanto para nós menos dinheiro envolvido. Precisamos pensar nessas duas possibilidades. Está anotada a sugestão, mas é mais para refletirmos sobre isso.

Voz masculina

Tenho uma pergunta, mas não é de cadastro não. A Beatriz deu as notícias. O que eu entendi é que ano que vem vai haver uma redução de instituições apoiadas, e que vai ter um recorte geográfico. Eu queria saber se já tem essa definição de recorte geográfico e o que é isso. Vai intensificar o trabalho que as pessoas fazem nas comunidades e também a gente fez uma coordenação de trabalho com escola. Isso (é mais uma coisa que está angustiando, um problema inaudível).

Roberta Marques

Vai haver um corte geográfico e isso significa que essa região geográfica não está escolhida. O que imaginamos é que reduzindo, escolhendo alguns locais, dois, três locais vamos poder dar um pouco mais de atenção e intensificar o investimento num lugar só, tentando potencializar o que estamos fazendo aqui, não que o que estamos fazendo aqui não tenha sido rico e esteja acumulando conhecimento em várias áreas do Rio, mas como opção de realmente acompanhar mais de perto e fazer um investimento mais localizado para os lugares poderem envolver inclusive outros atores. Hoje só trabalhamos diretamente com as ONGs, portanto, em algum lugar podemos começar a ampliar o nosso conhecimento, coisas que a gente não tem perna hoje, para conhecer um pouco mais a escola, por exemplo, conhecer um pouco mais os outros atores que vão estar ali naquele local, não que a gente vá financiar uma escola, mas que esse aporte e esse projeto que está ali naquela comunidade possa envolver outros atores, ainda seguindo nessa mesma linha de raciocínio da articulação comunitária, e que a gente possa dar um gás mais nessa ligação entre os atores sociais no mesmo local.

Não sabemos ainda o critério. Pensamos muito nisso “Vamos escolher um território que tenha minimamente atores para poder trabalhar e já tenha a instituição que já conhecemos” ou então duas ou três que já conhecemos no mesmo local, ou então a instituição que tem mais perfil para isso, para trabalhar assim, porque não é todo mundo que quer trabalhar assim. Então a idéia é um conjunto de coisas que a gente também vai definir um pouco na semana que vem com essa reunião do conselho e o técnico de planejamento estratégico.

Beatriz Azeredo

Vamos fazer uma carta-convite. Estou aqui pensando na tua pergunta, acho que ajuda a esclarecer, recuperando até a nossa discussão do último encontro a gente falou no grupo movimento de todo mundo, que é atender com qualidade, fazer com qualidade o que já faz e o que é transbordar esse trabalho, ou a partir desse trabalho estimular que outros sejam beneficiados. A idéia do envolvimento comunitário.

O que eu queria compartilhar com vocês é que o Instituto, sem saber direito como, nesse sentido a gente abre o coração mesmo, a gente sabe o que estamos querendo buscar, mas ainda estamos definindo qual é a estratégia. Estamos pensando como a gente pode. Até então estávamos focados em X instituições, em fortalecer essa instituição para melhorar o atendimento para esse envolvidos diretamente. Ao longo desses 4 anos começamos a pensar no transbordar disso, quer dizer, a própria entrada da família, o que é pensar comunidade. Isso não pára aqui. Necessariamente no próximo ano, ao escolher algumas instituições vamos continuar financiando aquela instituição, o atendimento que ela faz, a qualificação, o fortalecimento institucional. Mas a provocação, e aí vem adequar vocação e a montagem daquela instituição, é que essa ação com qualidade para 100 atendidos possam contar no futuro para muito mais não atendidos diretamente.

Beatriz Azeredo

A instituição que é financiadora, portanto tem limitações para estar na ponta que nem vocês, mas como é que essa instituição olha esse movimento de vocês que está exatamente nessa direção, não basta rever diretamente, tem que formar liderança, não basta estar, tem que estimular autonomia, protagonismo, tudo isso que a gente falou, então no fundo a gente está pensando assim: como é que a gente acompanha esse movimento também? Uma resposta que está aparecendo razoável é que talvez uma forma seja, dado que a gente tem uma limitação de recurso então a gente vai focar em algumas comunidades, que a gente sabe que esse financiamento vai ter que expandir naquela comunidade ou naquelas comunidades. Aí entra a questão da escola. Quando a gente escolher aquela instituição e aquele projeto a gente está meio que escolhendo aquela comunidade a partir daquela instituição. Então a nossa visão de futuro é quem sabe dessa ação, dessa liderança, dessa instituição possam surgir demandas novas para o Instituto. Aí vai ser um ótimo problema, porque a gente vai ter que aumentar o recurso, mobilizar outras parcerias, renovação constante, a gente quer acompanhar esse movimento. E aí não dá para acompanhar esse movimento em 9 comunidades.

Ballet de Santa Tereza – Alessandra

Você pediu uma palavra, acho que vão ser duas. Vou trazer duas palavras. Uma é aprendizagem, esse é o segundo encontro e eu estou aprendendo. O outro é o crescimento, a gente aprende e vai crescendo. É assim, o Ballet só tem menos de 6 meses com o Desiderata, então é o nosso segundo encontro, e nesses encontros estamos aprendendo. Acho que esse é o fato, são os encontros.

CEASM

Eu tinha uma porção de coisas. É difícil falar uma coisa. Eu diria que isso aqui tudo que a gente viveu, esses momentos que nós vivemos, que cada um participou seria para mim uma espécie de estrutura social, onde nada é projeto, tudo é sugestão e (inaudível), acréscimo. Acho que só vai ser sentido esse trabalho que fazemos se você sente que aquilo está acrescentando.

Nenhum a Menos – Viviane

Então eu trago o que a gente chama de (inaudível), que é a rede que a gente (inaudível) comentar, crescer cada vez mais, que tem dado algum trabalho, mas também tem trazido algumas alegrias quando a gente consegue buscar mais uma instituição e consegue abrir os olhos para essa questão da desescolarização.

Redes da Maré – Edson Diniz

Eu acho que a questão da rede que a Viviane fala é um fato do nosso projeto mais importante, mais completo. A gente tem amadurecido muito com essa construção da rede e tem visto como que é difícil sair da ideia para a prática, como isso é um grande aprendizado. Falar em rede é muito legal, mas ir para a prática, construir a rede é um grande aprendizado, é um desafio gigante que a gente tem aprendido muito. Acho que o grande fato é esse amadurecimento que a gente está construindo e para nós está sendo fundamental aprender com esses desafios, terminar de fato na realidade.

Fernanda - Praticável

O nosso é o Qual é a boa. É uma prova viva de uma conquista e articulação. Acho que é uma sementinha ainda de articulação comunitária, mas muito interessante, porque é um espaço que foi solicitado, e é um espaço que percebemos que pode trabalhar não só reflexão mas ação, porque vemos que existe no momento essa ausência, que não sabemos se é uma ausência ou se é um escondidinho, como a própria comunidade diz “De repente está lá no próprio escondidinho”. Acho que nessa cartilha é pouca coisa, mas é um início, são elas falando do ambiente que elas vivem, do que elas pensam, o que elas querem, e falam de coisas que vão desde a Internet, da questão do vício, da necessidade de estar no computador, falam da sexualidade, da gravidez. Me parece que pela primeira vez estamos conseguindo realmente sair de dentro da Praticável e ser a Praticável...

Elaine - Praticável

Queria dizer que o motivo de celebração realmente é o Qual é a boa. Essas comemorações de cinco anos comemoramos muitas coisas legais nos 3 núcleos. O Qual é a boa foi um xodó pelo trabalho que desenvolveu ao longo desses meses. Estava vendo a Bárbara folheando uma cartilha e falei “Fernanda, nem acredito! Há minutos atrás parece que a gente estava escrevendo, desenvolvendo esses detalhes, isso é lindo, Qual é a boa dentro projeto”. Agora estamos com a cartilha pronta ao longo desses meses de muito trabalho que fizemos com as meninas, que não é um grupo de meninas é de meninos também, mas só tem meninas por enquanto.

E é muito bacana. Queria contar rapidamente uma coisa que foi muito legal. Fomos fazer a camisa do Qual é a boa e perguntamos para as meninas qual era a frase que elas sugeriam como subtítulo do Qual é a boa. Tínhamos pensado em títulos super interessantes, legais para a instituição. Aí elas falaram “O subtítulo vai ser Firme na Paçoca” e aí a gente levou um susto a princípio, e esse é um código que elas têm entre elas, de verdade e que é sério, que cada integrante do grupo que entra e se não for firme na paçoca não entra. O firme na paçoca é o seguinte: se você não estiver firme na vida, com sonhos na vida, em tudo, a paçoca esfarela. E a gente colocou na camisa o firme na paçoca, depois até a gente colocou educação e reflexão na adolescência, mas a gente manteve o firme na paçoca delas e espero que tenha vida longa. Acho que esse é um motivo de celebração da Praticável nesse momento.

Espaço Compartilharte - Lurdinha

O motivo desses 3 anos e tal aí junto é porque temos falado muito sobre conselho, atuação lá fora, construção da democracia, e eu acho que o que refletimos, pensamos e comentamos sobre o que está acontecendo lá fora está acontecendo aqui dentro também. Acho que esse também é um espaço de consolidação e construção de uma forma democrática nova de agir no terceiro setor. Eu vejo esse paralelo aí.

Cristiane - NEAC

Eu trago facilitação a uma medalha dos (inaudível) que a Amanda ganhou no Festival Transamérica na Argentina, dizendo que isso não foi uma coisa construída em um dia, a história do Ballet com o NEAC começa a 7 anos atrás com o prêmio do Luciano Hulk e depois por ser uma oficina muito cara tivemos que parar e retoma agora com o Instituto Desiderata em 2006. O que a Amanda teve foi a oportunidade. Acho que essa medalha tinha que estar em cada criança que vocês atendem porque elas sobrevivem apesar... Tinha que estar no peito de cada mãe de cada pai, cada educador, cada um de vocês que está aqui, da cozinheira, do coordenador, da assistente social, dos financiadores, ou seja, das pessoas que acreditam que a transformação do mundo é você. Eu trago a medalha. Eu trouxe para mostrar só para ela escondido, mas vocês me possibilitaram esse momento. Ela é de vocês também.

Eu queria falar um pouco. A gente estava na maior guerra com ela aqui, porque se ela não falasse quem ia falar era eu, a respeito da Amanda. Eu acho que foi uma grande realização da gente, não foi só uma não, ela mostrou, mas de ouro foram duas, duas de bronze e de 8 danças ela ganhou 7 premiações. Acho que foi uma grande realização nossa. Tem que falar até porque é nossa criança e temos orgulho, além de ser filha dela, mas a gente tem que falar da nossa criança, o que nós estamos proporcionando para essa menina, até onde ela pode chegar, porque nossos sonhos vão, viajam e acho isso muito bom. E tem as outras que estão caminhando também.

Bárbara – Crescer e Viver

Estava tentando pensar algo marcante nesses 4 anos de parceria com o Instituto Desiderata. Me dei conta que é tão difícil chegar a um evento, que é praticamente a idade do Crescer e Viver. O Desiderata foi o primeiro parceiro do Crescer e Viver, o Crescer e Viver tinha 6 meses de vida. Muita coisa aconteceu nesse tempo e muita coisa se confunde na nossa história, porque aconteceu também por conta da parceria. Eu acho que o que temos mais para celebrar é um grande amadurecimento institucional. Eu olho hoje a instituição e olho na época que eu entrei, porque também entrei na instituição na época que o Desiderata entrou. Hoje eu vejo uma outra coisa completamente diferente, a mesma organização com bagagem, história, ideologia, mas com um nível de amadurecimento gigantesco maior e muito se deve ao apoio do Desiderata e de todos os parceiros que estão aqui. Essa é a maior celebração que posso pensar.

Vinícius – Crescer e Viver

Vou ser bem mais sucinto, mas como bom palhaço é fazer uma celebração a quem inventou o óleo de peroba, porque a gente é muito cara de pau mesmo de teimosia. Acho que aqui se a gente não for teimoso, cara de pau de estar lutando para garantir os direitos e para a nossa causa a gente não estaria aqui. Tem que ser teimoso, firme na paçoca, e ser teimoso, porque senão a gente se sente sozinho e se sente enxugando gelo. Quantas (vezes disse que era o último dia?) porque tinha que trabalhar em banco. Simbolicamente eu acho que a gente é verdadeiramente cara de pau, teimoso e acho que essa teimosia tem que fazer uma celebração. Acho que uma coisa simbólica que aconteceu esse ano no Crescer e Viver foi o espetáculo Vida de Artista, que ficou está em cartaz. É um grupo de 17 jovens, quase metade de São Gonçalo e outra do Rio de Janeiro e que a gente viu que é possível, e vou até puxar um saco da Beatriz por transformar com arte, que foi a primeira participação do Crescer e Viver (inaudível) e vi que isso é possível sim, mas não o espetáculo em si, o produto final, mas todo o processo de juntar no início 25 jovens na construção de um espetáculo e fazer. No sábado teve a abertura com a Praticável e outros intercâmbios que a gente conseguiu fazer. Essa é a celebração que eu faço.

Gláucia – Circo Baixada

Eu como não tão nova, mas como instituição tão nova aqui, acho que a gente traz para comemorar essa possibilidade de diálogo com várias outras instituições e essa abertura de um novo espaço que foi essa parceria com o Desiderata, porque a Baixada Fluminense ela fica muito isolada do Rio, não só pela pobreza, pela dificuldade de

transporte, pela Dutra e a Avenida Brasil engarrafadas, enfim, mas é um lugar de muito pouco investimento e as instituições lá dentro da Baixada Fluminense até tentam dialogar entre si, mas às vezes vir para cá é muito difícil. Dialogar com outras instituições aqui, saber como as coisas estão acontecendo aqui, como que a gente pode articular lá e aqui é muito difícil, então essa aproximação do Desiderata possibilitou isso, possibilitou ir para Teresópolis, possibilitou estar fazendo essas trocas, não que a gente não trocasse antes, mas realmente abriu essa porta de diálogo e lá no Circo só temos que comemorar.

O motivo da celebração já está fazendo parte da grande família do Desiderata é o desafio que foi lançado para a gente, que é fazer um trabalho numa comunidade. O grande desafio é estarmos juntos com essa comunidade e a comunidade se reconhecer. Esse é o motivo para celebrar, que hoje estamos caminhando, estamos juntos com a comunidade e tem um grupinho já conseguindo se perceber enquanto cidadão capaz de mudar a sua história e reescrever a história da comunidade. Então são dois motivos para celebrar isso aqui.

Maria Esenir - Afroreggae

Eu tenho dois motivos. Com o Criança Legal, que acabou que quando eu entrei o Desiderata estava investindo dentro do projeto Criança Legal. O espaço de troca, o pouco espaço que eu tive com o Criança Legal trazia a equipe toda de educadores, coordenação, refletir junto com as famílias daquelas crianças de 4, 6 anos a importância da educação uma vez que o projeto era bem direcionado na área educacional. Hoje, passado um ano praticamente, eu vejo, como encerrou-se em abril do ano passado, essas crianças e a resistência das mães dizerem que não iam levar para a escola, porque a gente teve que falar do projeto e hoje todas elas estão inseridas na escola. A mãe acabou tendo uma mudança de pensamento. Quando o Desiderata formou uma proposta institucional, que foi o fortalecimento técnico, hoje a equipe está com um número maior, nós tivemos avanço com um pedagogo em cada núcleo, antigamente era a Nizete e depois assumi, Nizete com a coordenação e hoje nós temos um pedagogo em cada instituição, fortalecendo a área educacional. E por outro lado a equipe, as do início que já saíram e estão em outras instituições, e os que chegaram agora vêm pegando a bagagem do ano passado e o do ano passado falando qual era a proposta do Desiderata e nós conseguimos amarrar, colocar no papel o que o psicólogo faz dentro de um trabalho social, o que um pedagogo faz num trabalho social, o que um assistente social faz. Então falar é fácil, mas amarrar... Isso foi amarrado e está registrado num documento que hoje a instituição tem, porque nem a própria instituição conseguia dizer exatamente o que é que tem para fazer. Hoje a gente não só fala está escrito no papel. Esse é o motivo que a equipe técnica vem celebrar, esse documento está feito.

Beatriz Azeredo

Então acho que foi uma porta aberta, é essa sensação que eu tenho. O Instituto construiu um relacionamento com cada uma das instituições e isso é uma porta aberta, vejo uma continuidade. Isso é um motivo de celebração.

Roberta Marques

Para mim é o livro também. Essa coisa do livro é muito especial porque eu pude rever os 4 anos do Desiderata. Tive que pegar desde outubro de 2003, quando foi feito aquele seminário lá na FIRJAN, e olhar todo esse material, colher todos os depoimentos, fotos, montar texto, eu, Bia e duas jornalistas que estão apoiando e mais a designer que estava fazendo a parte gráfica. Para mim foi um privilégio olhar para traz e ver quanto a gente avançou e quanto temos de resultado em tão pouco tempo de investimento, o que só mostra que estamos no caminho certo a seguir.

Sheila Najberg – Instituto Dynamo

Para a gente foi um enorme aprendizado foi um ganho, a gente levaria anos e anos para conseguir trilhar sozinhos e só foi possível com a experiência da Roberta e da Bia. Perceber como a cada encontro vocês cresceram,

realmente mostra que é importante essa troca. Que independente do caminho, seja você apoiando circo, criança, jovens, você tem um espaço, seja 3 meses ou a cada 6 meses de troca é rico para todo mundo, inclusive para a gente enquanto instituição financiadora. A gente cresceu muito rápido, podendo participar dessas reuniões.

Paula Rocha – Instituto Dynamo

Eu compartilho com o que a Sheila falou. Estava até olhando as minhas anotações. Na verdade a Bia me convidou a assistir em novembro de 2005, a minha primeira reunião. Hoje, ouvindo vocês eu vejo que mudou muita coisa. Para mim é um grande aprendizado, sempre foi, mas acho que as instituições cresceram, estão discutindo as coisas mesmo tendo modelos diferentes. Acho isso muito legal. Na reunião de hoje deu para ver que mudou a caminhada de todo mundo, inclusive a nossa, que para a gente essa possibilidade de (estar?) com o Desiderata (inaudível).

Ângela Nogueira

Estava aqui lembrando a gente escrevendo o projeto e com medo de usar a palavra rede, vamos botar rede, não vamos botar rede, era uma coisa nova que a gente queria botar, além de só financiar projeto. Esse eu acho que é o maior motivo para celebração é ter insistido que essa parte do Ser Capaz tivesse a formação dessa rede.

Fernanda - Particável

Eu queria acrescentar que um pouco do que a Bárbara falou que a gente ficou muito no recente aqui do Qual é a boa, acaba sendo uma consequência, mas que a nossa missão hoje, se a gente comparar a primeira página, ler a missão, comparar com o primeiro projeto que enviamos para o Instituto Desiderata, como mudou, como foi criado um caminho nesse processo de construção dessa missão que hoje está aqui, que foi construída coletivamente a partir de uma reflexão do que a gente fazia. Acho que tem muito da fala da Bárbara, como a gente pôde crescer e como esse crescimento se deve ao amadurecimento que tivemos aqui, essa parada que tivemos para pensar sobre a nossa prática e como ainda tem desafios, porque acho que é constante. Daqui um ano talvez, novamente, a gente está revendo se alguma coisa mudou. A questão da rede como eu fico feliz porque há um ano atrás eu ficava assim “Mas essa rede não aconteceu”, a sensação que eu tinha era que a rede não estava acontecendo, e hoje temos exemplos vivos de termos feito uma capacitação lá no Espaço Compartilharte sobre políticas públicas, da Spectaculu ter jovens de lá filmando e trabalhando agora com as meninas do Qual é a boa, fazendo entrevistas com ex-alunos da Particável para saber onde eles andam, o que fazem, e o que eles querem para a comunidade também. Crescer e Viver ontem a gente estava lá se apresentando na abertura da Vida de Artista. Então a coisa está acontecendo. Sinto realmente a diferença daquela ansiedade antes de querer ver essa rede acontecer e a coisa ficava muito só aqui ainda naquele espaço de reflexão e naquela angústia de deixar eles jogar a rede. Talvez eles estivessem só tecendo a rede ainda.

Tião Guerra

Eu também trago para celebrar com vocês os nossos encontros. Cada um dos nossos encontros foi para mim de muito crescimento, acho muito ingênuo, bobinho às vezes, então quando venho aqui o nível de profundidade, de qualidade que a gente foi juntos construindo para mim reverbera no meu trabalho para qualquer canto que eu vou. Também quero agradecer a vocês o quanto cada um de vocês, cada uma de vocês contribuiu para isso. Super obrigado.

O ideal seria que a gente fosse agora para o lanche, mas tem uma pequena avaliação.

Avaliação do II Encontro de Parceiros

Segunda - Feira, 22 Outubro de 2007 das 08:30 h às 17:30h

Local: R. Jardim Botânico 674, cobertura

Preencha o questionário abaixo atribuindo grau de 1 a 4 para cada item (sendo “1” o grau mais baixo e “4” o mais alto). Caso atribua nota 2 ou 1 para algum item, por favor, comente sua decisão ao final do instrumento. Sua avaliação é fundamental para o planejamento dos próximos Encontros.

Parte I – Em sua opinião, em que medida os objetivos dos Encontros foram alcançados?

Objetivo	4	3	2	1
Aprofundar conceitos fundamentais do programa				
Conhecer e colaborar no aperfeiçoamento do Programa em 2008				
Celebrar as aprendizagens e conquistas de 2007				

Parte II – Em sua opinião, em que medida os princípios gerais dos Encontros foram cumpridos?

Princípio	4	3	2	1
Foram criadas oportunidades para a construção de conhecimentos				
O facilitador Tião Guerra contribuiu com conteúdos e metodologias pertinentes				
Cada participante teve a oportunidade de contribuir e aprender				

Parte III – Como você avalia os seguintes itens de suporte aos participantes:

ITEM	4	3	2	1
Localização				
Refeições				
Salas de trabalho				
Agenda/dimensionamento do tempo				
Material disponível				
Organização geral				

Parte IV – Resultados

Que atividade(s) e momento(s) você considerou mais significativo(s)? Por quê?

Que importância teve este Encontro para o seu projeto e a sua Instituição?

O que ficou em aberto para você? Que perguntas você tem agora?

Por favor, se achar necessário faça algum comentário sobre o trabalho do facilitador, sobretudo no sentido de aperfeiçoá-lo.

Tião Guerra:

Por favor, faça comentários ou sugestões sobre a metodologia, o conteúdo e a infra-estrutura deste seminário.

Obrigado!

Equipe do Instituto Desiderata.

*III Seminário Ser Capaz
debate sobre Parcerias
para Educação*

Segunda - Feira, 17 de Dezembro de 2007

III Seminário Ser Capaz debate sobre Parcerias para Educação

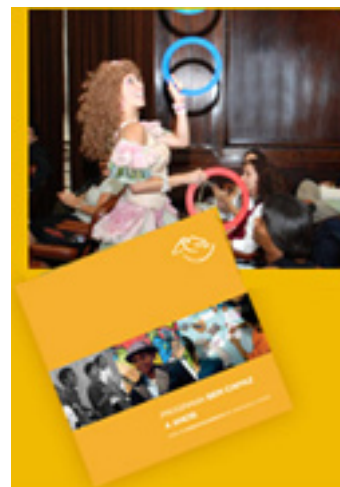
O III Seminário reuniu cerca de 100 pessoas representantes de 26 organizações sociais, 7 instituições financiadoras e 6 do setor público. Para o debate, estavam presentes o chefe de gabinete do Secretário Estadual de Educação Marilson Santana, a coordenadora geral do Cenpec Maria do Carmo Brant, a presidente do CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente do Rio de Janeiro) Vânia Farias e a presidente do Espaço Compartilharte Lurdinha Castro.



O dia também contou com a apresentação de malabares dos artistas circenses do Crescer e Viver e com os jovens da Spectaculu, que formaram a equipe de apoio e realizaram a filmagem do evento. O evento foi muito especial ao Instituto e seus parceiros, pois também celebrou o lançamento do livro de 4 anos do Programa Ser Capaz, uma publicação que reúne a trajetória e a forma de trabalho de sua Área de Educação.

- Livro de 4 anos do Programa Ser Capaz

O livro reúne a trajetória de 4 anos do Programa Ser Capaz em 104 páginas que detalham a forma de trabalho da Área de Educação, os projetos apoiados, as ferramentas de fortalecimento institucional elaboradas, o trabalho em rede entre os parceiros e a produção e disseminação de conhecimento com as metodologias e os seminários realizados. Todo esse trabalho foi ilustrado com fotos do acervo de registro do Instituto (parceria com os fotógrafos populares do Observatório de Favelas) e também com depoimentos dos próprios parceiros. O livro tem versão em inglês e foram impressos 600 exemplares. A coordenação do livro foi feita pela gerente Roberta Costa Marques e Beatriz Azeredo, diretora do ID. Para apoio à elaboração e revisão de textos, as jornalistas Célia Abend e Vera Gudin fizeram parte da equipe.



- Lançamento do Edital 2008

Em 20 de dezembro de 2007 foi lançado na internet o Edital para Seleção de Projetos do Programa Ser Capaz 2008. O Programa, agora focado em Parcerias para a Educação, representa a continuidade da experiência acumulada nos últimos 4 anos. O Instituto permanece com o apoio a organizações do Terceiro Setor comprometidas com o pleno Educação e dá um passo à frente, estimulando novas formas de fazer no campo social através das parcerias público-privadas. O Edital é destinado a organizações não-governamentais sem fins lucrativos, legalmente constituídas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que apresentem projetos com foco em parcerias público-privadas para a educação de crianças e jovens de 6 a 18 anos. Serão selecionados 4 projetos em 2008.